SET

EDITORA AZUL

58330001 - Ed. 35 - Ano IV - Nº 5 - Cr$ 170,00

O REI DE HOLLYWOOD
JACK NICHOLSON

Milionário, o megastar de 53 anos faz o que quer na capital do cinema e é protagonista e diretor da continuação de Chinatown, The Two Jakes

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS

BOB RAFELSON
ALEC BALDWIN

MITOS
JAMES DEAN

VÍDEO
UMA COMÉDIA DE ERROS

POR QUE AS LEGENDAS DA MAIORIA DAS FITAS SÃO TÃO DESTRAMBELHADAS

Isso é apenas um trail de fazer com uma

1. As crianças resolveram dar um banho no Tarzã. Aí eu não tive dúvidas: peguei a Handycam, marquei data e hora no visor, apertei o ''Rec'' e deixei rodar.

2. O banheiro estava escuro. Ainda bem que a Handycam grava mesmo com baixa iluminação. Senão esse filme já tinha ido pro beleléu.

5. A cara do Tarzã estava demais. Aí eu dei um zoom nele. A imagem chegou tão perto que, mais um pouco, o Tarzã lambia a câmera.

6. Esta cena foi um deus-nos-acuda. Mas o microfone da Handycam é tão sensível que gravou tudo. Desde o barulho do jornal até o palavrão do Roberto.

A Sony Handycam é a primeira Camcorder 8mm do Brasil. Sua imagem é nitidamente superior a todas as outras, graças à tecnologia Sony e ao revolucionário sistema 8mm.

Ela é compacta, leve e grava até 2 horas. Todas as suas principais funções são automáticas: iluminação, foco, tracking e balanço de branco. A sensibilidade à luz é das mais altas, e a velocidade do obturador extremamente rápida. E você pode ligar direto na TV, sem transcodificação, pois é a única cujo sistema já é originalmente PAL-M.

Sony Handycam. Já em cartaz, nas melhores casas do ramo.

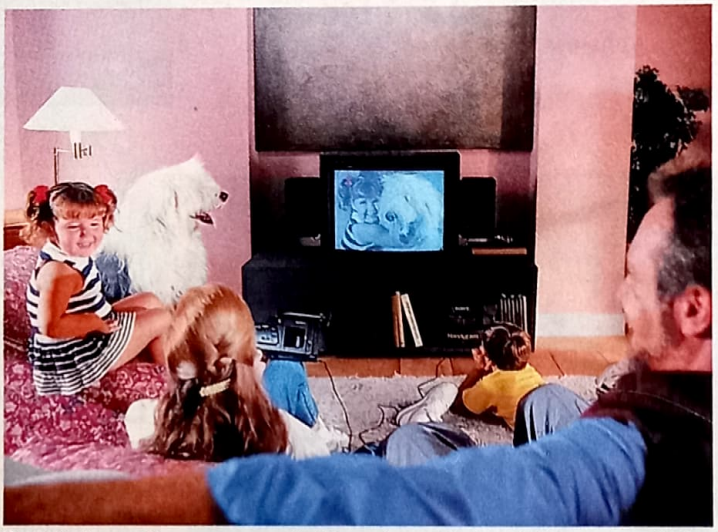
er do que você é capaz Sony Handycam.

Laudenir Francisco Marcelino

3. O Tarzã saiu voando que nem louco pela casa. Mas a Handycam pegou tudo direitinho. Claro, pois ela grava muito bem objetos em velocidade.

4. Eu segui o Tarzã pela casa toda. Nem senti que estava com a Handycam na mão. Ela é tão leve. Até a minha filha poderia fazer este filme.

7. No final, foi só ligar a Handycam direto na TV.



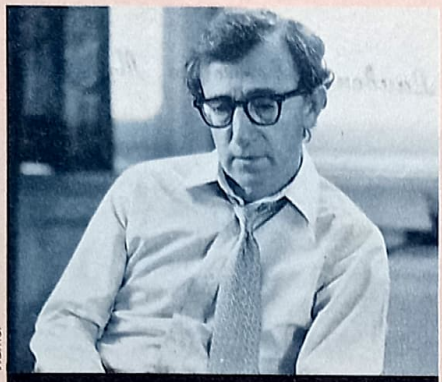
8. O Roberto disse que parecia filme de profissional. Mas a caçulinha não deixou por menos: ''É. Mas foi a mamãe quem fez, viu?''.

Produzida na Zona Franca de Manaus.

Handycam Video 8

SONY

LIBERA SUA CRIATIVIDADE.



Warner

O meditabundo Woody trabalhará com Bette Midler

WOODY ALLEN ATUA EM FILME ALHEIO

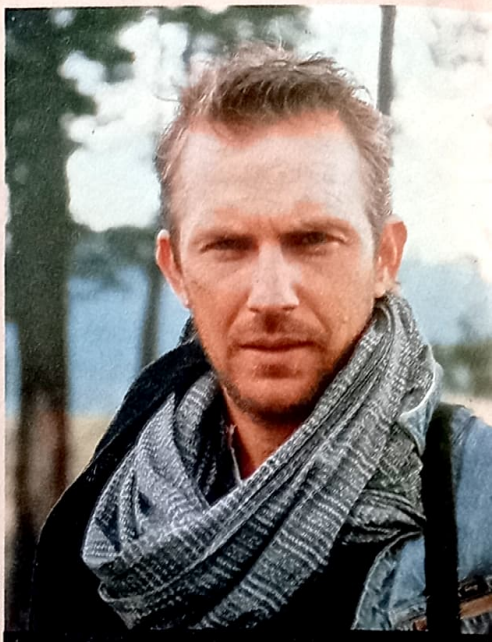
Woody Allen será o protagonista do próximo filme de Paul Mazursky, *Scenes from the Mall*, no papel de um advogado casado com uma psiquiatra (a ser interpretada por Bette Midler). Precisa dizer que se trata de uma comédia?

SCORSESE VOLTA À IDADE DA INOCÊNCIA

Martin Scorsese muda de gênero e de época, mas não muda de cidade: ele realizará ainda neste ano a comédia romântica *The Age of Innocence*, ambientada na alta sociedade nova-iorquina do final do século passado. O filme é inspirado no romance homônimo de Edith Wharton, ganhador do prêmio Pulitzer.

Liaison Gamma-Sigla

Martin Scorsese, fiel aos hábitos e a Nova York



Columbia

Kevin Costner ataca de produtor, ator e militante

COSTNER VIRA REVOLUCIONÁRIO IRLANDÊS

Kevin Costner a todo vapor: ele vai produzir e estrelar, até o final do ano, o drama histórico *Nick*, sobre a luta do revolucionário irlandês Michael Collins pela independência de seu país. O roteiro, assinado por Eoghan Harris e Robert Dilton, já está pronto, mas o diretor ainda não foi escolhido. As filmagens devem começar em setembro, na Irlanda.

Art Films

A blonde *Michelle vive um inesperado romance inter-racial*

MICHELLE PFEIFFER VAI AO ENTERRO DE KENNEDY

A musa loira **Michelle Pfeiffer** é uma jovem frustrada que faz uma peregrinação aos funerais do presidente John Kennedy, em 1963, na esperança de mudar radicalmente de vida. No caminho para Washington, ela encontra casualmente um negro que acaba de resgatar a filha das mãos de um padrasto tirânico. Esta é a sinopse de *Love Field*, drama estrelado por Michelle e dirigido por Jonathan Kaplan. As filmagens estão em andamento em Washington, Virgínia e Carolina do Norte. Em tempo: Love Field é o nome do campo de pouso de Dallas onde Kennedy desembarcou para a sua fatídica visita à cidade, em 1963.

PARAMOUNT INVADE A EUROPA

Enquanto grandes estúdios de Hollywood são comprados por japoneses (Columbia) e italianos (MGM), a Paramount resolveu inverter a tendência e estender suas atividades à Europa. A companhia acaba de criar uma divisão européia, instalada em Londres, com o objetivo de produzir filmes naquele continente, cooptando cineastas, atores e técnicos europeus.

DICK TRACY TENTA SUPERAR BATMAN

O mais novo lance publicitário da maciça campanha de promoção de *Dick Tracy* é a divulgação das primeiras fotos extraídas do filme, com **Warren Beatty** no papel-título. Baseado na história em quadrinhos homônima, o filme, dirigido pelo próprio Beatty, traz ainda no elenco Madonna, Al Pacino e George C. Scott. A estréia mundial de *Dick Tracy* deve ocorrer em julho, e a produtora Touchstone espera conseguir com ele pelo menos o mesmo sucesso que *Batman* obteve em 1989.

Warner

Dick Tracy (Warren Beatty) começa a mostrar sua força na luta pelas bilheterias

ANDY GARCIA VOLTA ÀS ORIGENS CUBANAS

Os cubano-americanos **Andy Garcia** e Steven Bauer, amigos desde a infância, vão estrelar um drama ambientado na Cuba pré-Fidel Castro. O roteirista do filme, que ainda não tem título, é o famoso escritor cubano (nacionalizado britânico), Guillermo Cabrera Infante.

UIP

O cubano-americano Garcia vai à ilha de Fidel

"Sou sensível às nuances, às fragilidades de um personagem. Sou um sujeito que se exprime também — mas só — com palavras. Rambo é um drama elizabetano sem texto, quase uma peça de mímica."
Sylvester Stallone

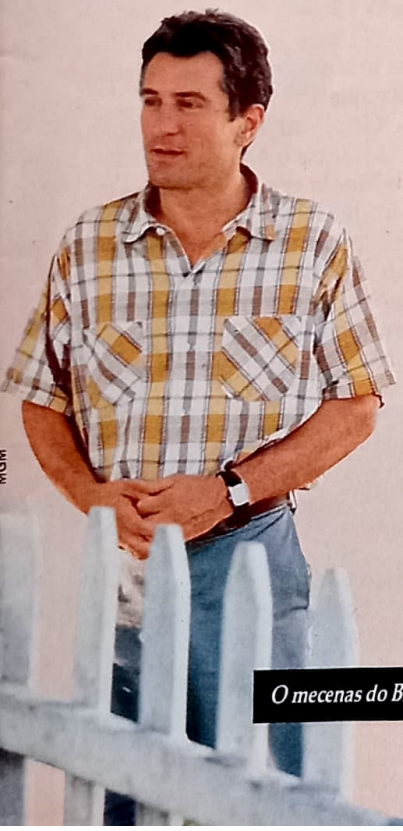
Columbia

GLENN CLOSE QUER ESTICAR O FIO DA SUSPEITA

Glenn Close tenta convencer a Columbia Pictures a produzir a continuação de *O Fio da Suspeita*, drama judiciário que ela estrelou em 1989, ao lado de Jeff Bridges, Robert Loggia e Peter Coyote. *La* Close está disposta até mesmo a financiar parte do orçamento do filme.

Columbia

Glenn Close vai bisar o affair com Jeff Bridges?



MGM

CASA DE DE NIRO COMEÇA A FUNCIONAR

Vêm aí as primeiras realizações da casa de produção Tribeca Film Center, criada por **Robert De Niro**. O próprio De Niro vai dirigir *Tales of the Bronx*, baseado numa peça teatral de Chazz Palminteri. Como ator, o dono da casa contracenará com Danny De Vito em *The Battling Spumonti Brothers* e com Dustin Hoffman em *Gold Lust*. Além disso, Chris Menges (diretor de *A World Apart* e fotógrafo de inúmeros filmes) realizará para a Tribeca *Thunderhearts*, a história de um agente do FBI que descobre sua ascendência indígena.

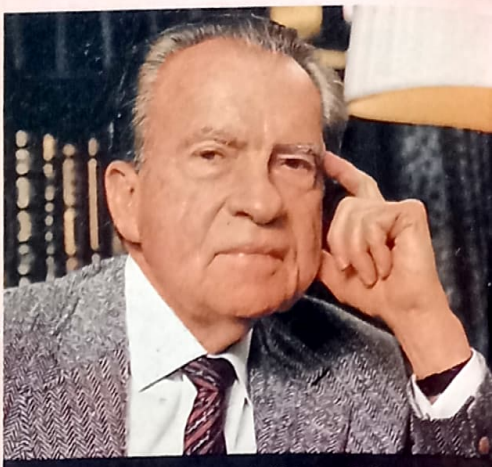
O mecenas do Bronx, De Niro, vai produzir uma penca de filmes seus e dos amigos

Columbia

Tom Hanks vai queimar na Fogueira das Vaidades

TOM HANKS NA FOGUEIRA DE BRIAN DE PALMA

Tom Hanks, **Melanie Griffith** e **Bruce Willis** devem ser as estrelas do esperadíssimo *A Fogueira das Vaidades*, que Brian De Palma realiza, cercado de segredos, a partir do best-seller homônimo de Tom Wolfe. O garotão Hanks será o protagonista, Sherman McCoy, Melanie encarnará sua amante Maria, e Bruce Willis fará o jornalista Peter Fallow.



Liaison Gamma-Sigla

Dick Nixon, de Watergate à glória em Hollywood

VIDA DE NIXON VAI VIRAR FILME

Parece piada, mas vem aí *The Passion of Richard Nixon*, cinebiografia do ex-presidente americano, a ser produzida por **David Permut** para a Hollywood Pictures. O filme deve mostrar a trajetória de Nixon desde a adolescência, passando pelos bancos da Duke University of Law School, até a melancólica renúncia depois do escândalo Watergate. Ainda não se sabe quem vai fazer o papel do infeliz.

AGUARDE

Warner

Eastwood

Clint Eastwood e **Charlie Sheen** serão os parceiros que trabalham para a lei no policial *The Rookie*, dirigido pelo próprio Eastwood.

Fox

Sheen

Marcello Mastroianni contracenará com **Julie Andrews** em *Tchin-tchin*, adaptação do texto teatral de François Billetdoux a ser dirigida no cinema por **Gene Saks** (o realizador de *Descalços no Parque*).

O eterno dr. Spock, **Leonard Nimoy**, prepara mais um filme como diretor: *New York Times*, em que **Gene Wilder** interpreta um homem indeciso entre o amor de três mulheres (**Farrah Fawcett, Mary Stuart Masterson e Christiane Lahi**).

Mastroianni

Columbia Tri-Star

Wilder

Ornella Muti e **Massimo Troisi** são os protagonistas de *Il Viaggio di Capitan Fracassa*, que **Ettore Scola** finaliza em Cinecittà. O roteiro baseou-se no romance de Théophile Gautier.

O polonês **Andrzej Wajda** planeja um documentário sobre o massacre de oficiais poloneses na floresta Katyn, ordenado por Stálin em 1940.

Alvorada

Barbara

Barbara Sukowa e **Jean-Marc Barr** estrelarão *Europa*, do dinamarquês **Lars Von Trier**, diretor de *O Elemento do Crime*.

Fox

Dafoe

Jean Reno (de *Imensidão Azul*) e **Marlee Matlin** (de *Os Filhos do Silêncio*) são os protagonistas de *L'Homme au Masque d'Or*, primeiro filme de **Eric Duret**.

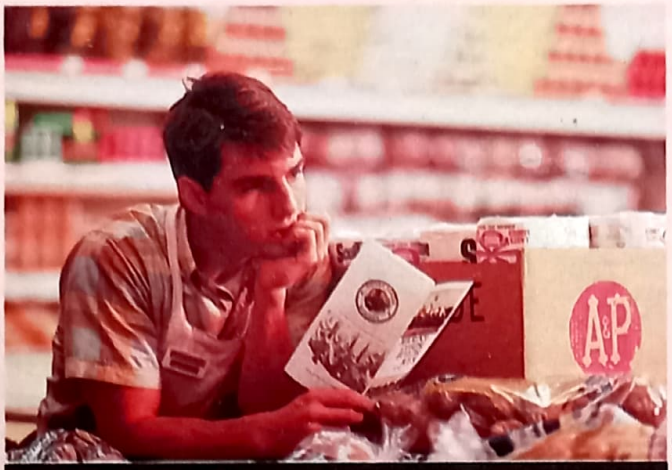
Willem Dafoe contracena com o jovem **John Cusack** em *Arrive Alive*.

POLANSKI FAZ ESPOSA BISBILHOTAR DR. JEKYLL

Entre suas inúmeras más intenções, o satânico **Roman Polanski** tem o projeto de filmar uma nova versão do clássico *O Médico e o Monstro*, sob o ponto de vista da empregada do Dr. Jekyll. O título do filme seria, justamente, o nome da protagonista: Mary Reilly. Polanski já escreveu o roteiro e pensa em escalar sua bela mulher, Emmanuelle Seigner, para o papel-título.

Dilson Gomes / Azul

Polanski trama versão de O Médico e o Monstro



UIP

O trabalhador Cruise vai tentar tirar a mulher do vício em seu novo filme, Rush

TOM CRUISE ESTRELA DRAMA TOXICOLÓGICO

Tom Cruise deverá estrelar *Rush*, o novo filme de Robert Towne (o diretor de *Conspiração Tequila* e roteirista de *Chinatown*). O roteiro, escrito pelo próprio Towne, baseia-se na história real de Kim Wozencraft, uma policial do departamento de narcóticos que acabou se tornando viciada. Cruise vai fazer o papel de marido da coitada.

Columbia

Robert será dirigido por Downey pai

ROBERT DOWNEY JR. AJUDA O PAI A FAZER GRAÇA

O jovem galã de *O Céu Se Enganou*, **Robert Downey Jr.**, e o ex-Monty Python **Eric Idle** lideram o elenco de *Too Much Sun*, uma comédia macabra que trata de sexo, cobiça e religião. O diretor é Robert Downey pai, que tem em seu currículo as comédias escrachadas *Putney Swope* (1969) e *Up the Academy* (1980).

O GÊNIO FRACASSADO

por Luiz Nazário

Filho do anarquista Miguel de Almereyda, Jean Vigo nasce sob o signo da maldição. Seu primeiro filme, *A Propos de Nice* (1929), é seu primeiro fracasso, deixando-o sem trabalho até surgir a oportunidade de realizar outro documentário, de ambições mais modestas, sobre um campeão de natação: *Taris* (1931), que representa um novo fracasso financeiro.

Depois de ser obrigado a vender sua câmera para não morrer de fome e de ver suspensa, à última hora, outra proposta de trabalho, Vigo encontra um produtor disposto a dar-lhe uma nova chance. Concebe, então, um filme sobre o tema que lhe era mais caro, devido à sua experiência em reformatórios: *Zéro de Conduite* (1933) é a vingança do adulto que permanece criança contra os adultos que traíram a sua essência infantil. Realizado em condições precárias, com uma única tomada de cada plano por razões de economia, o filme foi rodado em oito dias, numa corrida contra o tempo, para não ultrapassar o prazo de aluguel do estúdio. Desde sua estréia, o filme causou escândalo, sua maravilhosa poesia sendo qualificada como "água de esgoto" pela crítica. Proibido na França, só voltou a ser exibido em 1945, na euforia da Libertação.

Apesar da decepção, o mesmo produtor confia a Vigo a direção de um novo filme, impondo, porém, por precaução, um argumento alheio. Vigo aceita e contorna o obstáculo, infiltrando no roteiro original elementos oníricos inteiramente pessoais. Tendo apostado seu futuro em *L'Atalante* (1934), termina de rodá-lo com a saúde abalada. Apesar da beleza luminosa que se desprende de suas imagens, um crítico decreta: "Esquisito, longo, aborrecido, incapaz de render um tostão". Os produtores, assustados, remontam-no à revelia do diretor, substituindo a trilha sonora de Maurice Jaubert por uma canção da moda.

Cada vez mais enfermo, Vigo nada pode fazer. Seu filme é vaiado pelo público e sai de cartaz na segunda semana de exibição. Alguns dias depois, Jean Vigo morre, aos 29 anos de idade.

Dita Parlo e Michel Simon numa cena de O Atalante *(1934), de Jean Vigo*

VOCÊ JÁ PENSOU EM TER SUA PRÓPRIA LOCADORA?
ENTÃO CONSULTE A:

ATENDIMENTO VIP
ENTREGA PARA TODO O BRASIL VIA SEDEX

GRANDE VARIEDADE DE TÍTULOS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

VIDEO LESTE

PRONTA ENTREGA

PRONTA ENTREGA

E TENHA ELA PRONTA EM 24 HORAS.

FORNECEMOS TUDO:

Estantes, Display, Expositores, Estojos, Impressos,
Orçamentos, Acessórios em Geral.

Fazemos a abertura da emprêsa junto aos orgãos oficiais.

FITAS SELADAS DE TODAS AS PRODUTORAS, TAIS COMO:

ABRIL VÍDEO
ALVORADA
AMÉRICA
CIC
COLUMBIA
F.J. LUCAS
GLOBO VÍDEO
HERBERT RICHERS
MGM
OMNI
ROYALTY
TEC HOME
TRANSVÍDEO
VIC VÍDEO
VÍDEO LIPS
WARNER HOME VÍDEO
WERA'S VÍDEO
E
MUITAS OUTRAS

ATENÇÃO LOCADORAS: ESTAMOS LANÇANDO O VÍDEO BIP

Com este serviço você recebe **QUALQUER FITA** de **QUALQUER PRODUTORA** em apenas **2 HORAS**

EXPERIMENTE: 221-0440 - 223-2969 - 220-7462 - 217-4989 - 941-3362 - 217-0871

AGORA NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO PARA MELHOR SERVÍ-LO

R. 24 de Maio, 77 - 14.º andar - Conj. 1402 - Fones: (011) 223-2969 - 221-0440 - 220-7462 - CEP 01041

Rio de Janeiro
Rua do Catete, 228 - Lj. 224/307
Fone: (021) 225-8845 - CEP 22220

São Vicente
Rua Frei Gaspar, 739 - Conj. 109
Fone: (0132) 68-1443 - CEP 11310

Eles foram hippies juntos. Bob Rafelson e Jack Nicholson são amigos há mais de vinte anos. Durante esse tempo todo, seus caminhos, inicialmente à margem do establishment *hollywoodiano, cruzaram-se em várias oportunidades. Em 1970, por exemplo, Rafelson lançou o amigo ao estrelato, dando-lhe o papel principal de seu filme* Cada um Vive como Quer. *Onze anos depois, como atesta a foto desta página, os dois voltavam a trabalhar juntos, já abençoados pelo prestígio que só o sucesso concede, mas dispostos a manter a independência dos tempos de* outsiders. *No set de* O Destino Bate à Sua Porta *(1981), Rafelson (de óculos escuros) e Nicholson conferem num monitor de vídeo, ao lado da atriz Jessica Lange e do fotógrafo Sven Nykvist, algumas cenas recém-filmadas. Cenas quentes, inesquecíveis. Em 1990, consagrados, imersos em projetos distintos, os ex-companheiros de contestação e rebeldia tornam a se encontrar, desta vez nas páginas de SET: Nicholson como diretor e protagonista de* The Two Jakes *(a seqüência de* Chinatown*); Rafelson como diretor de* Mountains of the Moon. *Agora, Nicholson é o próprio hippie que virou manda-chuva. De tanto se meter em papéis demoníacos, acabou fazendo um pacto, senão com o diabo, com o espírito diabólico do dinheiro hollywoodiano. Ele reina: dá sua alma, alma genial, à indústria, e recebe sua parte em fama, fortuna, mulheres bonitas. Rafelson não. É mais fiel às origens. Filma o mínimo necessário e viaja o resto do tempo. Não se aliou ao monstro, mas fez com ele um acordo de coexistência pacífica. Ele é um outro tipo conhecido de ex-hippie. Aquele que goza a vida e que, discretamente, não gosta muito de trabalhar.*

Paramount

4 TAKES
7 TEMPOS MODERNOS
10 EM CARTAZ
Henrique V
Caçada ao Outubro Vermelho
18 OUTROS FILMES EM CARTAZ
22 MATÉRIA DE CAPA
The Two Jakes
28 ENTREVISTA
Alec Baldwin
30 ENTREVISTA
Bob Rafelson
37 TRILHAS
38 MITOS
James Dean
42 FILMOTECA
43 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
62 CARTAS
65 FILMOGRAFIAS
66 NOSTALGIA

Na capa: Jack Nicholson e James Dean

Foto de Capa: Sygma

Frágil, inseguro, falível e perturbado como todos nós

HENRIQUE V

de Kenneth Branagh, com Branagh, Derek Jacobi, Brian Blessed...

Quarenta e cinco anos separam-nos do fim da última Guerra Mundial (1939-1945) e o mesmo período distancia a nova versão cinematográfica do *Henrique V* de William Shakespeare, dirigida e estrelada pelo jovem ator irlandês Kenneth Branagh, da clássica adaptação realizada em 1944 por Laurence Olivier (1907-1989), distribuída em vídeo pela F.J. Lucas. O contrastre entre essas duas leituras da peça histórica shakespeareana vem provar, entre outras coisas, a inesgotabilidade de interpretações possíveis de uma mesma obra de arte. Depois de um intervalo de, digamos, duas gerações, *Henrique V* ressurge nas telas não mais como um épico de apologia do poderio militar inglês, mas sim como um drama *noir* antibelicista sintonizado com o pacifismo pós-Vietnã e, tratando-se da Grã-Bretanha, pós-Malvinas.

Fotos Paris Filmes

A silhueta de Henrique V no cavalo empinado anuncia a partida para o campo de batalha

A própria história da produção dessas cineversões sinaliza já de partida a essencial disparidade interpretativa. Laurence Olivier arregaçou as mangas em 1944, atendendo a um pedido do Ministério da Informação inglês, então totalmente empenhado no *front* publicitário da Segunda Guerra Mundial. Engajando-se nesse esforço de propaganda de guerra, Olivier marcou sua estréia na direção com um *Henrique V* em que a batalha de Agincourt, na qual a reduzida tropa do jovem rei Henrique V bateu bravamente os homens do rei Carlos VI da França, parece uma prévia do Dia D (6/6/1944), quando os aliados, desembarcando na Normandia, começaram a varrer a barbárie nazi da Europa Ocidental.

DIFERENÇAS — Já a também estréia de Branagh na direção nada tem a ver com a ideologia oficial da crepuscular era Thatcher, tendo-se originado de uma montagem de *Henrique V* protagonizada pelo próprio Branagh para a tradicionalíssima Royal Shakespeare Company em 1984. Envolvendo um orçamento de US$ 8,2 milhões, a produção foi encabeçada pelo próprio grupo de Branagh, a Renaissance Theatre Company, que tem ninguém menos que o príncipe Charles como patrono.

Esse é apenas o início das diferenças. O filme-espetáculo de Olivier é marcado por uma estudada evolução. Sua primeira metade, ou quase isso, reconstituía uma montagem de *Henrique V* em pleno teatro elisabetano, no Globe Theatre de 1600. Mas a

Acima, Henrique consola os sobreviventes vitoriosos no final da batalha de Agincourt

partir do prólogo do terceiro ato, com a partida do rei inglês para a guerra na França, essa teatralidade rigorosamente mimetizada era deixada de lado, abrindo espaço para uma reconstituição épica, fortemente pictórica, da batalha. Vencida esta, o círculo era fechado com o retorno à teatralidade, como num conto-de-fadas ou numa lenda nacional.

No drama de Branagh, por sua vez, a reelaboração de sua origem teatral é algo mais complexa. Não há limites tão claros entre cenas teatralizadas e cenas cinematográficas. O *approach* branaghiano assume o pseudo-realismo cinematográfico desde o primeiro momento. Depois da intervenção inicial do coro, interpretado com a empatia irônica de sempre por Derek Jacobi, somos diretamente introduzidos a um universo medieval estilizado parcimoniosamente. Não estamos num palco mas num cenário que imita uma locação, mais precisamente numa sombria reprodução de uma sala do palácio real. Uma decupagem agilíssima valoriza cada reação dos intérpretes, como que salientando pela enésima vez a importância do *close* na diferenciação entre as linguagens teatral e cinematográfica. Reconheça-se, contudo, que persiste uma teatralidade subliminar, originária naturalmente da própria força do texto shakespeareano. É exatamente essa criteriosa hibridização de cinema e teatro que torna o novo *Henrique V* uma revisita original.

A quase polaridade que separa os enfoques de Olivier e de Branagh se revela a cada opção. Enquanto o filme de Olivier tratou de levar para as telas uma Inglaterra heróica, algo mítica e no limite atemporal, numa apologia nacionalista bastante similar à realizada por Sergei Eisenstein com seu *Alexandre Nevski* (1938), a obra de Branagh ensaia um movimento contrário. "Meu grande desejo", reconheceu o realizador, "foi fazê-lo parecer um filme de hoje, expurgando a maldição medieval dele a tal ponto que o público de *Batman* pudesse possivelmente ser convencido a vê-lo."

ESCATOLÓGICO — É assim que o *Henrique V fin-de-siècle* de Branagh está mais para Oliver Stone e Stanley Kubrick do que para Einsenstein e Griffith, principais inspiradores de Olivier. Uma seqüência simboliza toda essa diferença. É a da climática batalha entre os poucos ingleses liderados

por Henrique V e a numerosa tropa francesa. Realizando uma seqüência quase gêmea à da deslumbrante guerra no gelo de *Alexandre Nevski*, Olivier transformou-se numa espécie de pintor de imagens móveis para filmar a sangrenta batalha de Agincourt como se retratasse um balé colorido mas asséptico, encenado entre o verde do campo e o incomparável azul do céu. Assiste-se a uma espécie de sacralização da guerra, que parece representar mais um braço-de-ferro entre deuses do que um assassínio massivo e recíproco entre homens.

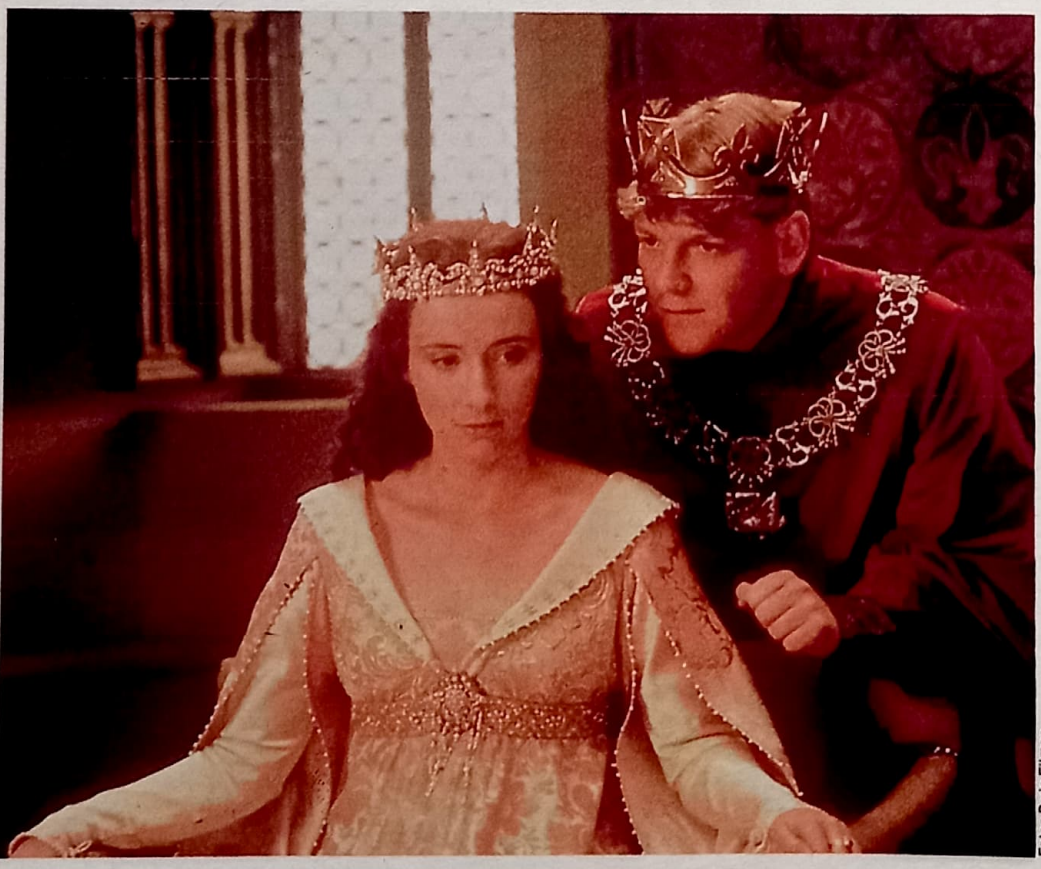
A quebra com Branagh não poderia ser maior. Ao tom cinzento que acompanha todo o filme vem-se juntar o marrom. A imponência das armaduras reluzentes e dos uniformes impecáveis é substituída pela dura realidade de encardidas fardas medievais. As imagens do enfrentamento não remetem mais a belas gravuras de álbuns mas a trepidantes *takes* de telejornalismo. Tudo parece impregnado por um insuportável odor de sangue, suor e fezes. A batalha de Agincourt segundo Branagh não passa de uma odisséia escatológica comandada por um Ulisses hamletiano.

E é exatamente no conflito radical entre as linhas interpretativas de Henrique V assumidas por Laurence Olivier e por Kenneth Branagh que se arrematam as disparidades entre as duas versões. O Henrique V de Olivier é o típico herói épico: jovem, arrojado, decidido, uma espécie de deus antropomórfico, um legítimo descendente de Marte. No cinema americano da época, teria provavelmente por intérprete Gary Cooper. Já o Henrique V de Branagh parece outro personagem. O jovem Branagh adotou curiosamente um estilo de composição abandonado pelo jovem Olivier quando em 1937 pela primeira vez ensaiava para dar vida ao personagem nos palcos. Olivier então começou "lutando contra o heroísmo", procurando humanizar ao máximo o jovem rei inglês, mas abandonou logo depois essa original estratégia de composição em favor de outra mais clássica, que viria a repetir diante das câmeras.

Quase meio século depois coube a Branagh retomar a linha interpretativa esboçada por Olivier, fazendo por Henrique V o que o jovem Olivier fizera por Hamlet. Branagh despiu Henrique V de toda heroicidade. Tornou-o um homem frágil, inseguro, falível e perturbado como todos nós. Ele não é mais um deus, e sim outra vítima dele. Como nunca torna crível a dúvida real sobre o resultado do embate de Agincourt ("Não sei ainda se o dia nos pertence ou não. ... Graças sejam dadas a Deus e não à nossa força"; ato quarto, cena sete). O Henrique V de Branagh é algo dostoievskiano, lembrando ainda uma versão aristocrática e medieval de Sam Spade e principalmente de Philip Marlowe. Num filme hollywoodiano, Alan Ladd ou, visando frisar a semelhança física com Branagh, James Cagney seriam seus intérpretes ideais.

INSTINTO GUERREIRO — A complexidade da composição branaghiana ganha novas dimensões quando se percebe maior fruição belicista em seu Henrique V do que no de Olivier. O deste último é um vitorioso nato, que atravessa toda a batalha preparando-se olimpicamente para colher a glória anunciada para o final. Já o jovem rei de Branagh tem o instinto do legítimo guerreiro, mas este o tortura quando contrastado com o desumano balanço da selvageria inerente a cada batalha. Branagh não tem do que se orgulhar da vitória que noutros tempos tanto engrandeceu Laurence Olivier.

Todo adaptador de Shakespeare para cinema deve muito ao esforço pioneiro de Olivier. A adaptação branaghiana naturalmente não foge à regra, mas deve ser vista como uma negação dialética do trabalho do gênio inglês. Kenneth Branagh trouxe Shakespeare para tempos nada heróicos. O bem não mais enfrenta o mal num conflito mundial, a guerra continua a ser uma magnética estupidez, a história parece trazer de volta a era das restaurações, a ressurreição da utopia sob novas formas não passa ainda de expectativa, a ambição — divorciada da ética — parece sobreviver também à



Henrique V (Branagh) e a princesa Katherine (Emma Thompson)

Fotos Paris Filmes

derrocada da era *yuppie*. Não surpreende, assim, que o novo *Henrique V* assemelhe-se muito à mais importante variação recente em torno de *Rei Lear*: *Ran* (1985), de Akira Kurosawa. "Por que os homens não vivem em paz, com um pouco de bondade recíproca?", parece perguntar Branagh, citando o octogenário mestre japonês. Passa geração, entra geração, a resposta continua nas páginas de William Shakespeare.

Amir Labaki

Henry V, Inglaterra, 1989 ■ DIREÇÃO: Kenneth Branagh ■ Com Kenneth Branagh, Derek Jacobi, Brian Blessed, Ian Holm, Paul Scofield ■ ROTEIRO: adaptação de Kenneth Branagh para a peça de Shakespeare ■ FOTOGRAFIA: Kenneth MacMillan ■ MÚSICA: Patrick Boyle ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Tim Harvey ■ MONTAGEM: Michael Bradsell ■ PRODUÇÃO: Bruce Sharman ■ DURAÇÃO: 137 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

QUEM É KENNETH BRANAGH

A coincidência no ano passado entre a estréia da nova versão fílmica de Henrique V *e a morte de* Sir *Laurence Olivier, o maior intérprete shakespeareano do século e seu principal adaptador para o cinema, espalharam pela imprensa mundial um velho ditado: rei morto, rei posto. A excessiva impulsividade da passagem da coroa de Olivier para Branagh é salientada pela leitura do currículo do sucessor, mas perde força ao se assistir aos primeiros momentos de sua excepcional estréia na direção cinematográfica.*

Antes de adaptar e protagonizar Henrique V *com os mesmos 27 anos contados pelo rei inglês durante a batalha de Agincourt, Branagh já havia conquistado seu lugar ao sol no teatro inglês. Nascido em 1960 numa família protestante de classe média baixa de Belfast, Irlanda do Norte, Kenneth cresceu num subúrbio londrino. Ainda adolescente, começou a escrever resenhas literárias para o* Reading Evening Post. *O teatro porém não demoraria a fisgá-lo. Depois de se formar pela Royal Academy of Dramatic Arts, Branagh foi logo aceito pela Royal Shakespeare Company. O que para muitos representa o ápice da carreira foi pouco para o ambicioso e intelectualizado ator irlandês. Dois anos depois, ei-lo pedindo demissão para fundar sua própria companhia, a Renaissance Theatre Company, ao lado de Judi Dench e Derek Jacobi, entre outros, onde alternou a montagem de clássicos com a de seus próprios textos ("Public Enemy").*

Simultaneamente, Branagh conseguia somar popularidade a seu prestígio. Estrelou vários especiais para a TV inglesa e começou a marcar presença também no cinema, tendo protagonizado os inéditos no Brasil A Month in the Country, *de Pat O'Connor, e* High Season, *de Clare Peploe.*

O primeiro encontro de Kenneth Branagh e Henrique V *se deu nos palcos da Royal Shakespeare Company, em 1984. Foram 20 meses de uma temporada de imenso sucesso. A parceria voltaria a emplacar nas telas. Valeu a Kenneth Branagh a indicação para dois Oscar (ator e diretor), e deu ao filme o prêmio de melhor figurino. Branagh foi escolhido em março como o melhor diretor de 1989 pela British Academy of Film and Television Arts.*

Amir Labaki

F. J. Lucas

Acima, Henrique V comanda seus homens contra os franceses; ao lado e abaixo, o rei inglês encarnado por Branagh e Olivier

A Guerra Fria de volta em thriller *envolvente*

CAÇADA AO OUTUBRO VERMELHO

de John McTiernan, com Sean Connery, Alec Baldwin...

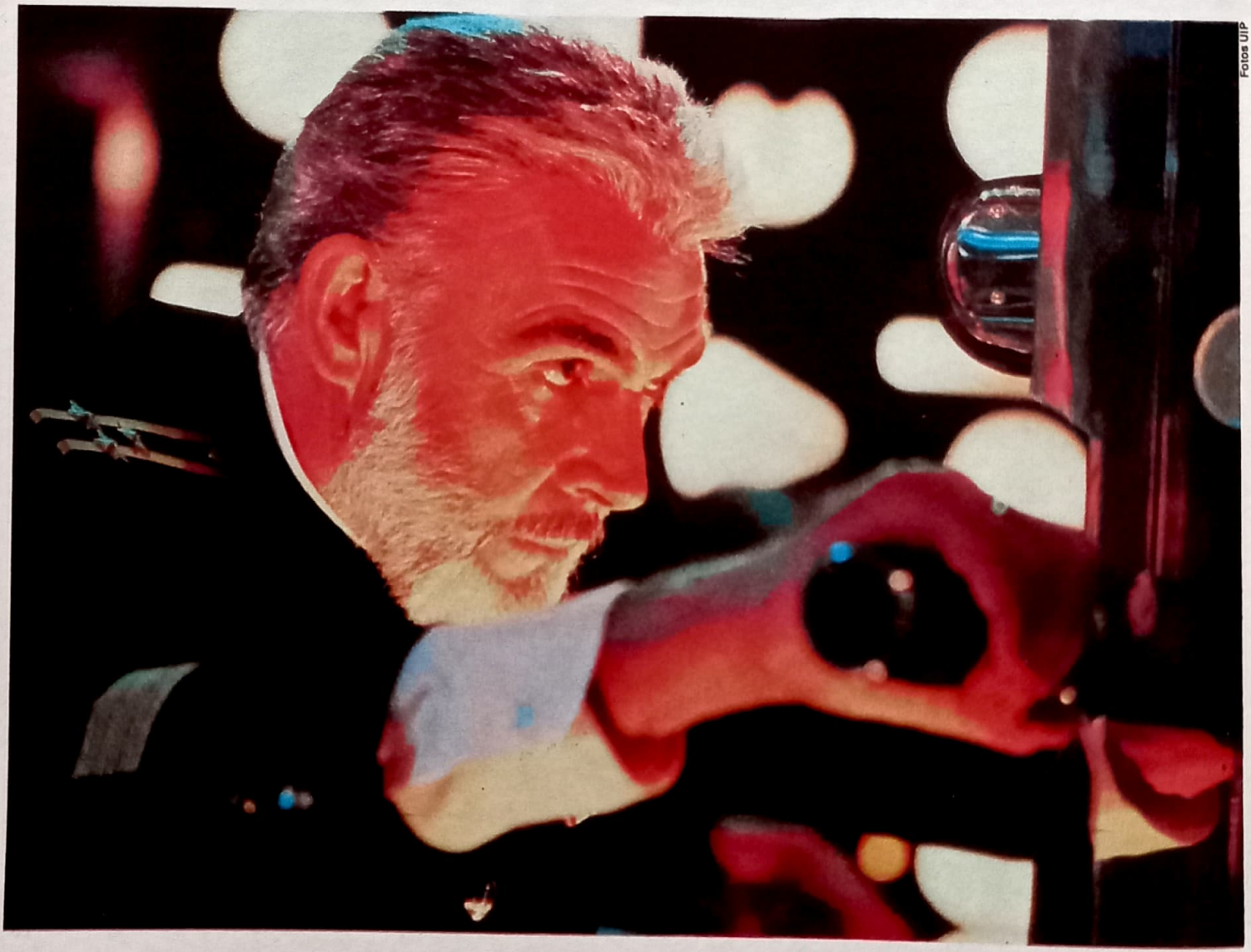
Tudo começou com um agente de seguros entediado de Baltimore, Maryland, que gostava de brincar de soldado desde criança, era míope demais para servir o Exército e tinha fascinação e horror claustrofóbico a submarinos.

Por uma mistura de todos esses fatores, Tom Clancy, o vendedor de seguros entediado, pôs-se a pesquisar febrilmente a intrincada máquina de guerra que os americanos armaram a pretexto da "ameaça vermelha". E quando, em 1976, leu uma pequena notícia sobre o misterioso aparecimento — e desaparecimento — de uma fragata soviética no mar Báltico, tudo pareceu entrar nos eixos. E se a fragata estivesse tentando se bandear para o lado dos americanos? E se a fragata fosse um submarino? E se o submarino fosse uma belonave sofisticadíssima, impossível de ser detectada por radares?

O resultado dessa tempestade náutico-militar-cerebral foi batizado *Caçada ao Outubro Vermelho* e encaminhado, em 1984, à editora do Instituto Náutico Americano.

O resto é história, ou quase. De favorito da Marinha (e Ronald Reagan) à lista de *best-sellers* (com seis milhões de cópias vendidas), *Caçada ao Outubro Vermelho* aportou naturalmente nas docas generosas de Hollywood.

DO LIVRO AO FILME - "Eu li o livro ainda nas provas gráficas porque um amigo no instituto náutico me alertou para ele", diz o produtor Mace Neufeld, que tem certo gosto por enredos do gênero — produziu *Sem Saída* e, depois de *Outubro*, *Flight of the Intruder* e outro livro de Clancy,



Fotos UIP

O capitão soviético Marko Ramius (Connery) dirige o Outubro Vermelho rumo à deserção

Clear and Present Danger. "Eu vi, de cara, que ali estava um grande filme. Cheio de problemas técnicos, é claro, mas também com uma história empolgante."

Neufeld comprou os direitos imediatamente, antes mesmo de o livro ser impresso.

Nos cinco anos seguintes, entre 1984 e 1989, Neufeld tentaria fazer o *Outubro Vermelho* navegar, contra as marés que diziam que a obra era um pesadelo técnico de produção e que, de todo modo, filmes sobre Guerra Fria já haviam enchido o saco. A extraordinária ironia, é claro, é que, quando Neufeld finalmente pôde dar partida em seu projeto, em meados de 1989, a Guerra Fria agonizava. E, quando a derradeira cena foi filmada, Gorbachev era uma das figuras mais populares dos EUA, o McDonald's abria uma filial em Moscou e o muro de Berlim era pista de dança para a juventude alemã. "O que nós já sabíamos, que o livro teria de ser muito adaptado, foi reforçado à medida que os fatos se desenrolavam ao nosso redor", diz Neufeld. "De todo modo sabíamos que era um filme de época, passado em 1984, pré-perestroika, pré-Gorbachev. Nunca tivemos dúvidas sobre isso."

Acima, o analista Jack Ryan (Baldwin), da CIA, invade a sala de mísseis do Outubro; ao lado, Ryan e o almirante Greer (Earl Jones); abaixo, Mancuso (Scott Glenn), no submarino Dallas

MOBY DICK MODERNO — "É uma história do mar, como *Moby Dick*", diz John McTiernan, o diretor que Neufeld foi buscar no *set* de *Predador* para traduzir cinematograficamente a saga naval de Clancy. "É a história de um rapaz que vai para o mar e, no encontro com elementos, pessoas e fatos extraordinários, torna-se um homem. É uma história clássica."

OUTUBRO VERMELHO

A mudança do ângulo, proposta por McTiernan, foi apenas um dos detalhes na plástica generalizada que a história sofreu. O comandante Marko Ramius (Sean Connery, depois que Klaus Maria Brandauer abandonou o navio duas semanas antes do início das filmagens) mudou sua motivação para bandear-se para barcos americanos: além das razões pessoais do livro (Ramius é lituano, odeia russos, a quem culpa pela morte da mulher), há, no filme, razões ideológicas — muitas delas sugeridas pelo próprio Connery, que conhece a União Soviética, onde esteve filmando, há vinte anos. "No primeiro roteiro, os marinheiros russos e americanos eram iguais", diz Connery. "Hábitos, motivações... era um absurdo. Fui marinheiro e sei como essas coisas são diferentes. Além disso, era preciso imaginar que Ramius agia na Rússia que deu origem a Gorbachev. Suas motivações eram provavelmente as mesmas de outros oficiais do seu porte. Hoje, ele seria recebido como um herói."

A relação entre Ramius e o analista da CIA Jack Ryan — espécie de *alter ego* de Tom Clancy, vivido por Alec Baldwin após a defecção de Kevin Costner — também foi enfatizada, mais como um choque de inteligências e menos como um tumulto de ideologias. E, é claro, McTiernan e Neufeld se encarregaram de enxugar ao máximo a verborragia tecnológica de Clancy e focalizar tudo na ação.

APOIO DOS MILITARES — Traduzir tudo isso para a tela foi uma batalha naval de outra natureza. Neufeld contou desde o início com o apoio de seus amigos militares — dissipando suas preocupações iniciais de que eles estariam furiosos com ele por causa de *Sem Saída*. Com a ajuda da Marinha, McTiernan e o elenco principal puderam filmar em docas militares, ser instruídos em técnicas navais e até ter verdadeiros marinheiros e pilotos como extras. O piloto que conduz Baldwin de helicóptero até o porta-aviões é um dos militares legítimos. Os outros estão a bordo dos diversos navios do filme. E os russos, embora não sejam marinheiros, são russos mesmo. Neufeld conta que a maior dificuldade, com eles, foi fazê-los cantar o hino soviético, já que todos são refugiados políticos e se recusavam à cantoria patriótica.

Filmar em submarinos, contudo, revelou-se impraticável. "Nem as câmeras nem as luzes podiam fazer nada do que eu queria num submarino de verdade", diz McTiernan. Para resolver esse impasse, foram construídas, nos estúdios da Paramount, duas réplicas dos interiores dos submarinos Outubro Vermelho e Dallas (o Outubro Vermelho, evidentemente, imaginado, já que ninguém, nem Clancy, sabe como é um submarino russo por dentro), cada qual com 16 metros quadrados, suspensos por plataformas hidráulicas de seis metros de altura, capazes de se inclinar em qualquer direção, como um submarino de verdade. Para as cenas em que o Outubro Vermelho emerge, foi construída uma gigantesca balsa, "maquiada" por uma carapaça onde se aboletam Connery e o ator australiano Sam Neill, na seqüência de abertura. E a terrível tempestade da cena decisiva, no terço final da fita, foi filmada não no Atlântico Norte, mas ao largo de Los Angeles, enquanto barcos-pipa jogavam toneladas de água sobre os atores e helicópteros davam vôos rasantes sobre a cena para provocar grande ondas. "Nada como um helicóptero para se ter uma bela tempestade", diz McTiernan.

Como a jornada de Ramius e a odisséia de Clancy, a saga de *Caçada ao Outubro Vermelho* acabou bem. Estreado no início de março nos Estados Unidos — uma época morna e morta para filmes —, a belonave disparou nas bilheterias, batendo recordes para essa época do ano e acumulando quase 80 milhões de dólares em ingressos.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Os ex-adversários Ramius e Ryan na sala de comando do Outubro Vermelho. Acima, o diretor John McTiernan

Fotos UIP

The Hunt For Red October, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: John McTierman ■ Com Sean Connery, Alec Baldwin, Scott Glenn, Sam Neill, James Earl Jones, Joss Ackland ■ ROTEIRO: Larry Ferguson, Donald Stewart, baseado no romance de Tom Clancy ■ FOTOGRAFIA: Jan de Bont ■ MÚSICA: Basil Poledouris ■ MONTAGEM: Dennis Virkler e John Wright ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Terence Marsh ■ EFEITOS ESPECIAIS: Scott Squires para a Industrial Light & Magic ■ PRODUÇÃO: Mace Neufeld ■ DURAÇÃO: 137 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

O 1º TIME DO VÍDEO. COM UM ANO DE GARANTIA.

GARANTIA 1 UM ANO

Uma verdadeira seleção:
HR D 440 M – 4 Cabeças Double Azimuth; NTSC/PAL-M automático; ON SCREEN; Controle Remoto Unificado (Vídeo/TV).
HR D 641 M – Mais compacto. 4 Head Double Azimuth, com exclusivo corte ovalado; NTSC/PAL-M automático; Sistema MENU na tela; Tape Counter em tempo real; Controle Remoto Unificado (Vídeo/TV), com 29 funções; Sintonizador para 181 canais (VHF/UHF).
CÂMERA VÍDEO MOVIE GR-60 U – 1,2 Kg; cabe na palma da mão; CCD de altíssima resolução; obturador de velocidade múltipla e Zoom de velocidade dupla, com posição macro.
Faça sua seleção e escolha. A JVC tem os mais avançados equipamentos, exclusiva Garantia de 1 ano, estoques de peças originais e uma completa rede autorizada, treinada pela própria JVC. Só a JVC mesmo.

À venda na Zona Franca de Manaus.

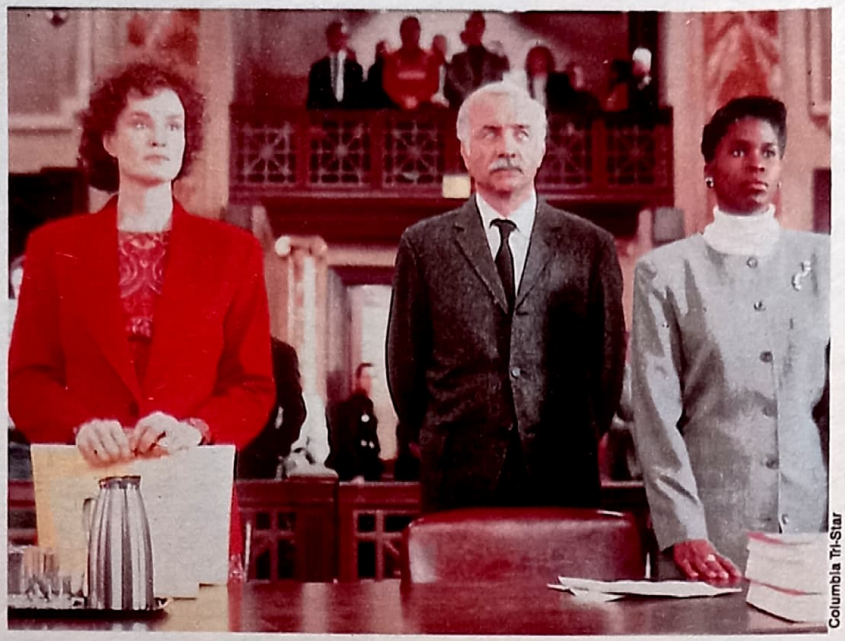
ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

TECNOVIDEO é marca registrada da Tecnovideo Engenharia e Projetos Ltda.

JVC é marca registrada da Victor Company of Japan.



Columbia Tri-Star

Ann Talbot (Jessica Lange) defende a honra do idolatrado pai Mike Laszlo (Mueller-Stahl)

Thriller *político desenterra crimes de guerra*

MUITO MAIS QUE UM CRIME

de Costa-Gavras, com Jessica Lange, Armin Mueller-Stahl

Music Box chega ao Brasil dois meses depois da consagração no Festival de Berlim. Sua premiação (o Urso de Ouro, dividido com *Skrivanci Na Nitich*, da Tchecoslováquia) projetou o filme, e o sucesso de Jessica Lange, sua atriz principal, parece desde então estar ofuscando o brilho do diretor, Costa-Gavras. Jessica por pouco não ganhou o Oscar este ano, e só não recebeu o prêmio de melhor atriz em Berlim porque o regulamento do festival não permitia.

A atriz causou todo esse impacto interpretando uma bem-sucedida advogada, filha de um emigrado húngaro que vive nos EUA (interpretado por Armin Mueller-Stahl), um trabalhador exemplar que é acusado de crimes na Hungria ocupada pelos nazistas. Ela é pressionada pela família (um irmão e seu pequeno filho, além do pai) a defendê-lo. O processo — instaurado após a abertura dos arquivos da ONU — tem vários desdobramentos, que acabam levando-a à Hungria.

O drama pessoal da personagem se inicia quando ela investiga a fundo a real participação do pai em assassinatos e barbaridades. Ao drama familiar associa-se o seu problema de consciência profissional, que acaba levando o filme a um desfecho surpreendente.

Costa-Gavras mostrou bom faro ao escolher um assunto atual como argumento. Com as mudanças políticas no Leste europeu, o tema do colaboracionismo na Segunda Guerra Mundial está voltando à tona, potencializado pelo atual processo de unificação alemã. Mas Costa-Gavras não saiu de sua trilha habitual. *Muito Mais Que um Crime* repete, a rigor, um modelo de drama político de esquerda que começou com Z, em 1968, teve mais alguns sucessos como *Desaparecido — Um Grande Mistério* (1982), e representa uma fórmula que não soube se renovar com o tempo.

Marcos Strecker

Music Box, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Constantin Costa-Gavras ■ Com Jessica Lange, Armin Mueller-Stahl, Frederic Forrest, Donald Moffat, Lukas Haas, Cheryl Lynn Bruce ■ ROTEIRO: Joe Eszterhas ■ FOTOGRAFIA: Patrick Blossier ■ MÚSICA: Philippe Sarde ■ MONTAGEM: Joele Van Effenterre ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jeannine Claudia Oppewall ■ PRODUÇÃO: Irwin Winkler ■ DURAÇÃO: 123 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

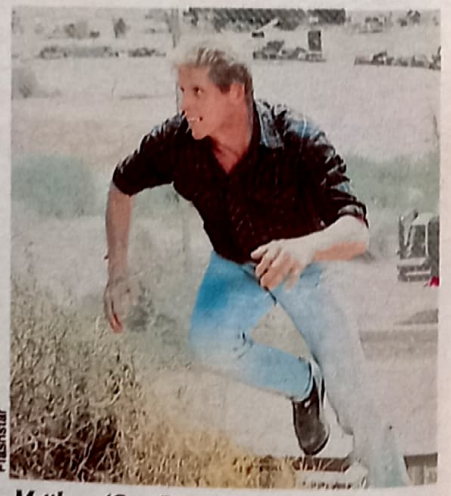
INIMIGO MORTAL

de Richard Sarafian...

Matthews (Busey, o albino masoquista de *Máquina Mortífera*) é o presidiário que na volta ao lar torna-se incansável justiceiro. Ele enfrenta heroicamente uma poderosa gangue de motoqueiros bandidos, que ameaçam estuprar a mais doce enfermeira local. Contra ele, há ainda o xerife (Cassel) corrupto e conivente com a quadrilha. Para aumentar a ira do herói, sua esposa Christie (Denise) é brutalmente assassinada. Armado com tecnologia bélica emprestada de um colega do xadrez, alia-se ao único policial decente — J.B. (Kotto), a figura mais interessante da cidade — para proteger a filhinha traumatizada. Audácia bizarra de Richard Sarafian, diretor do asfixiante e primoroso *Corrida Contra o Destino*, *Inimigo Mortal* é daqueles filmes B que, apesar da pobreza do roteiro, têm algum sabor (amadorístico) de estranha diversão. Estranho ainda é o uso da música-tema de *Rock III*, "Eye of the Tiger", que serve de trilha sonora e empresta nome ao filme.

Dilson Gomes

Eye of the Tiger, EUA, 1986 ■ DIREÇÃO: Richard Sarafian ■ Com Gary Busey, Yaphet Kotto, Seymour Cassel, Denise Galik, Judith Barsi ■ ROTEIRO: Michael Montgomery ■ FOTOGRAFIA: Dan McKinny ■ MONTAGEM: Greg Prange ■ DIREÇÃO DE ARTE: Wayne Springfield ■ PRODUÇÃO: Tony Scotti ■ DURAÇÃO: 95 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar



Flashstar

Matthews (Gary Busey) no encalço dos motoqueiros estupradores

Paris

A rotunda Rosalie (Marianne Sägebrecht) vê TV em família

Sátira do consumismo dilui fórmula de Bagdad Café

ROSALIE VAI ÀS COMPRAS

de Percy Adlon, com Marianne Sägebrecht, Brad Davis...

Com *Estação Doçura*, a dupla Percy Adlon (diretor) e Marianne Sägebrecht (atriz) produziu um pequeno *cult-movie*, um filmezinho simpático que rodou os circuitos alternativos e festivais. Em seguida, com *Bagdad Café*, o par ganhou mundo: sucesso de bilheteria internacional, tendo penetrado até mesmo no mercado americano, normalmente refratário aos filmes estrangeiros. O passo seguinte, na esteira de todo esse sucesso, foi *Rosalie Vai às Compras*. Um passo em falso.

Realizado em pouquíssimo tempo — antes que o público se esquecesse da personagem —, *Rosalie Vai às Compras* tenta faturar em cima do pretenso carisma da gorducha teutônica Marianne, mais uma vez emoldurada por uma fotografia vagamente hiperrealista. Mas *Estação Doçura* e *Bagdad Café* não são apenas veículo para *gags* e espertezas fotográficas, são filmes que têm enredos originais tratados de uma forma cinematográfica original. *Bagdad Café*, em especial, é um filme de várias leituras, em que ao cômico da maioria das situações unem-se um olhar terno sobre os personagens e um olhar irônico sobre diferenças culturais. A intenção de repetir a dose em *Rosalie Vai às Compras* é tão clara quanto frustrada.

O argumento, em princípio, parece original: a alemã Rosalie é agora uma integradíssima dona de casa americana, cabeça de uma família numerosa e totalmente infantilizada, a começar pelo marido (vivido por Brad Davis), um paspalho musculoso que vive com a cabeça nas nuvens, literalmente. Ninguém nessa família faz outra coisa senão consumir vorazmente todo tipo de produto. São ricos? Não exatamente. Rosalie descobriu o universo alucinante e maravilhoso dos cartões de crédito. E das fraudes.

E o filme todo é uma sucessão de *gags* mostrando a escalada consumista dessa Rosalie, que, sem liquidez nenhuma, compra Deus e o mundo, e jamais paga. Como foi dito, a idéia é boa, mas só a princípio: a partir do momento em que o processo se desencadeia, nada muda muito, e as situações acabam ficando muito parecidas e cada vez mais sem graça. Apenas no início, *Rosalie Vai às Compras* lembra a leveza e o talento de *Bagdad Café*. Percy Adlon nos passou um cheque sem fundos.

David França Mendes

Rosalie Goes Shopping, Alemanha Ocidental, 1989 ■ DIREÇÃO: Percy Adlon ■ Com Marianne Sägebrecht, Brad Davis, Judge Reinhold, Erika Blumberger, Willy Harlander, Patricia Zehentmayr ■ ROTEIRO: Percy Adlon, Eleonore Adlon e Christopher Doherty ■ FOTOGRAFIA: Bernd Heinl ■ MÚSICA: Bob Telson ■ MONTAGEM: Jean-Claude Piroué ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Stephen Lineweaver ■ PRODUÇÃO: Percy e Eleonore Adlon ■ DURAÇÃO: 94 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes

DOIS TIRAS INFERNAIS

de Richard Benjamin...

Dois Tiras Infernais não é, absolutamente, sensacional e tampouco abominável — é mediano, por algumas razões: um argumento comum (corrupção policial) auxiliado por um roteiro bem montado (mas não brilhante), que mistura comédia à ação, e pelas boas atuações de Anthony Edwards (o "Goose" de *Ases Indomáveis*) e Forest Whitaker (de *Bird*).

A ação fica por conta do policial durão Dennis (Whitaker) e a comédia fica para Alex (Edwards), um tira careta que é removido de uma delegacia de um bairro chique para outra no centro barra-pesada da cidade, local onde seu ex-companheiro (Aiello) é assassinado. Alex decide desvendar o caso junto com Dennis, que não suporta a inexperiência do "almofadinha". Richard Benjamin já fez filmes mais inspirados, como *Um Cara Muito Baratinado* (1982) e *O Espião sem Rosto* (1987).

Deborah Peleias

Downtown, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Richard Benjamin ■ Com Anthony Edwards, Forest Whitaker, Penelope Ann Miller, Joe Pantoliano ■ ROTEIRO: Nat Mauldin ■ FOTOGRAFIA: Richard H. Kline ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ MONTAGEM: Jacqueline Cambas ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Charles Rosen ■ PRODUÇÃO: Charles H. Maguire ■ DURAÇÃO: 96 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Fox

Os tiras Alex (Edwards) e Dennis (Whitaker) em plena investigação

Um banquete mórbido em imagens deslumbrantes

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE

de Peter Greenaway, com Richard Bohringer, Helen Mirren...

Poucas vezes o cinema foi tão radical e sublime ao descrever a sordidez, a violência, a degradação e humilhação dos corpos, o medo e o poder arbitrário. O último filme do cineasta inglês Peter Greenaway, *O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante*, segue a mesma trilha aberta por Pasolini com *Saló* (1975), mesmo que haja diferenças radicais entre esses dois grandes filmes: pois, se *Saló* era não apenas tematicamente mas formalmente intolerável e terrível, o filme de Greenaway é de uma beleza plástica e virtuosismo constrangedores, um desses filmes terrivelmente belos e suntuosos, em que o horror e a sordidez são estilizados ao máximo, criando um fascínio e uma repulsa igualmente fortes no espectador.

Fotos Art Films

O cozinheiro (Bohringer) depena uma ave. Abaixo, da esquerda para a direita, o amante (Howard), o cozinheiro, a esposa (Helen Mirren) e o ladrão (Gambon)

Todos os filmes de Greenaway revelam uma verdadeira obsessão pela relação entre morte, sexo e poder. Desta vez, Greenaway jogou seus personagens, apresentados no título, num cenário infernal: confinados no interior do tenebroso restaurante L'Hollandais, onde tudo é claro-escuro, luz e trevas — como numa daquelas pinturas de Rembrandt em que os personagens parecem emergir de um castelo medieval — e destoantes dependências *clean* e pós-modernas, como o banheiro onde a mulher do ladrão e seu amante fazem sexo às escondidas, apaixonados e desesperados, podendo, a qualquer momento, ser escorraçados e destruídos pela fúria e boçalidade caricatural do ladrão. Greenaway passeia sua câmera por esses espaços contrastantes com toda a frieza e distanciamento possíveis.

São longos, serenos e belíssimos *travellings*, feitos com a frieza de um legista que disseca um cadáver em putrefação. Todo horror e beleza do filme vêm desse contraste: a desconcertante cena de uma belíssima criança, quase um anjo de coro, puro, musical, que é torturada e humilhada de forma abjeta; os corpos dos amantes, nus, vivos, em contato com a carne fedorenta e ensangüentada; a carne morta dependurada num caminhão frigorífico, dentro do qual eles fogem do furor sanguinário do ladrão traído; a ferocidade dos espancamentos e atrocidades infligidos à mulher a ao amante, fracos e medrosos... Horror apresentado em cores belas, em composições rigorosas, verdadeiros *tableaux vivants*, pinturas abjetas e sublimes que a morbidez e a frieza de Greenaway levam até as últimas conseqüências. Frieza e rigor do qual só nos apercebemos no final terrível e "lógico", em que todas as metáforas gastronômicas culminam num banquete mórbido. O filme de Greenaway é esse banquete, do qual participamos com horror e prazer, provando a vileza, a degradação, a sordidez, mas também a paixão e o vigor que podem surgir daí, como um raio que só brilha porque sai de um fundo obscuro.

Ivana Bentes

The Cook, The Thief, His Wife & Her Lover, França/Inglaterra, 1989 ■ DIREÇÃO: Peter Greenaway ■ Com Richard Bohringer, Michael Gambon, Helen Mirren, Alan Howard, Tim Roth, Ciaran Hinds ■ ROTEIRO: Peter Greenaway ■ FOTOGRAFIA: Sacha Vierny ■ MÚSICA: Michael Nyman ■ MONTAGEM: John Wilson ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ben Van Os e Jan Roelfs ■ PRODUÇÃO: Kees Kasander ■ DURAÇÃO: 126 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

DUPLA SELVAGEM

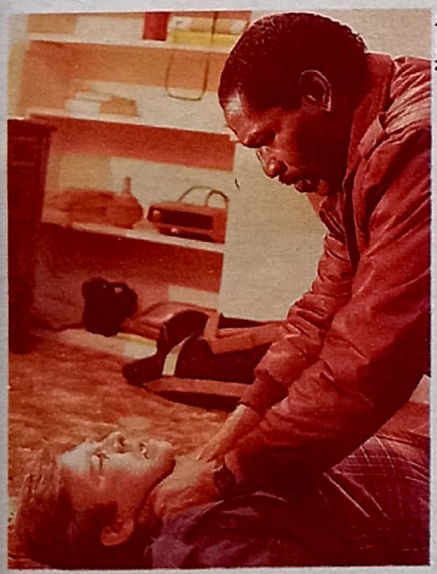
de e com Beau Bridges

Dois tiras — o negro Avalon (Bubba Smith) e o branco Jennings (Beau Bridges), do FBI — descobrem, atrás do tráfico de drogas, uma trama com implicações políticas e raciais. Tudo é obra da organização criminosa Sentinela, comandada pelo fanático coronel Hester (Lloyd Bridges, ótimo).

Hester vive citando George Washington e diz querer que os EUA voltem a ser um "oásis de decência", livre das "raças inferiores". O diretor (o próprio Beau Bridges), embora não extrapole os clichês do policial de ação (com perseguições de carros, sangue em boates, cassinos, cines pornô e chuveiros), consegue até ser eficiente neste thriller antifascista, sobretudo nas seqüências em que Avalon constata que os *bad guys* mataram hitchcockianamente sua garota e (o que é pior!) sua gatinha de estimação.

Antonio Querino Neto

The Wild Pair, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Beau Bridges ■ Com Beau Bridges, Bubba Smith, Lloyd Bridges, Gary Lockwood, Raymond St. Jacques ■ ROTEIRO: Joseph Gunn, baseado na história de Joseph Gunn e John Crowther ■ FOTOGRAFIA: Peter Stein ■ MÚSICA: John Debney ■ MONTAGEM: Christopher Holmes e Scott Conrad ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Stephen M. Berger ■ PRODUÇÃO: Paul Mason ■ DURAÇÃO: 86 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada



Alvorada

Avalon (Smith) esgana o colega Joe (Bridges)

Columbia Tri-Star

Foto Fox

A estabanada e charmosa sra. Shaber (Susan Blakely) cai nas garras do irresistível lobisomem (John Saxon) e garante o humor

Dona-de-casa vira bicho em comédia juvenil

MINHA MÃE É UM LOBISOMEM

de Michael Fischa, com Susan Blakely, John Saxon...

A sra. Leslie Shaber (Susan Blakely), ainda bonita e atraente, tem uma vida aborrecida junto ao marido, Howard Shaber (John Schuck) — um tipo pesadão que dorme no meio das conversas e, nos fins de semana, enche a sala de amigos barulhentos. Ela nem tem o consolo da atenção da filha adolescente, Jennifer (Katrina Capary), amiga inseparável de Stacey (Diana Barrows), fanática por tudo que diz respeito a terror.

Desamparada emocionalmente, a sra. Shaber conhece Harry Thropen (John Saxon), um tipo misteriosamente atraente. Harry é muito mais que sedutor: ele hipnotiza suas vítimas com um olhar demoníaco e, nas noites de lua cheia, vira lobisomem. Sem delongas, Leslie Shaber cai na lábia do lobão. Numa transa bizarra, Harry chupa o dedão do pé dela até sangrar. Ela pega o vírus do lobisomem.

A lenta transformação de Leslie em "lobiswoman" é a tônica do humor. Com pêlos crescendo por todo o corpo e dentes caninos grandes, ela faz sucesso na festinha de terror da sua filha. Tem também problemas com o dentista e a cabeleireira. Para escapar das garras do lobisomen Harry, cada vez mais gamadão, ela conta com a ajuda da filha. Afinal, mãe é mãe.

O roteiro é um tanto juvenil, mas a atenção ao filme é mantida pela graça e charme de Susan Blakely como uma atarantada sra. Shaber. O resto do elenco sustenta a contento o desempenho da atriz nesta comédia amalucada.

Walter de Silva

My Mom's a Werewolf, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Michael Fischa ■ Com Susan Blakely, John Saxon, Katrina Caspary, John Schuck, Ruth Buzzi, Marcia Wallace ■ ROTEIRO: Mark Pirro ■ FOTOGRAFIA: Bryan England ■ MÚSICA: Barry Fasman e Dana Walden ■ MONTAGEM: Claudia Finkle ■ EFEITOS ESPECIAIS: Larry Maynard ■ PRODUÇÃO: Steven J. Wolfe ■ DURAÇÃO: 84 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

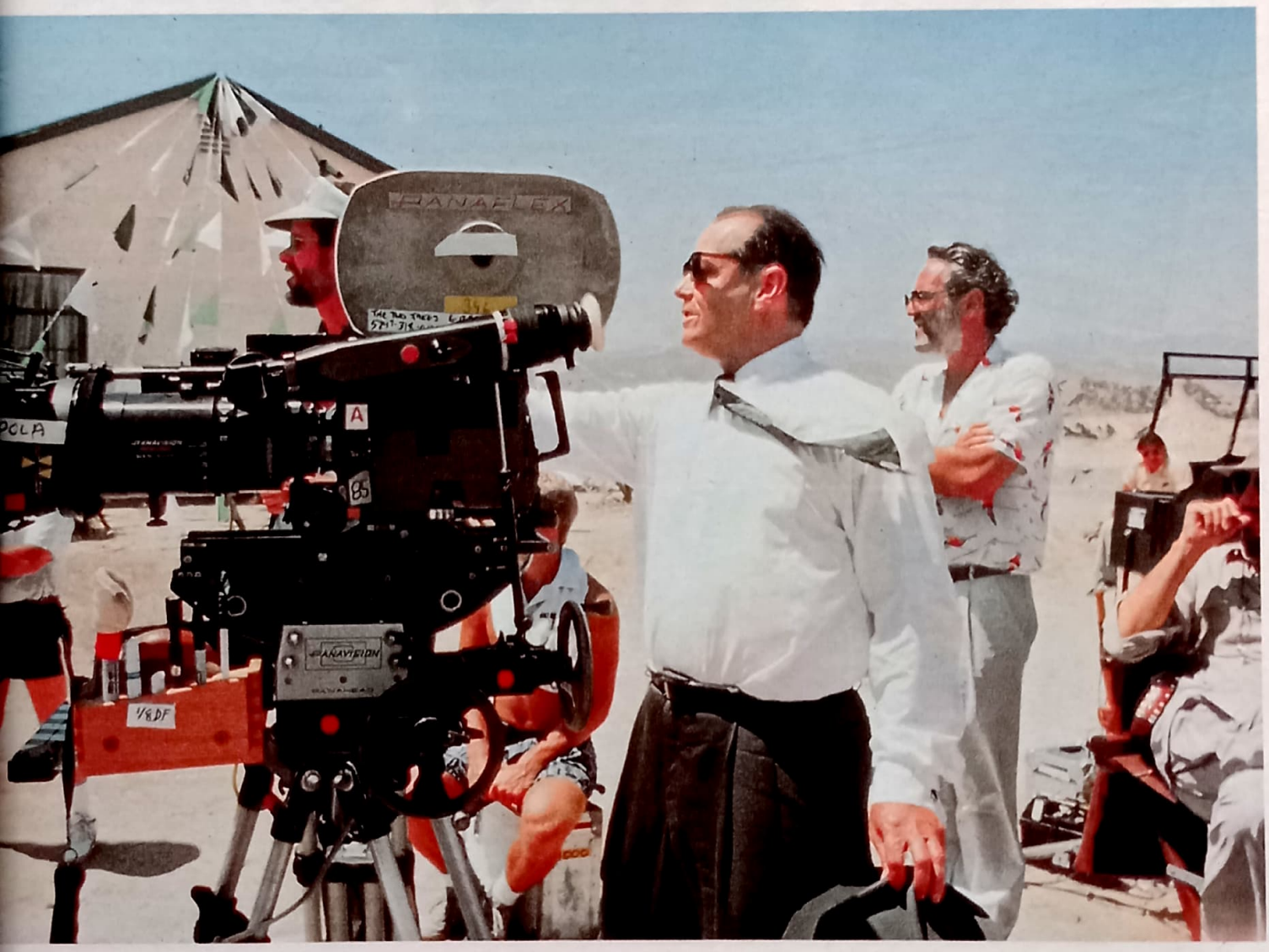
OS DOIS JACK
PO

Fotos UIP

Jack Nicholson diante da câmera (ao lado) e atrás dela (na página oposta), no set de The Two Jakes. *No destaque, o ator numa cena do filme, na pele de Jake Gittes*

S NO ODER

Como diretor e ator em The Two Jakes, *a continuação de* Chinatown, *Jack Nicholson chega ao auge de seu prestígio e poder em Hollywood, depois de três décadas de carreira e da consagração popular definitiva no papel do Coringa, em* Batman. *O cacife e a competência do astro foram decisivos para a concretização de* The Two Jakes, *um projeto que começou em 1985 e atravessou enormes turbulências*



Jack Nicholson admira Warren Beatty intensamente. Costuma chamá-lo de "O Profissional". "Em primeiro lugar", explicou Jack numa entrevista em 1988, "porque ele faz tudo sozinho, à maneira dele. No decorrer da carreira, ele percebeu que, quanto mais controle tinha, melhores os resultados. E, portanto, Warren é totalmente meticuloso. E ele não estabelece relação alguma com o trabalho dos outros, porque ele só se relaciona com seu próprio trabalho. E eu admiro isso nele".

Num caso de extrema ironia, tudo isso Jack disse minutos antes de se reunir pela primeira vez com o produtor Peter Guber e o diretor Tim Burton para discutir sua provável participação em *Batman*, o filme que transformou Nicholson não apenas no artista mais bem pago de toda a história de Hollywood (somados o cachê inicial e o reparte dos lucros sobre bilheteria e *merchandising*, ele pode vir a embolsar um máximo de 60 milhões de dólares), mas num dos astros mais bancáveis da indústria, e um dos mais poderosos.

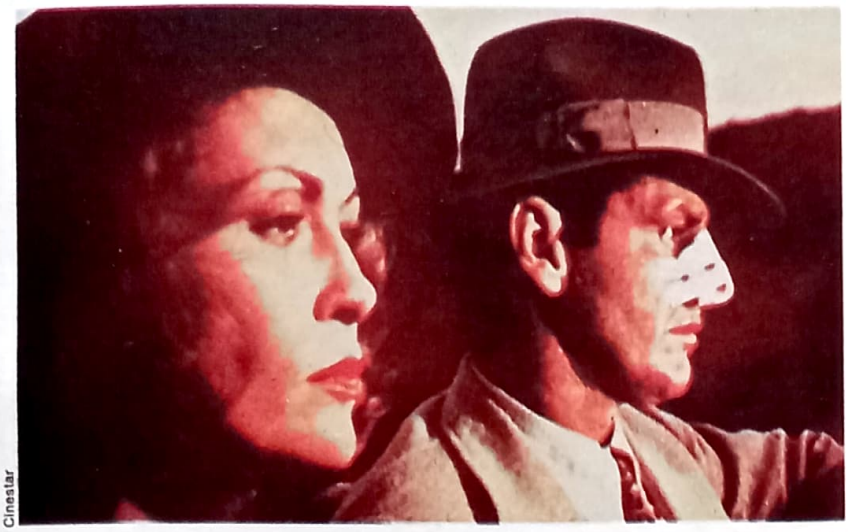
Depois de *Batman*, Jack deixou de ser um mero artista, ou mesmo um mero astro de Hollywood — uma qualificação que cabe nele melhor do que em qualquer outro de seus contemporâneos (com a possível exclusão de Beatty). Meticuloso e determinado a preservar o controle absoluto sobre todas as fases de sua carreira, Jack virou "O Profissional".

Conforme uma recente listagem da revista *Premiere*, edição norte-americana, existem pelo menos 35 pessoas mais poderosas do que Jack Nicholson em Hollywood. Mesmo assim, como explica o número 14 do mesmo ranking — o superprodutor Don Simpson —, "a América ama esse cara. As pessoas vão vê-lo em qualquer filme que faça". Tom Cruise (número 15) pode ser a sensação em celulóide do momento, inúmeros executivos podem ter nas mãos a faca e o queijo na hora de decidirem o destino de uma produção, mas a simples menção do nome Jack Nicholson é o suficiente para comandar todas as atenções — quando Jack fala, todo mundo presta atenção.

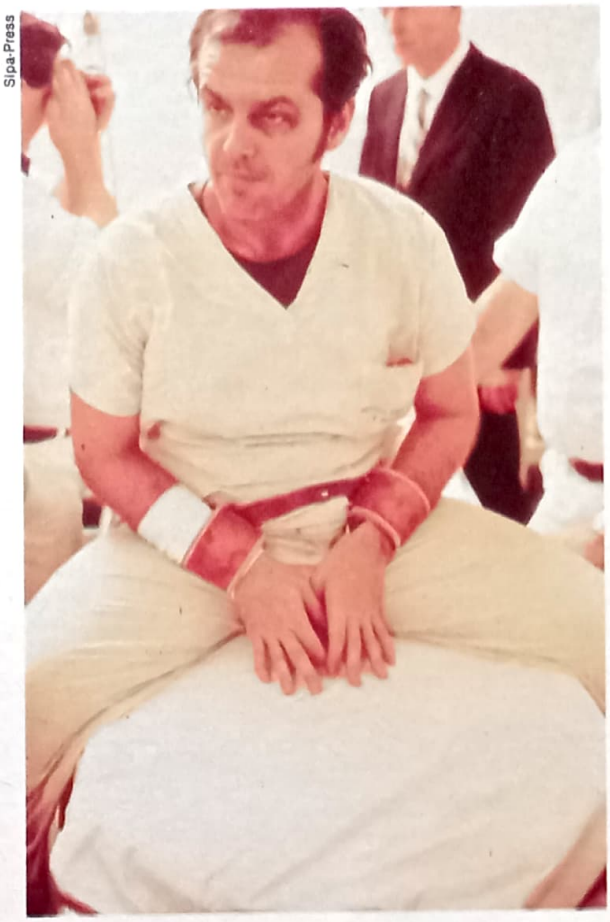
AUTONOMIA CRIATIVA — "Sou extremamente viável, financeiramente falando", diria Nicholson no ano passado, com sua admirável capacidade de desenfatizar o obviamente excepcional. "Mas nunca fui chamado de 'O Número 1 de Hollywood'. E isso é assim de pro-

Acima, duas revistas — a italiana Ciak *e a inglesa* Blitz *— rendem-se à glória de Nicholson. Ao lado, Jake Gittes (Nicholson) e Jake Berman (Harvey Keitel),* The Two Jakes

UIP



Cinestar



Sipa-Press

Acima, Jack Nicholson com Faye Dunaway em Chinatown *(1974). À direita, o ator em* Um Estranho no Ninho *(1975), que lhe valeu um Oscar. Abaixo, dois momentos marcantes de sua carreira: em* O Iluminado *(1980) e em* Batman *(1989), filme que lhe rendeu cerca de 60 milhões de dólares*

pósito. Gosto de ficar naquele segundo lugar, naquele terceiro lugar. Tenho autonomia criativa desde *Sem Destino* e, com raras exceções, isso é tudo que você consegue sendo uma atração número 1 de bilheteria." Não é modéstia, é sabedoria diplomática misturada com humor sacana.

Agora, por exemplo, toda a indústria está com a respiração suspensa, à espera da estréia de *The Two Jakes*, a continuação de *Chinatown* que Jack Nicholson dirige e estrela. Não é a primeira vez que Jack dirige — antes ele fez *O Amanhã Chega Cedo Demais* (1971) e *Com a Corda no Pescoço* (1978) —, mas é o filme que poderá solidificar o reinado de Nicholson e mesmo transformá-lo numa fábrica-de-sucessos-de-um-homem-só.

Passados onze anos do desenlace do filme original, *The Two Jakes* mostra um Jake Gittes próspero como a América do pós-Guerra, noivo e contente. O segundo Jake é um cliente (Harvey Keitel) que precisa que o velho detetive particular descubra se a mulher (Meg Tilly) anda cometendo infidelidades. Enquanto investiga o provável adultério, o detetive esbarra num assassinato desencadeador de uma série de eventos que acabam se relacionando com acontecimentos do passado de Gittes.

XADREZ PSICOLÓGICO — Esse jogo de xadrez psicológico assemelha-se em muito às atribulações que dificultaram a realização de *The Two Jakes*. O filme vem sofrendo baixas, alterações e atrasos desde 1985 e, mesmo depois de pronto, teve seu

Kipa

Warner

THE TWO JAKES

lançamento adiado três vezes, o que resultou numa diferença de um ano entre a data inicialmente planejada para sua estréia e a data em que estará finalmente nas telas norte-americanas (10 de agosto). *The Two Jakes*, que acabou custando cerca de 19 milhões de dólares, vai competir no mercado com produções muito mais caras, como *Havana* (de Sydney Pollack, com Robert Redford), *Fogueira das Vaidades* (de Brian De Palma, com Tom Hanks) e *Come See the Paradise* (de Alan Parker, com Dennis Quaid).

O projeto nasceu em 1984 numa reunião entre Jack, o roteirista e diretor Robert Towne e o produtor/ator Robert Evans, na casa deste último. Seria a segunda parte de uma trilogia iniciada com *Chinatown*. Towne dirigiria. Evans, além de produzir, faria o papel de Jake Berman, um construtor imobiliário. Nenhum dos três amigos receberia mais do que o mínimo estipulado por seus respectivos sindicatos, porque o objetivo primordial era realizar o filme acima e apesar de tudo.

Três dias antes do início das filmagens, no entanto, em 1985, Towne reuniu-se com Nicholson para tentar tirar Evans da jogada. Towne achava que Evans não seria a melhor escolha para o papel. Nicholson argumentou que Evans dificilmente concordaria com sua própria eliminação — já que se dedicara de corpo e alma ao personagem, pesquisando guarda-roupa, interpretação e perucas com afinco. E, se a Paramount Pictures — que estava bancando o filme — soubesse da decisão repentina, poderia cancelar o projeto indefinidamente.

O melhor, disse Jack, seria filmar normalmente durante duas semanas e trocar Evans mais tarde por um outro ator, se fosse necessário. A Paramount economizaria os milhões de dólares que perderia caso o filme fosse cancelado e teria material filmado suficiente para aceitar a mudança em benefício de um bom filme.

DINHEIRO JOGADO FORA — Towne foi intransigente e exigiu a saída de Evans. A profecia de Nicholson se cumpriu: Evans recusou-se a sair, a Paramount cancelou tudo e os credores do ex-trio de amigos (somente em cenários, que acabaram destruídos, foram gastos um milhão de dólares) caíram em cima deles como uma esquadrilha de urubus famintos. Haviam gastado quase quatro milhões de dólares num filme que não existia mais.

O único que saiu incólume da tempestade que se seguiu foi Nicholson — uma prova a mais de seu poder e prestígio dentro da indústria. Naquele meio tempo, Evans havia sido incriminado num caso policial escabroso — drogas, Máfia, assassinatos — relativo a ocorrências ligadas às filmagens de uma produção sua, *The Cotton Club*. Towne estava desacreditado como diretor por causa do fracasso de sua estréia no cargo, em 1982, em *Personal Best*.

Mesmo isento de responsabilidade criminal, a reputação de Evans foi mortalmente ferida pelo caso Cotton Club. Leva o crédito de co-produtor em *The Two Jakes*, mas não tem o mesmo poder que possuía em 1984. E Towne, mesmo tendo escrito o roteiro do que viria a ser a forma final de *The Two Jakes*, perdeu a direção para o próprio Nicholson. Towne distanciou-se tanto das filmagens que se refugiou em Bora Bora quando deveria estar no *set* ajudando com prováveis modificações de última hora no roteiro.

Jack não queria dirigir o filme e havia pensado em diversas opções antes de tomar para si o cargo: Roman Polanski, Bernardo Bertolucci, Mike Nichols e John Huston. Nenhum deles estava disponível ou disposto e Jack capitulou: virou o diretor do filme, e a Paramount voltou a bancar a produção. Para tanto, o ator/cineasta cercou-se de antigos colaboradores, todos ex-colegas de produções recentes: a montadora Anne Goursad *(Ironweed)*, o compositor Van Dyke Parks *(Com a Corda no Pescoço)* e o diretor de fotografia Vilmos Zsigmond *(As Bruxas de Eastwick)*. Este último explicou numa entrevista recente que *The Two Jakes* será muito diferente visualmente de *Chinatown*. O novo filme estaria sendo iluminado como os filmes policiais dos anos 40. Só que em cores. Outra atração extra de *The Two Jakes* é a voz em *off* de Faye Dunaway (estrela de *Chinatown*), que não aparece, entretanto, nem no filme nem nos créditos.

Os *trailers* que já estão sendo exibidos nos cinemas dos Estados Unidos revelam um filme extremamente violento e sensual — talvez um dos motivos que levaram à transferência de seu lançamento para bem longe do Natal do ano passado, quando era para ter estreado, originalmente. A dosagem de ambos os elementos ajudará a determinar a carreira do filme — num mercado conservador como o americano, qualquer fiapo de excesso pode ter repercussões dramáticas.

Mas, aí, talvez tenha maior peso o poder de Nicholson. Com ele, mais do que com qualquer outro grande mito da indústria, ninguém quer briga, ninguém discute. Quem manda é ele.

por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Stills

Abaixo, Jack Nicholson e Robert Evans (que seria o "outro Jake") em 1985. No alto, Nicholson no set de The Two Jakes

Sigma

Você vai ganhar os tubos com o tv gigante da TVM.

Ninguém resiste ao fantástico visual do televisor de 1 ou 3 tubos da TVM.

Escolha um modelo de 50 a 200 polegadas, e prepare-se para deixar a melhor imagem de sua empresa nos congressos, treinamentos e auditórios.

Para o lazer nos hotéis, videobares ou em casa, o TVM é também uma excelente atração. Tem tela plana ou parabólica, imagem perfeita, som stereo, controle remoto, separação de áudio e entrada para dois videocassetes, para discolaser, tv a cabo, caixas acústicas e microcomputador. TVM de 50 a 200 polegadas.

Escolha o seu e ganhe vantagens tão grandes quanto este televisor.

TVM

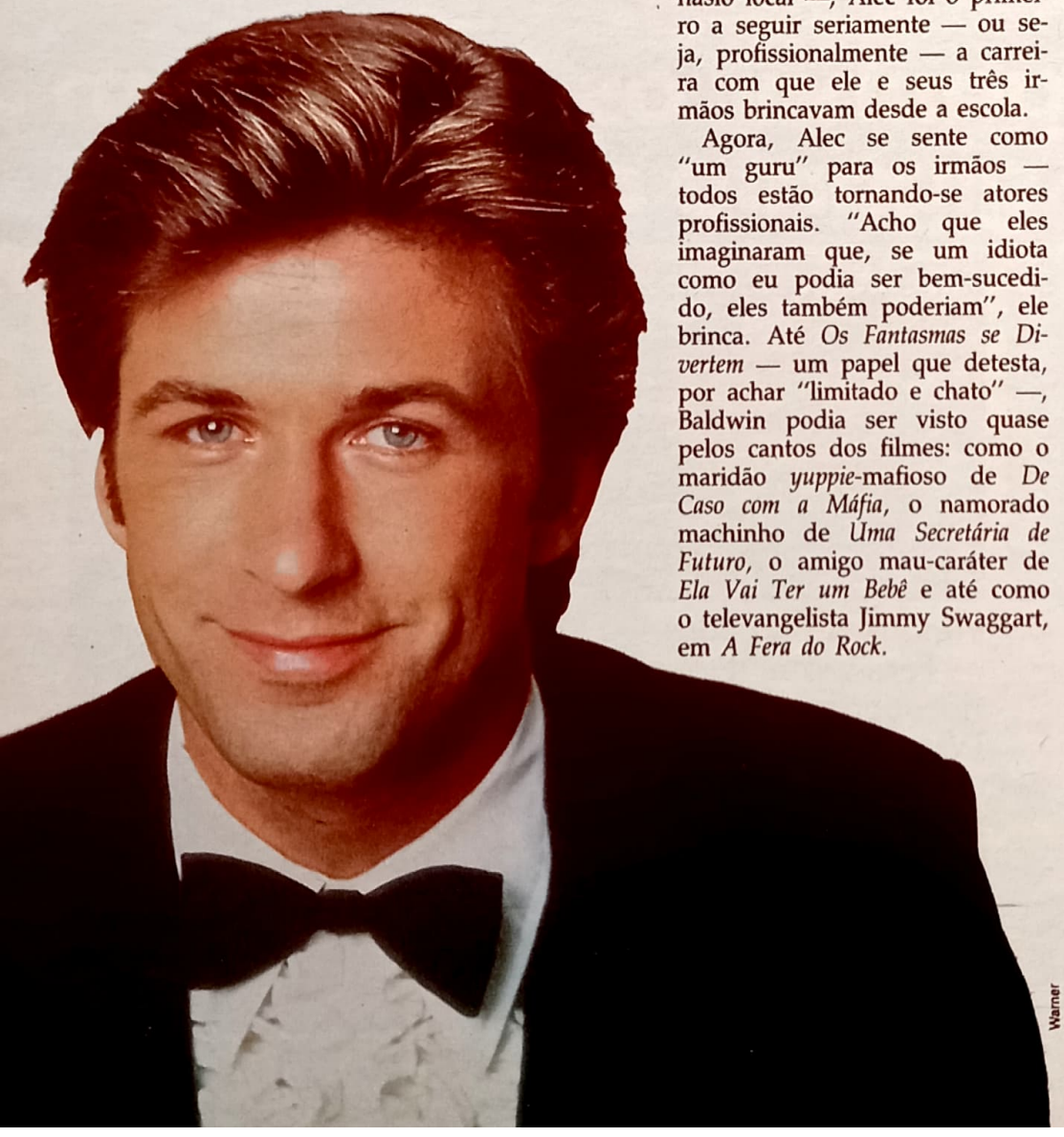
O maior televisor do país.

Av. Babita Camargos, 1330 - Tel: (031) 331-1455 - Telex. 392696 - CEP 32200 - Contagem - MG
Show Room - São Paulo - SP - Av. Bandeirantes, 5201 - Tel: (011) 275-3103
Show Room - Belo Horizonte - Av. Bias Fontes, 541-A - Tel: (031) 335-1465

ALEC BALDWIN

Caçada ao Outubro Vermelho *eleva ao primeiro time o bom ator de* Os Fantasmas Se Divertem e A Fera do Rock. *Ele conta como isso aconteceu*

Até *Caçada ao Outubro Vermelho*, Alec Baldwin estava neste já tão populoso limbo de Hollywood onde habitam atores e atrizes de reconhecido talento mas a quem falta aquele *click*, aquele estouro, aquela porta escancarada que os transformará em astros de primeira grandeza. Filho de uma família classe média de Massapequa, Long Island, Nova York — Ron Kovic, o de *Nascido em 4 de Julho*, foi aluno do pai de Alec, professor no ginásio local —, Alec foi o primeiro a seguir seriamente — ou seja, profissionalmente — a carreira com que ele e seus três irmãos brincavam desde a escola.



Warner

Agora, Alec se sente como "um guru" para os irmãos — todos estão tornando-se atores profissionais. "Acho que eles imaginaram que, se um idiota como eu podia ser bem-sucedido, eles também poderiam", ele brinca. Até *Os Fantasmas se Divertem* — um papel que detesta, por achar "limitado e chato" —, Baldwin podia ser visto quase pelos cantos dos filmes: como o maridão *yuppie*-mafioso de *De Caso com a Máfia*, o namorado machinho de *Uma Secretária de Futuro*, o amigo mau-caráter de *Ela Vai Ter um Bebê* e até como o televangelista Jimmy Swaggart, em *A Fera do Rock*.

Mas mesmo a maior exposição de *De Caso com a Máfia* não se compara ao estrelato em *Outubro Vermelho*, em que apenas Sean Connery recebe crédito maior que o seu. Mais que isso, o papel de Jack Ryan, o analista da CIA inventado por Tom Clancy (e, certamente, seu alter ego), garante a Baldwin uma profícua carreira de longa duração — já entrou em pré-produção outro livro de Clancy, *Clear and Present Danger*, novamente protagonizado por Ryan, ou seja, Baldwin.

"Não fiz nada de mais para pegar esse papel", Alec diz, impecavelmente trajado num terno azul-marinho, numa sala de reuniões de um hotel em Beverly Hills. "Eles me convidaram, eu aceitei." Na verdade, o produtor Mace Neufeld e o diretor John McTiernan chegaram a Baldwin como uma segunda opção, depois que Kevin Costner desistiu da oferta por estar envolvido com seu primeiro projeto como diretor, *Dances with Wolves*. "Queríamos alguém com uma aura de integridade, algo bem americano", diz Neufeld. "Kevin tem, mas Alec também tem." A verdade, aliás, é que *Outubro Vermelho* é um filme feito com segundas escolhas — o que seria dele com Klaus Maria Brandauer e Kevin Costner nos papéis que acabaram sendo de Connery e Baldwin?

Depois de *Outubro Vermelho*, Alec trabalhou como astro novamente no papel principal de *Miami Blues*, vivendo, em suas palavras, "um psicopata muito interessante", e está atuando no próximo filme de Woody Allen, ainda sem título. Não há muitas dúvidas de que agora ele está definitivamente no primeiro *ranking* de Hollywood. Sem contar que Alec é capaz de fazer imitações perfei-

tas de qualquer um — inclusive Sean Connery. "Mas não vou fazer pra você ver, não", ele ri. "Uma coisa dessas é muito impura para ser tentada antes das 6 da tarde."

SET — *Que tal foi trabalhar com Sean Connery?*
ALEC BALDWIN — Foi divertido, foi empolgante. Gosto de trabalhar com atores como Sean, que têm muita experiência, que fizeram muitos filmes, porque você sempre pode aprender alguma coisa com eles. Aprendi muito com Sean — mas são coisas técnicas, relativas ao trabalho em si, à atuação dentro de um filme.
SET — *Você é uma pessoa politicamente informada, militante do meio ambiente, de tendências liberais. Que tal foi para você interpretar um homem da CIA?*
BALDWIN — Não pensei duas vezes sobre isso, sabe? Se eu deixasse minhas opiniões políticas interferirem no meu trabalho como ator, seria um problema, não? E meus sentimentos políticos não me levam a negar a necessidade de existência da CIA. Agora, como ator, meu interesse é em qualquer papel que possa me levar a entender, absorver o comportamento alheio. Eu poderia ter sido um vilão, como já fui, ou poderia ter sido Al Capone. Não me interessa, contanto que o *script* seja bom.
SET — *E as mudanças políticas na Europa Oriental? Isso mudou seu ponto de vista quanto a este filme?*
BALDWIN — Humm... É, claro que depois do que aconteceu lá este filme tem de ser visto de um ângulo diferente. Mas para mim não foi assim tão importante, porque para mim esse filme sempre foi a história de dois homens, com o cenário político como um pano de fundo.
SET — *Você fez tantos pequenos papéis. Que tal estar agora na posição de personagem principal?*
BALDWIN — Uma vez me perguntaram por que fiz tantos papéis pequenos, e fiquei chocado com a pergunta. Porque a resposta era óbvia — esses eram papéis que me ofereciam, esses eram os papéis que eu precisava pegar se quisesse trabalhar. E eu queria esses papéis, não podia dizer ah, não, vou fazer só grandes papéis em grandes filmes. Eu prefiro fazer um pequeno papel num filme interessante, com um bom diretor, a um grande papel num filme que não me diz nada. Nesse caso, tive sorte, porque o papel era bom, o filme era bom e havia esse conjunto de gente talentosa envolvido com ele.
SET — *Você acaba de fazer este impecável herói em* Outubro Vermelho, *mas já fez também alguns personagens sombrios, inclusive o assassino de* Miami Blues. *O que o atrai a este ou àquele papel?*
BALDWIN — Acho que, quando você tem um personagem extremo, capaz de coisas loucas ou más, você precisa descobrir e entender as razões que o levaram a isso. É isso que me fascina. É muito raro um personagem ser puramente mau, cuja única razão de existir seja fazer crueldades.
SET — *A aparência ajuda ou atrapalha na carreira de um ator que quer ser levado a sério?*
BALDWIN — Olhe a sua volta. Veja quantos atores e atrizes fabulosos também são fabulosamente bonitos. Todo mundo fala de Jane Fonda, de como ela é linda e está em forma, mas esquecem-se das vezes em que ela foi indicada para o Oscar, e das vezes em que ela ganhou o Oscar. Acho que esse é o melhor exemplo. Eu não acho que beleza e talento sejam mutuamente exclusivos.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Warner

Fox

UIP

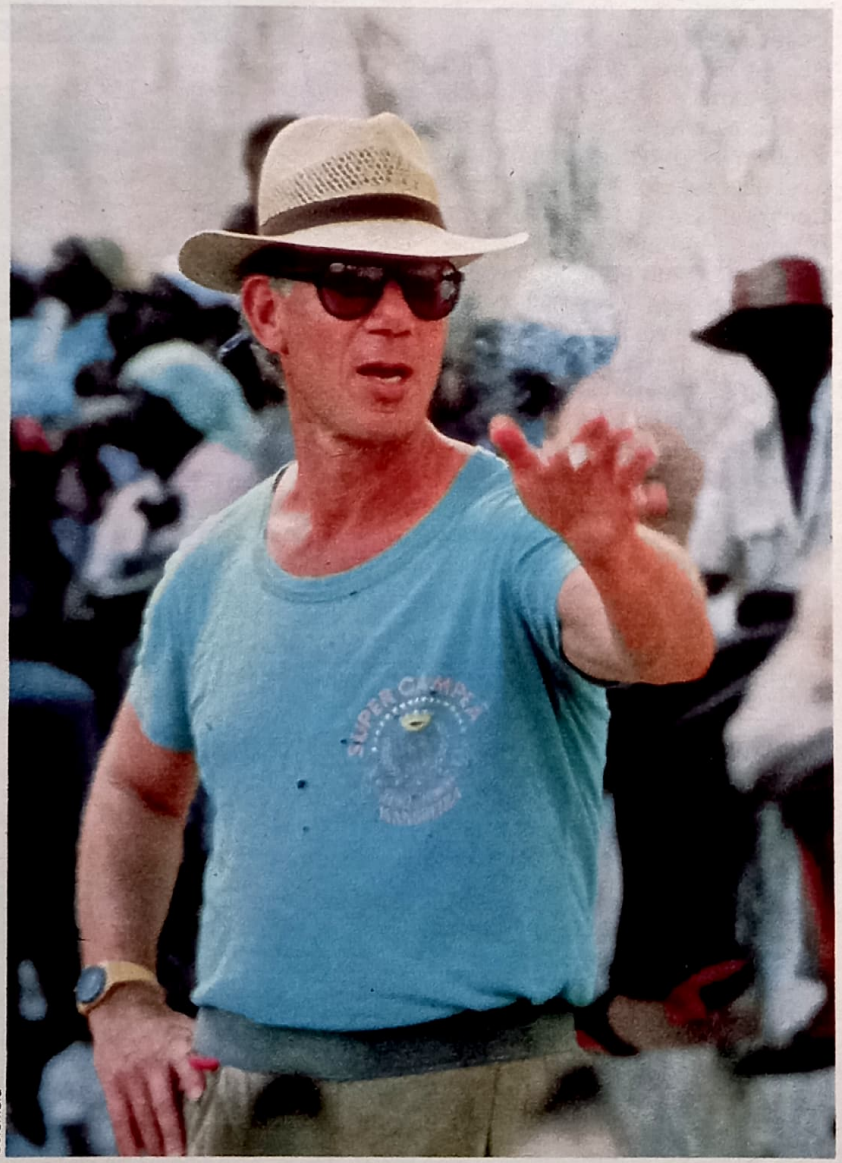
De cima para baixo: Baldwin como um dos fantasmas que se divertem em Beetlejuice; *como pastor televisivo em* A Fera do Rock; *e como analista da CIA em* Caçada ao Outubro Vermelho

BOB RAFELSON

Produtor de Sem Destino, catalisador de talentos como Jack Nicholson e Dennis Hopper, cineasta aventureiro. Sem ele, o cinema não seria tão vivo

Os filmes de Bob Rafelson não chegam a encher os dedos das mãos: *Os Monkees Estão à Solta*, *Cada um Vive Como Quer*, *O Dia dos Loucos*, *Stay Hungry*, *O Destino Bate à Sua Porta*, *O Mistério da Viúva Negra*, e, agora, *Mountains of the Moon*, a saga do geógrafo e antropólogo inglês sir Richard Burton em busca da nascente do rio Nilo, no final do século 19.

Entretanto, sua marca na história do cinema — e mais além — é irremovível. Como produtor e, principalmente, agente catalisador de talentos, Rafelson foi responsável pelo lançamento de um notável grupo de carreiras, nos anos 60/70 — seus amigos e colaboradores Jack Nicholson, Cybill Shepperd —, e filmes como *Sem Destino*, *O Amanhã Chega Cedo Demais* e *A Última Sessão de Cinema*, que ele produziu. Antes disso, em meados dos anos 60, Rafelson foi o criador e responsável por um dos grandes fenômenos mundiais da televisão e uma intrigante nota de pé de página da história do rock — a série de TV (e o grupo) The Monkees, o definitivo artefato pop concebido para mídia visual, e onde se apurou o conceito do videoclipe que imperaria nos anos 80. "Ah, videoclipes", diz Rafelson, com um largo sorriso sobre uma grande xícara de café, na sala de reuniões da Carolco, a distribuidora de *Mountains*. "Fiz dúzias deles, toneladas deles, milhares deles." Por isso mesmo, ele diz, recusa-se a vê-los na TV, hoje. "Estão muito chatos, previsíveis: a mesma fumacinha, os mesmos travellings..."



Columbia

Previsibilidade é algo que ele detesta, e, por isso, ele diz, fez tão poucos filmes. "Para se repetir uma idéia não vale a pena fazer um filme." Rafelson prefere dedicar seu tempo a outras coisas: livros e viagens, principalmente, são suas paixões desde que era adolescente (em seu background estão ocupações tão distintas quanto baterista de jazz em Acapulco, marinheiro mercante e estudante de filosofia). E foi por causa de ambos — livros e viagens — que ele chegou a Richard Burton e a *Montains of the Moon*.

SET — *O que existe em comum en-*

tre você, um cineasta do século 20, e Richard Burton, um geógrafo do século passado, a ponto de levar você a fazer um filme como Mountains of the Moon?

BOB RAFELSON — Burton estava interessado em tudo o que era fora do comum. Ele estava interessado em coisas proibidas. E eu também. Burton explorava as coisas que ele achava intrigantes, e se expunha a toda sorte de perigos por isso. Até certo ponto, eu também. E ele era um grande viajante, e viajar é minha grande paixão.

SET — *Por que você é tão apaixonado por viagens?*

RAFELSON — Quando se trabalha num filme, tem-se que dar respostas o tempo todo. Ao elenco, à equipe, aos produtores, todo dia. O coração daquilo que você faz é dar respostas. Quando viajo sou eu quem pergunta, não quem responde. Eu posso ser curioso e até um pouco irresponsável. Não sou obrigado a ser Bob Rafelson, o cineasta. Não sou obrigado a ser a *persona* pela qual sou conhecido aqui. Pelos lugares onde viajo o cinema tem pouca ou nenhuma importância: são lugares desabitados ou com civilizações muito antigas. Meus filmes nem sequer foram vistos por lá.

SET — *Você disse que tanto você como Burton são atraídos por "coisas proibidas". Que "coisas proibidas" seriam essas? Drogas?*

RAFELSON — Bem, é sabido que Burton tomou drogas como parte de suas experiências e estudos. Ele provou uma geléia psicodélica em Benim, por exemplo, para analisar seus efeitos. Mas ele também viveu entre os macacos e estudou a linguagem deles, escreveu até um dicionário da linguagem dos macacos. O homem era doido por idéias proibidas. Freqüentemente as idéias são proibidas por causa da época em que vivemos. Os livros de Burton foram proibidos no tempo dele, mas, nos anos 50, eu cheguei da Europa com livros de Henry Miller, e o funcionário da alfândega confiscou os volumes e atirou-os no rio Hudson — Miller estava proibido aqui nos anos 50.

SET — *Sua descrição de Richard Burton parece a de um rebelde dos anos 60. Seria ele, como você, um homem dos anos 60 antes que os anos 60 existissem?*

RAFELSON — Não sei o que seja uma pessoa dos anos 60. Eu sei que estava tentando achar quem eu era antes dos anos 60. Eu era um individualista feroz nos anos 50, nos 40... e nos 60 também. Mas não vejo isso como parte de um grande movimento espiritual dos anos 60. Não me considero parte típica dos anos 60.

SET — *No entanto, dois filmes seus* — Sem Destino, *que você produziu, e* Cada um Vive como Quer, *que você dirigiu — são absolutamente exemplares do cinema dos anos 60, são filmes pelos quais as pessoas se lembram dos anos 60, não?*

RAFELSON — Eu fiz *Sem Destino*

Columbia

Screen Gems

Liaison Gamma-Sigla

Na página oposta, Rafelson enverga uma surpreendente camiseta da Mangueira. Acima, Burton (Patrick Bergin) e Isabel (Fiona Shaw) em Mountains of the Moon. *Os Monkees, numa pose de 1966, ao lado; abaixo, Theresa Russel e o vulto de Debra Winger em* O Mistério da Viúva Negra

Um Jack Nicholson ainda repleto de madeixas em Cada um Vive como Quer, *com Karen Black, de laquê, na assistência*

como produtor porque acreditava no talento de Dennis Hopper, e sabia que ele faria um filme brilhante, fiel à visão dele de cinema. Mas não acho que nenhum dos meus filmes seja... Bem, sei a que você se refere. *Cada um Vive como Quer* é um filme sobre uma busca, sobre um homem tentando saber quem ele é. Mas este não é um tema exclusivo dos anos 60, é? Os anos 60 se apropriaram de certos temas, de certas idéias. Mas Jack Kerouac já estava tentando saber quem ele era nos anos 50, Allen Ginsberg... buscando, procurando... isso se tornou mais popular nos anos 60, simplesmente.

SET — *Hopper teve problemas sérios depois de* Sem Destino, *e se tornou um marginal da comunidade cinematográfica. Isso seria um problema individual dele ou algo comum a sua geração, ao grupo de cineastas ao seu redor nos anos 60?*

RAFELSON — Dennis se tornou um inimigo horrível de seu eu produtivo, alguém impossível de obter trabalho. Mas essa é uma decisão pessoal de um homem sobre como viver sua vida, a decisão de empregar seu tempo de uma forma produtiva ou abusiva. Ninguém pode tomar essa decisão por você. Como a história julgará seu consumo de drogas? Será que os livros dirão, no momento em que Dennis Hopper parou de usar drogas, que ele deixou de ser um cineasta interessante? Que terrível condenação.

SET — *Você mesmo não se colocou fora dos grandes estúdios, não foi um maldito durante muito tempo? Você se reconciliou com a indústria?*

RAFELSON — Sim, eu estive em guerra com a indústria cinematográfica. Mas terei me reconciliado? Não tenho feito exatamente muitos filmes para os grandes estúdios. Mesmo *Mountains* não foi para um grande estúdio. Eu prefiro fazer os filmes que eu quero do jeito que eu quero, para quem quiser que eu os faça assim. Não me importa quem assine o cheque. E, neste momento, estou passando por uma fase ótima.

SET — *Outro que está passando por uma ótima fase e nunca teve grandes problemas, aliás, é Jack Nicholson, outra pessoa ligada a seu circuito de amigos. Como você vê isso?*

RAFELSON — Jack é extremamente talentoso. Ele voltou a dirigir agora, e isso é excelente. Eu encorajei sua carreira como diretor porque sempre achei que ele era um diretor magnífico. Mesmo antes de *Cada um Vive como Quer* e *Sem Destino*, meu primeiro filme foi escrito e produzido com Jack. Porque acredito que ele tem o talento para ser um excelente escritor, produtor, diretor e ator, tudo isso.

SET — *Você vê a si mesmo como um rebelde do cinema?*

RAFELSON — Não gosto do termo "rebelde", para começar. Além disso, um rebelde não se considera um rebelde. Se fiz algo maldito, hoje, foi fazer um filme sobre um explorador do século 19 que pouca gente conhece, com um elenco de desconhecidos, enquanto as pessoas me aconselhavam a fazer uma comédia com *teenagers*. Mas não penso nisso como um ato de rebeldia. Penso nisso como uma coisa positiva. Não penso nisso como algo que fiz para me opor às pessoas, mas sim como algo que fiz porque queria fazer, para expressar idéias e sentimentos. Se você fica parado pensando na oposição, você acaba não tendo energia para fazer seu trabalho. Não vale a pena pensar em seu trabalho como algo que não vai ser visto, algo que vai ser ignorado. É igual a esses astros de rock que usam couro preto para parecerem rebeldes. Meu Deus! — nos últimos 20 anos, não vi ninguém no rock que não usasse couro.

SET — *Você acredita no cinema como uma arma de mudança cultural, política, social?*

RAFELSON — Não acredito que o cinema seja a arma cultural mais importante, mas é, sem dúvida, uma das mais poderosas. Um filme pode provocar você, ensinar você, comover você. Eu creio que os filmes podem permanecer no tempo, ser vistos muitas vezes e, cada vez, provocar reações, inclusive novas reações, coisas não sentidas ou pensadas antes.

SET — *Você crê que seus filmes vão permanecer no tempo?*

RAFELSON — Não penso sobre isso. É como "ser rebelde". Não posso pensar sobre isso quando faço meus filmes. Mas, sim, desejo que eles permaneçam. São filmes sinceros feitos por uma pessoa preocupada com assuntos sérios.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

"É igual a esses astros do rock que usam couro preto para parecer rebeldes. Meu Deus! Nos últimos 20 anos não vi ninguém do rock que não usasse couro preto!"

ESTE ENCARTE É PARTE INTEGRANTE DESTA REVISTA - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

VIDEO GUIDE

WARNER HOME VIDEO

Um guia com 62 filmes especialmente selecionados para você ver e rever em sua casa sempre que quiser.

Participe das emocionantes aventuras do agente secreto mais famoso do mundo. JAMES BOND.

007 CONTRA OCTOPUSSY

Direção: John Glen. Com Roger Moore e Maud Adams. Uma jóia foi roubada do Kremlim, reaparecendo na mais famosa casa de leilões do mundo. E ela pode ser a chave para o assassinato do agente 009. Para solucionar os mistérios, Bond enfrentará Octupussy.

MOSCOU CONTRA 007

Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Daniela Bianch. O Sindicato Internacional do Crime instalou uma escola de assassinos. Seu objetivo: liquidar James Bond.

007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS

Direção: John Glen. Com Roger Moore, Carole Bouquet e Topol. Um navio-patrulha britânico afunda misteriosamente, com uma valiosa arma secreta. O agente 007 irá investigar sozinho este mistério.

COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VEZES

Direção: Lewis Gilbert. Com Sean Connery. Uma cápsula espacial americana é interceptada por um foguete desconhecido, criando um incidente internacional. Logo James Bond entra em ação para impedir a III Guerra.

007 VIVA E DEIXE MORRER

Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore e Yaphet Kotto. Duas toneladas de heroína estão prestes a invadir o mercado americano. Enfrentando perigos aterrorizantes, James Bond empresta suas forças para evitar o pior.

007 CONTRA A CHANTAGEM ATÔMICA

Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Adolfo Celi. James Bond terá que usar métodos ousados para impedir que duas bombas atômicas sejam lançadas pela Spectre.

007 O ESPIÃO QUE ME AMAVA

Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore e Barbara Bach. Um gênio do mal planeja destruir a Terra e construir um novo mundo sob o mar. Para impedir este plano, Bond contará com a ajuda de uma agente russa.

007 MARCADO PARA A MORTE

Direção: John Glen. Com Timothy Dalton e Maryam d'Abo. O General Koskov da KGB denuncia a existência de uma gigantesca operação para exterminar os agentes secretos do mundo. 007 é o único homem que pode desarmar esta trama.

007 NA MIRA DOS ASSASSINOS

Direção: John Glen. Com Roger Moore, Christopher Walken e Grace Jones. Max Zorin é um poderoso magnata que quer assumir o controle total do mercado de informática. Mas ele terá que vencer James Bond.

007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO

Direção: Terence Young. Com Sean-Connery e Ursula Andress. Primeiro filme do agente secreto. James Bond enfrenta o temível Dr. No, um cientista brilhante, mas mal intencionado.

007 CONTRA O FOGUETE DA MORTE

Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore e Lois Chiles. "Moonraker" é um foguete espacial que subitamente desaparece. James Bond, o insuperável agente 007, é encarregado para resolver o mistério.

007 OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery e Charles Gray. Bond terá que impedir os planos do maléfico Blofeld, que ameaça destruir a humanidade caso suas reinvindicações não sejam atendidas.

007 CONTRA O HOMEM DA PISTOLA DE OURO

Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore e Christopher Lee. Scaramanga, um facínora sem escrúpulos, raptou o inventor do Solex, um conversor solar de bolso. E agora Bond terá que liquidar Scaramanga pessoalmente.

007 CONTRA GOLDFINGER

Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery e Gert Frobe. O maligno Goldfinger planeja roubar todas as reservas americanas. Para impedí-lo, só James Bond.

JACQUES COUSTEAU

MERGULHE NO FASCINANTE MUNDO SUBMARINO.

CALYPSO EM BUSCA DO BRITANNIC

O navio-hospital Britannic era supostamente insubmergível. Como explicar seu naufrágio em sua sexta viagem? Aqui estão todas as respostas.

CLIPPERTON: A ILHA QUE O TEMPO ESQUECEU

Setenta anos atrás, um pirata louco sequestrou um grupo de mulheres e crianças, levando-as para a ilha de Clipperton. Cousteau volta a este paraíso para esclarecer definitivamente o episódio.

O NILO

Ao longo de seus mais de 7 mil quilômetros, o Nilo oferece uma maravilhosa viagem através da região que abriga uma fauna particularmente exótica.

EM BUSCA DE ATLÂNTIDA

Há centenas de anos, uma ilha abrigou uma avançada civilização. Hoje, ninguém sabe se ela existiu. Uma aventura que desvenda segredos seculares.

MERGULHO AO ENCONTRO DAS PILHAGENS ROMANAS

Muito antes do nascimento de Cristo, um forte temporal afundou um navio romano repleto de tesouros gregos. Retorne 2 mil anos na história, resgatando a valiosa arte antiga.

MAMÍFEROS DAS PROFUNDEZAS DO MAR

Em imagens lindíssimas, a revelação da origem e evolução dos mamíferos marinhos, seres misteriosos que têm traços em comum com o Homem.

BOMBA RELÓGIO SUBMERSA

Na costa da Itália, uma colisão entre dois navios arremessa um deles ao fundo com uma carga tóxica capaz de causar um desastre ecológico. Como conter o perigo?

RELÍQUIAS PERDIDAS DO MAR

Uma aventura que mostra a emoção dos mergulhadores ao encontrar uma embarcação afundada durante a vitória de Atenas sobre Esparta.

MEDITERRÂNEO: BERÇO OU TÚMULO?

Décadas atrás, o Mediterrâneo era rico em vida subaquática. Hoje, ele está morrendo, Cousteau faz uma importante denúncia ecológica, uma verdadeira cruzada em defesa do meio ambiente.

OS PROFETAS CEGOS DA ILHA DE PÁSCOA

A ilha de Páscoa maravilha o Homem com seus mistérios. Quem teria esculpido os gigantescos ídolos de pedra? Como explicar o indício de 20 mil habitantes se a ilha hoje é deserta?

INFANTIS

LEVE A TURMA DO PARA BRINCAR EM

PERNALONGA NO INCRÍVEL MUNDO DA TELEVISÃO

Direção: Fritz Freleng, Chuck Jones, Robert Mc Kimson. Pernalonga foi promovido a presidente de uma grande Rede de Televisão. Agora, ele tem que tomar um monte de decisões e, além disso, bancar o cantor, bailarino e ator. E também: No dia das Bruxas, Pernalonga vai, sem querer, à casa da Feiticeira Hazel. Ele só quer tomar um chá, mas ela prefere coelho ensopado.

FESTIVAL DOS ANIMAIS

Patolino e Pernalonga apresentam uma sinfonia pirada que conta a história de todos os animais. E também: Hortelino Trocaletra é um cupido que faz as maiores traquinagens para deixar todo mundo apaixonado.

UM COELHO NA CORTE DO REI ARTHUR

Pernalonga e Patolino provam que é possível derrotar os inimigos com gargalhadas. E também: Por engano, Pernalonga chega à Inglaterra dos reis e magos, causando a maior confusão.

HERÓI DOS AMERICANOS

Clyde, o sobrinho de Pernalonga, não consegue aprender a História dos Estados Unidos. Então, seu tio usa um método muito engraçado. Ele conta os fatos como se homens importantes, como General Lee e o Barão Vermelho, fossem os personagens da turma.

PATOLINO CONTINUA BIRUTA

Desde a sua estréia em 1937, Patolino vem conquistando fãs de todas as idades com o seu jeito estabanado de ser. Nesta fita, você vai encontrar oito histórias engraçadíssimas com alguns dos melhores momentos de sua carreira.

PERNALONGA SUA CASA.

OS DOIDOS CONTOS DE NATAL DO PERNALONGA

Direção: Fritz Freleng. Com Pernalonga. Imagine o clássico conto de Natal de Charles Dickens, "A Christmas Carol", interpretado pela turma do Pernalonga.

AS AVENTURAS DE HORTELINO TROCA LETRAS

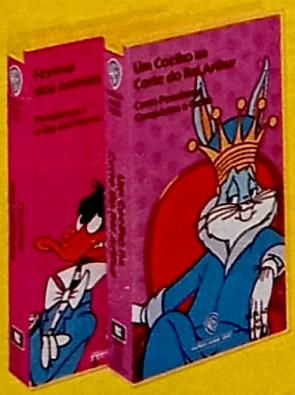
Em oito histórias muito engraçadas, Hortelino Troca Letras vive as mais loucas aventuras de um cantor-bailarino do Teatro Vaudeville. Com Pernalonga como coadjuvante, Hortelino faz o show.

A GRANDE CAÇADA AMERICANA

Direção: Chuck Jones. Com Pernalonga. O coelho maluco nos leva a uma deliciosa viagem através das grandes caçadas, perseguições e corre-corres dos desenhos animados. Logo após uma hilariante abertura que satiriza "Guerra nas Estrelas", Pernalonga homenageia os grandes comediantes do cinema mudo, citando desenhistas, dubladores e diretores de seus próprios desenhos.

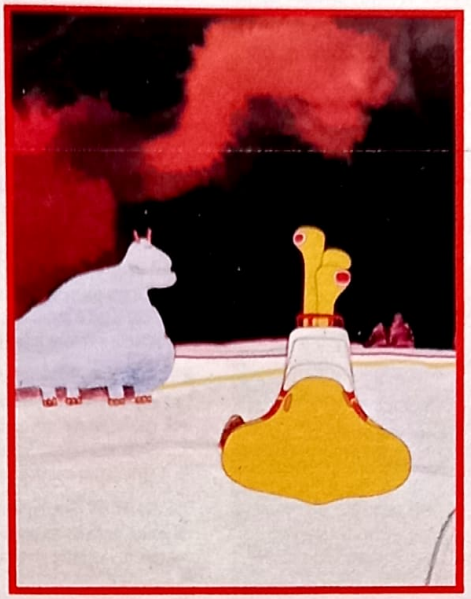
FRANGOLINO AGITA O GALINHEIRO

Frangolino e sua turma aprontam as maiores encrencas no galinheiro, em 8 desenhos engraçadíssimos.



MUSICAIS

COMPONHA SUA VIDEOTECA COM OS MAIORES HITS DO CINEMA.



BIRD

Direção: Clint Eastwood. Com Forest Whitaker e Diane Venora. O universo musical do gênio do saxofone, Charlie "Bird" Parker, retratado com extrema sensibilidade. Da miséria ao sucesso, o mago do bebop detona sua música, fazendo uma verdadeira revolução musical.

POR VOLTA DA MEIA-NOITE

Direção: Bertrand Tevernier. Com Dexter Gordon, Herbie Hancock e Martin Scorcese. Paris, 1959. Um jazz-man transforma o som de seu sax em pura magia, encantando o jovem Francis Borier. Ali nasce uma intensa amizade numa história inspirada nas vidas de Lester Young e Bud Powell.

NASCE UMA ESTRELA

Direção: Frank Pierson. Com Barba Streisand e Kris Kristofferson. Um astro do rock conhece uma cantora anônima e lhe dá uma carreira. Ela retribui com seu amor. Um filme agitado que mostra toda a energia excitante da vida de uma grande estrela. "Oscar" de Melhor Canção.

YELLOW SUBMARINE

Direção: George Dumming. Com John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Star. Em Pepperland, a famosa Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band é atacada pelos Malvados Tristes, seres que odeiam música, felicidade e amor. Fred, o maestro da banda, foge num submarino e vai pedir ajuda aos Beatles. Juntos, eles combatem o inimigo com suas músicas.

AMOR, SUBLIME AMOR

Direção: Robert Wise e Jerome Robbins. Com Natalie Wood e Richard Beymer. Nas ruas de Nova York, dois jovens enfrentam o ódio de gangs, rivais. Uma adaptação memorável de "Romeu e Julieta", que comoveu o público e conquistou 10 "Oscar". Música de Leonard Bernstein.

A PEQUENA LOJA DOS HORRORES

Direção: Frank Oz. Com Rick Moraniz, Ellen Greene e Vicent Gardenia. Uma loja de flores decadente, da rua, no bairro mais decadente da cidade. Com os negócios indo à bancarrota, o dono da loja decide dispensar seus dois únicos e fiéis empregados. Mas um deles compra uma planta muito estranha... e os negócios voltam a prosperar.

VIDEO GUIDE

WARNER HOME VIDEO

FAS

WARNER CLASSICS

Colecione os momentos inesquecíveis de Hollywood.

RASTROS DE ÓDIO

Direção: John Ford. Com John Wayne e Natalie Wood. O ótimo John Ford conta aqui a história de um veterano do exército que parte em busca de sua sobrinha, raptada pelos comanches. Este western tornou-se o preferido de John Wayne.

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

Direção: Billy Wilder. Com Marilyn Monroe, Jack Lemmon e Tony Curtis. Marilyn Monroe às voltas com uma dupla de músicos que se veste de mulher para escapar de uma tremenda enrascada. Comédia vencedora do "Oscar" de Melhor Figurino.

UM VIOLINISTA NO TELHADO

Direção: Norman Jewison. Com Topol, um dos melhores atores israelenses. Sucesso musical da Broadway que conta a saga do povo judeu, obrigado a deixar a Rússia Czarista.

MOBY DICK

Direção: John Huston. Com Gregory Peck e Orson Welles. O desafio é Moby Dick, a obsessão é de um grupo de valentes marinheiros e seu capitão, que querem matá-la.

O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

Direção: Robert Aldrich. Com Bette Davis e Joan Crawford. Com história baseada no best-seller de Henry Farrel. Dois mitos do cinema no maior clássico de terror e suspense de todos os tempos, numa trama de requintado humor negro.

IRMA LA DULCE

Direção: Billy Wilder. Com Jack Lemmon e Shirley Mac Laine. Irma La Duke é uma prostituta que com seu cãozinho de estimação, sempre arranja "clientes" sem sair do quarteirão. Mas tudo muda quando é destacado um novo policial. Ingênuo, ele quer mostrar serviço, mas se apaixona por Irma, que continua na sua atividade. Até que ele resolve se fazer passar por um milionário velho e solitário para conquistá-la.

UM PIJAMA PARA DOIS

Direção: George Abbot e Stanley Donen. Com Doris Day e John Raitt. Reivindicações trabalhistas se transformam em uma divertida comédia musical. Na antiga fábrica de pijamas, o romance entre um jovem supervisor e a chefe da comissão de empregados, em meio a greves, músicas e humor.

NASCE UMA ESTRELA

Direção: George Cukor. Com Judy Garland e James Mason. Juntos, uma atriz que sonha conquistar a fama e um astro, seu mentor, que conhece a decadência. Sucesso de público e crítica.

AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD

Direção: Michael Curtiz e William Keighley. Com Errol Flynn, Olivia de Havilland e Claude Rains. O clássico que influenciou todos os filmes de aventura, com a inesquecível atuação de Errol Flynn.

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Direção: Michael Anderson. Com David Niven, Cantinflas, Marlene Dietrich e Frank Sinatra. A maior aventura de todos os tempos. Baseada na obra de Júlio Verne. "Oscar" de Melhor Filme, Roteiro Adaptado, Fotografia, Edição e Trilha Sonora.

VERA CRUZ

Direção: Robert Aldrich. Com Burt Lancaster, Gary Cooper, Ernest Borgnine e Sarita Montiel. Dois pistoleiros de aluguel disputando um tesouro inconcluível e o amor da mesma mulher.

VIKINGS, OS CONQUISTADORES

Direção: Richard Fleischer. Com Kirk Douglas e Tony Curtis. A saga dos vikings e sua luta contra os ingleses pelo domínio da região, que mil anos atrás era centro do mundo.

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Direção: George Stevens. Com James Dean, Rock Hudson e Elizabeth Taylor. Os conflitos racionais, a disputa pelo poder e a grandiosa história do Texas contados com maestria no último trabalho de Dean. Um autêntico "cult-movie".

Tenha seus astros prediletos sempre perto de você.

ÚLTIMO TANGO EM PARIS Direção: Bernardo Bertolucci. Com Marlon Brando e Maria Schneider. Paul e Jeanne se conhecem num apartamento vazio, em Paris. Ele vem de um passado amargo, marcado pelo suicídio de sua esposa. Ela está para se casar. Mas a relação que nasce é mais forte que tudo.

CORPOS ARDENTES Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner e Mickey Rourke. Uma história sensual e sórdida que ressoa com o poderoso impacto dos filmes "noir" dos anos 40 - os inesquecíveis filmes policiais que transformaram-se em "cult-movies" - mas com a ironia, energia e a paixão dos anos 80.

LIGAÇÕES PERIGOSAS Direção: Stephen Frears. Com Glenn Close, Michelle Pfeiffer e John Malkovich. As vésperas da Revolução Francesa, a Marquesa de Marteuil e o Visconde Valmont envolvem Madame de Tourvel e Cecile de Volange numa complexa intriga. "Oscar" de Melhor Roteiro Adaptado, Direção de Arte e Figurino.

RAIN MAN Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman e Tom Cruise. Charlie descobre que a herança de seu pai ficou para seu irmão Raymond, que é autista. Decidido a ficar com o dinheiro, ele rapta Raymond e juntos eles iniciam uma viagem que muda suas vidas. "Oscar" de Melhor Ator, Filme, Direção e Roteiro Adaptado.

ADORÁVEL SEDUTORA Direção: Bruce Beresford. Com Tom Selleck e Paulina Porizkova. O escritor Philip Blackwood está rondando os tribunais à procura de idéias para seu novo romance. Porém, mais que inspiração, ele acaba conhecendo Nina Ionescu, uma linda garota romena que está sendo acusada de assassinato. Envolva-se nesta trama engraçadíssima e seja testemunha-chave do caso Philip, o escritor que cometeu um grande crime: o de se apaixonar.

VERÃO DE 42 Direção: Robert Mulligan. Com Jennifer O'Neilll e Gary Grimes. Aos 15 anos, Hermie vai passar as férias na praia e conhece uma mulher mais velha por quem se apaixona. Com ela, ele descobre as respostas para suas dúvidas sobre a vida, o amor e o sexo. "Oscar" de Melhor Trilha Sonora.

A MULHER DO TENENTE FRANCÊS Direção: Karel Reiz. Com Meryl Streep e Jeremy Irons. Sarah foi abandonada por um oficial francês e passou a ser conhecida pelos habitantes da pequena vila de pescadores como "a mulher do tenente francês". Não se trata apenas de uma clássica história de amor na era vitoriana: aparecem na tela - como se fosse um outro filme - imagens de um novo romance, entre os próprios atores que interpretam os personagens do passado.

A COR PÚRPURA Direção: Steven Spielberg. Com Whoopi Goldberg, Danny Glover e Adolph Caesar. A trajetória de uma mulher desde a semi-escravidão até o seu pleno desenvolvimento como ser humano, focalizando 40 anos de uma comunidade negra do Sul dos Estados Unidos.

CASABLANCA Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid. Na II Guerra, a cidade de Casablanca é a única saída para quem pretende fugir do Nazismo. O maior clássico do Cinema, onde Bogart e Bergman vivem momentos inesquecíveis. "Oscar" de Melhor Filme, Diretor e Roteiro.

Agora você pode ter suas fitas preferidas em sua casa. Preencha o cupom abaixo e envie à Warner Home Video agora mesmo. E aguarde que em breve tem mais novidades Warner Home Video para você.

SIM, quero adquirir fitas da Warner Home Video.

Nome

CIC RG

End.

CEP Ass.

Cidade Estado Telefone

Título	Quant.	Valor
TOTAL		

ATENÇÃO: Custo do frete por fita Cr$ 300,00.
Estou enviando cheque nominal à Warner Home Video no valor de Cr$ _____ incluso(s) o(s) custo(s) do frete. Recorte e coloque dentro de um envelope e envie-o à CAIXA POSTAL 9820 - CEP 01051. Prazo de entrega: 15 dias. PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/05/90.

OFERTA ESPECIAL!

Cr$ 2.350,00 cada.

Para maiores informações ligue para (011) 280-9522.

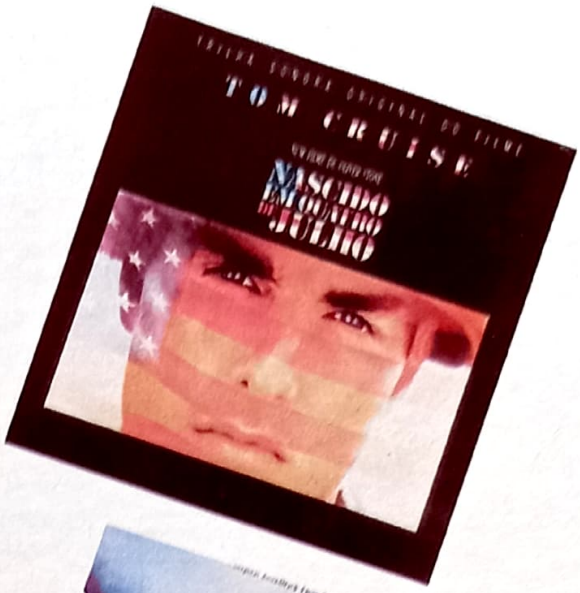
WARNER HOME VIDEO

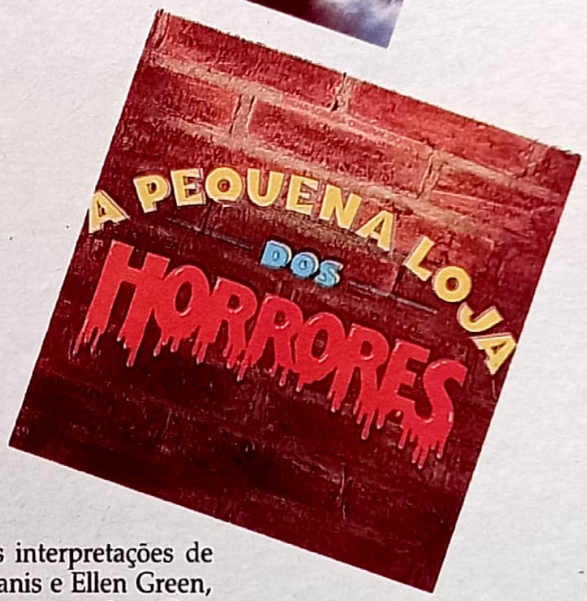
Vídeo, seu melhor programa.

© Warner Home Video Inc. "Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood.

UM PLANO DE POUCOS DISCOS

Apenas três lançamentos, num tempo de parcos cruzeiros





♦ As edições de trilhas sonoras parecem ter sido afetadas seriamente pelas medidas econômicas do novo governo, com uma drástica redução dos títulos lançados a partir de março deste ano. Como reflexo direto dessa situação, neste mês apenas três discos constam desta coluna, sendo que só dois deles merecem uma atenção especial. Para começar, o LP que apresenta a trilha sonora de *Nascido em 4 de Julho* (MCA/WEA). O lado um traz uma seleção um tanto desigual de canções dos anos 60, em que se misturam bons achados como o folk irlandês de Van Morrison ("Brown-Eyed Girl") e o soul dos Temptations ("My Girl") com músicas mais que manjadas como "American Pie", com Don McLean, e "Moon River", de Henry Mancini. De interesse maior são as regravações de "A Hard Rain's Gonna Fall", de Bob Dylan, e "Born on the Bayou", do Credence Clearwater Revival, a cargo de Edie Brickell & the New Boehmians e The Broken Homes, respectivamente. Já o lado dois traz seis temas instrumentais conduzidos pelas mãos experientes do veterano John Williams, com especial destaque para "Homecoming" e a música-título.

♦ O tecladista Edgar Froese, membro fundador do grupo de rock progressivo alemão Tangerine Dream, agora carrega a responsabilidade de dividir o nome da banda apenas com o também tecladista Paul Haslinger. Através do selo Private Music, de propriedade de outro ex-membro do grupo, Peter Baumann, o duo lança a trilha sonora do filme *Miracle Mile*, editada por aqui pela BMG-Ariola. O resultado não poderia ser mais insípido: sintetizadores, seqüenciadores e ritmos eletrônicos a serviço da mais pura falta de imaginação. Música *new age* para boi dormir.

♦ Alan Menken, ganhador do Oscar deste ano pela trilha de *A Pequena Sereia*, tem lançadas no Brasil as canções que fez para *A Pequena Loja dos Horrores* (Geffen/WEA). São treze impagáveis temas em que o compositor faz uma salutar mistura de rock dos anos 50, *doo wop*, baladas e *soul music*, a cargo das interpretações de Rick Moranis e Ellen Green, além de um coro de muitas vozes, dentre as quais se destacam as de Michelle Weeks, Tichina Arnold e Tisha Campbell. Como atrações especiais, a sádica intervenção de Steve Martin na hilária "Dentist!" e a participação marcante do vocalista do Four Tops, Levi Stubbs, interpretando Audrey II, a voraz planta carnívora, em "Feed Me (Git Me)" e "Suppertime".

Celso Pucci

JAMES DEAN

De feitura frágil e melancólica, o discípulo do Actor's Studio criou a imagem do rebelde sem causa ao encarnar a insanidade dos anos 50

Keystone

Cambaleando à deriva, protegido pelo manto da noite, o adolescente Jim Stark vem embriagado por uma rua deserta, conversa com um bichinho de brinquedo e cai no chão. Assim, o notívago e romântico inveterado Nicholas Ray abre o seu *Juventude Transviada* (*Rebel Without a Cause*, 1955). Jim (James Dean) é rebelde e solitário ao extremo e, ao lado de Judy (Nathalie Wood) e do desajustado Plato (Sal Mineo), está na mira da lei. Jim quer um "lugar" que não existe, e entre ele, seu pai e o "sistema" há um fosso intransponível. Ray, que em obras como *Jornada Tétrica* (*Wind Across the Everglades*), *Johnny Guitar*, *Amarga Esperança* (*They Live by Night*) e *Delírio de Loucura* (*Bigger than Life*), sempre apostou no veneno do impossível e flertou com *outsiders*, havia encontrado o ator certo: um rapaz baixinho e míope, nascido em 8 de fevereiro de 1931, em Indiana, pai dentista e mãe fazendeira, que falava truncado, engolindo algumas letras. No ano em que Elvis Presley incendiava com seus requebros, ele, na pele de Jim, berrava numa delegacia, dando voz a toda uma geração: "Vocês estão me arrasando!"

Warner

Ao lado, a imagem carente e edipiana que marcou o ator. Acima, aos nove anos, o charme precoce que conquistaria milhões de fãs

James Byron (nome dado pela mãe, que adorava o Lord Byron, poeta inglês que parece ter "abençoado" o ator com seu espírito dissoluto) Dean perdeu a mãe cedo, sendo criado pelos tios. Na escola, conta-se que "Jimmy" era bom no basquete. Segundo sua professora, "tinha o riso mais doce da classe". Sem dúvida ele era doce, mas sabia ser egoísta, arrogante e desagradável quando queria, traços que ficariam nítidos mais tarde. Aos 16 anos (em 1947) era o destaque do teatrinho escolar, além de saber desenhar cenários e figurinos. Com 18 anos vai a Los Angeles. Lá, matricula-se na Universidade da Califórnia e começa a atuar em comerciais, pontas na TV e no rádio. Futuramente, em Nova York, penetra no famigerado Actor's Studio, dos tiques e maneirismos criados por Lee Strasberg e desenvolvidos até o delírio por Montgomery Clift e Marlon Brando. O Actor's redefiniu a arte da representação em sua tentativa de captar o desajustamento existencial do pós-guerra. Jimmy, de feitura frágil e melancólica, que sorria nervosamente, espasmodicamente, e parecia um

Warner

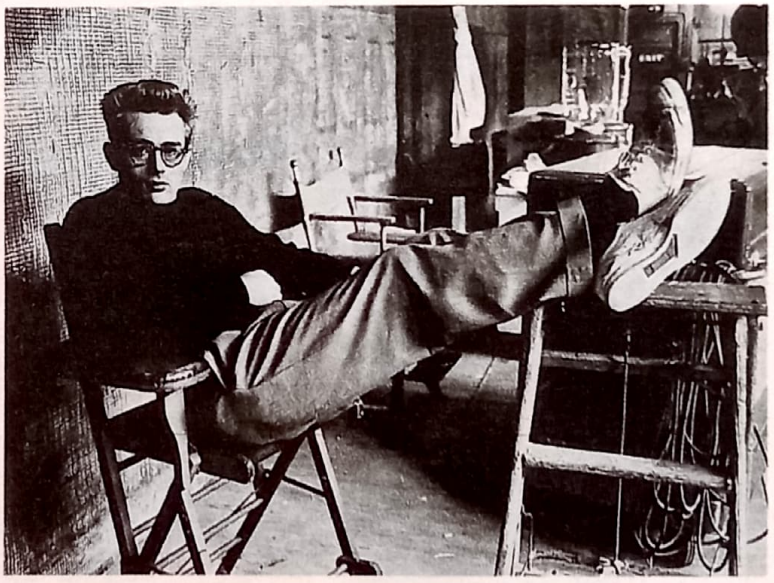
Warner

Peter Pan triste e ébrio, estava na escola certa.

AURA GAY — Dean idolatrava o deus Brando e fazia insistentes telefonemas a ele, nunca atendidos. Brando (que recusou o papel de *Vidas Amargas*, posteriormente de Dean) o dispensou discretamente. Montgomery Clift, outra lenda para o rapaz, foi mais cruel e chegou a desabafar: "Este garoto é doente, ele está perdido". Mas Jimmy estava na trilha certa da glória, freqüentando as aulas do Actor's e quebrando o galho com vários bicos, enquanto fascinava (com seu ar de garoto carente e edipiano) igualmente os dois sexos. Era visto com Terry Moore, Maila Nurmi e Pier Angeli, seu grande amor, que se casou com outro. Mas, no segundo volume do escandaloso *Hollywood Babylon*, a víbora Kenneth Anger relata coisas terríveis do seu promíscuo lado gay e sadomasô, garantindo com fatos a aura bissexual que sempre rondou o pessoal do Actor's. Nessa época (início dos anos 50), Dean realizou vários trabalhos para a TV (sem falar dos conhecidos comerciais de Pepsi e de uma campanha governamental que fez sobre... "segurança nas estradas") em que burilou sua marca rebelde.

Entre esses trabalhos, está o teledrama *The Dark, Dark Hours*. Dean é um criminoso que ameaça com um revólver um médico (ninguém menos que Ronald Reagan), obrigando-o a operar um amigo ferido. Revisto muitos anos depois, é um documento de duas personalidades antagônicas: o "bandido" morreu cedo e tornou-se um mito com três filmes. Já o "médico" realizaria mais alguns filmes esquecíveis e passaria a exercer sua canastrice num local mais adequado: a Casa Branca! Nesses filmes, ele já encarnava o que sabia melhor: adolescentes transviados e complicados, em constante estranhamento com o meio, que fumavam maconha e caíam de bêbados. Papéis que lhe cabiam como uma luva. Em seu rosto, a marca Actor's Studio: o riso nervoso, o cigarro no canto, os ombros pendentes, a esquisitice... Um estilo que, segundo a verve de Ruy Castro, consiste em "tartamudear, olhar de esguelha e fazer que vai-não-vai e acabar não indo".

Com o destino em suas mãos, acima, à esquerda, em seu primeiro Porsche, numa corrida em 1955. Acima, à direita, o característico olhar profundo e triste. Ao lado, numa atitude de descontração, em 1955



Warner

KAZAN — Realizou três curtas aparições: em *Baionetas Caladas* (*Fixed Baionets*, 1951), de Samuel Fuller, fez um soldado; em *O Marujo Foi na Onda* (*Sailor, Beware!*, 1951) contracena com Dean Martin, e em *Sinfonia Prateada* (*Has Anybody Seen My Gal?*, 1952), de Douglas

Sirk, com Charles Coburn. No teatro brilhou como um garoto árabe ao lado de Louis Jourdan e Geraldine Page, em *O Imoralista*, baseado em André Gide, peça com a qual ganhou um Tony. Um dia, Elia Kazan (que já havia lançado Brando e lançaria Warren Beatty) recrutou-o para o teste de *Vidas Amargas* (*East of Eden*, 1954), baseado num denso romance de John Steinbeck, e o esperto Dean passou a perna no candidato Paul Newman. Um filme belíssimo, de um cineasta eticamente controvertido, que (ao contrário de Ray) ajudou os macarthistas na "caça às bruxas". Em *Vidas Amargas* (e outros filmes), reflete, muito além de sua posição política, sobre o mal-estar, a insânia e o beco sem saída dos anos 50. Com Kazan, tanto quanto com Ray, Dean deu voz à revolta e à impossibilidade dos filhos de uma América puritana e dominadora, que temia perder seu poder mundial. Ele é Cal Trask, um Caim amargurado, triste e rejeitado, que viaja solitário sobre o teto de um trem. Sua mãe (Jo Van Fleet) é a dona do bordel de Salinas e todo o amor paterno vai para o "bom" irmão. Como na Bíblia.

Abaixo, com Nathalie Wood em Juventude Transviada (1955), de Nicholas Ray

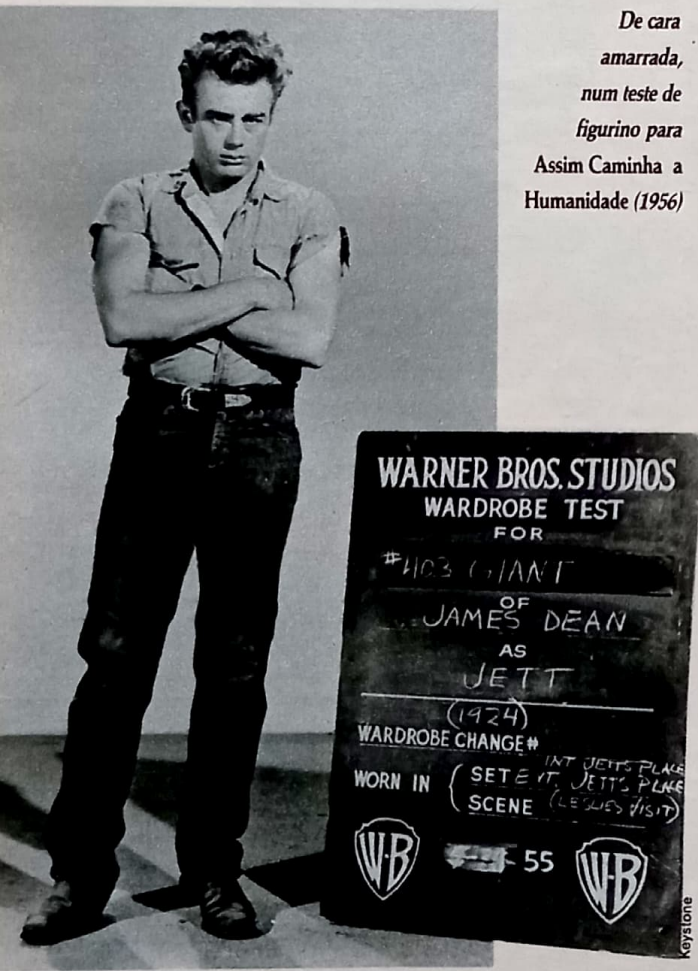
Warner

Também em *Assim Caminha a Humanidade* (*Giant*, 1956), baseado no romance de Edna Ferber, ele representa o outro, o enjeitado, o que está à margem, como o capataz Jetti Rink, defensor dos mexicanos, que lança olhares penetrantes para Elizabeth Taylor, mulher do patrão "reaça" Rock Hudson, latifundiário texano. O diretor George Stevens esbanja grandiosidade, pretensão, peso e esquematismo. Mas Jimmy está soberbo ao descobrir petróleo e em seu porre mítico. Dois anos após sua morte, ele concorreria ao Oscar, perdendo para Yul Brynner. Quando *Giant* foi lançado, em 1956, Dean já havia literalmente se espatifado há um ano. No crepúsculo de uma sexta-feira, 30 de setembro de 1955, com apenas 24 anos e só um filme conhecido, *Vidas Amargas* (*Giant* estava sendo montado e *Juventude Transviada* estreou três semanas após seu enterro), o Porsche Spyder chocou-se na estrada 466 (Califórnia) com um Ford que vinha na direção oposta. *The End*. Mas não para o mito. Logo viriam milhares de viúvas, a idolatria fanática e a indústria da necrofilia que só tem paralelos com a de Rodolfo Valentino (que também morreu cedo). Foram vendidos, entre outros artigos, réplicas de sua máscara mortuária e chaveiros com supostos pedacinhos de seu Porsche.

Ele deu paternidade às diversas modalidades daquilo que o establishment chamou de "rebeldes sem causa". Como se a ordem "adulta" em que o jovem foi jogado na década de 50 (e é jogado hoje) não oferecesse nenhum motivo para uma rebelião visceral e instintiva. Como se os blusões de couro, os duelos a navalha e os rachas de carros à beira do precipício, assim como outros emblemas do inconformismo *teenager*, não expressassem uma grande recusa diante da antivida estabelecida. A revolta juvenil é um componente do romantismo e está engatada na própria tradição literária ocidental. Que outra coisa eram Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, senão jovens transviados? Dean representou o fogo daquele momento da vida em que ainda somos raivosos e individualistas. O instante em que ainda temos vida, orgulho e pureza moral.

De acordo com E.M. Cioran, o filósofo da moda nos círculos niilistas, "um espírito só nos cativa por suas incompatibilidades, pela tensão de seus movimentos". Por isso, Dean, esse rapaz estranho e encantado, cativou tanto. Ele foi contraditoriamente frágil e viril, doce e bruto, selvagem e gentil, difuso e incisivo, canhestro e elegante, masculino e feminino. E foi o mesmo filósofo que escreveu: "Nem todos têm a sorte de morrer jovem". James Byron Dean, sedutor como uma flor do mal baudelaireana, teve essa sorte. Os deuses o presentearam e o congelaram em celulóide, belo para sempre.

Antonio Querino Neto



De cara amarrada, num teste de figurino para Assim Caminha a Humanidade (1956)

Você ama cinema?
Nós temos o sonho
que você procura!

Marilyn? James Dean? Tom Cruise? Jornada nas Estrelas? Indiana Jones?
Nosso arquivo é o mais completo e o mais variado do Brasil. Fotos P x B, coloridas, press books, cartazes de filmes originais, autógrafos, livros, jornais, revistas e a mais completa coleção de materiais referentes a história do cinema.

SOUVENIRS DE CINEMA®
CARTAZES DE FILMES, FOTOS & LITERATURA
2ª a sábado - 10:00 às 19:00h

Rua Siqueira Campos, 143 - S/L 61 - Copacabana
R.J. - Brasil - CEP: 22.031 - Tel.: (021) 255-1320

Se você tem cartazes de filmes para venda, ou qualquer material relacionado a cinema, entre em contato conosco.

ABERTURA DA LOJA 15 DE JUNHO

VAMOS BELISCAR

PARA QUEM TEM FOME O DIA INTEIRO, CHEGOU A DIETA DO BELISCO, QUE BAIXA A INSULINA E O COLESTEROL.

SEXUALIDADE INFANTIL.
COMPREENDA SEU PRÓPRIO PASSADO.

FIBRAS ANTICÂNCER. ALGUMAS SÃO BOAS, OUTRAS NÃO.

ATIVÍSSIMOS EXERCÍCIOS COM A TIRA DE BORRACHA.

REVISTA
Saúde!
É V I T A L

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

por Antonio Gonçalves Filho

TEOREMA

(Teorema, 1969)

Pasolini estava pronto para rodar sua "história teológica" sobre São Paulo quando *Teorema* começou a escandalizar o mundo, nos primeiros meses de 1969. O filme sobre o santo jamais seria feito pelo cineasta italiano. Por outro lado, quem viu *Teorema* testemunhou uma espécie de teofania que livra o filme do estigma de maldito, uma peça de escândalo que chocou a ala mais conservadora da Igreja e foi aplaudida pelos padres progressistas (*Teorema* até recebeu um prêmio da OCIC).

O filme é uma proposição em preto-e-branco com demonstração em cores. Vale dizer, o estado pré-teomaníaco de todos os seus personagens é descrito como uma vida sem cor, sem paixão, típica de uma família burguesa de Milão que, certo dia, é visitada por um anjo chamado Terence Stamp. Com sua chegada, tudo se transforma. A hipótese em preto-e-branco vira uma tese com cenas que tornam evidente a proposição pasoliniana: a única saída para uma sociedade materialista é procurar na barbárie a religiosidade que lhe falta. Para isso, ele envia Massimo Girotti ao deserto, como nos melhores filmes bíblicos.

Ele é um industrial aparentemente bem casado (com Silvana Mangano, uma beata hipócrita). Tem dois filhos, um candidato a pintor e uma garota alienada cuja adoração pelo pai ultrapassa o limite da neurose patriarcalista. Pela nobre casa circula ainda a empregada Emília (Laura Betti), a cúmplice subproletária de Deus, a santa que começa a comer urtigas quando não só testemunha uma teofania na casa do industrial como também é tocada pelo "anjo", o que, aliás, acaba acontecendo a todos os habitantes da casa. A anunciação dessa parábola é feita por Angelino o carteiro que traz o telegrama que alerta sobre a vinda de Terence Stamp e a sua partida.

Através do sexo do anjo todos se transformam. O pai acaba tirando a roupa na estação ferroviária de Milão, após doar a fábrica para os operários. A mãe, desesperada, passa a transar com garotos de rua. O filho, que começou imitando Francis Bacon, acaba se tornando um precursor dos minimalistas, ao eleger o azul como representação suprema de um fragmento divino (os olhos do anjo). A irmã vai parar num asilo de lunáticos. Finalmente, Emília, a única que não traiu Deus, volta para o campo e sobe aos céus, após ser simbolicamente enterrada num terreno baldio ao lado de um prédio onde se vê a foice e o martelo.

Para grande raiva de Pasolini, *Teorema* acabou saindo menos escandaloso do que o tema exigia. Em seu "pequeno manual laico", escrito simultaneamente às filmagens de *Teorema*, Pasolini recorria ao "livre discurso indireto", deixando-se, deliberadamente, contaminar pelo senso de humor burguês. No filme, trocase o humor pela nostalgia do mundo camponês, arcaico, em que a idéia do sacrifício não parece, em nenhuma hipótese, absurda. Acompanhados pela "Missa de Réquiem", de Mozart, os integrantes da família burguesa pasoliniana se rebelam contra a irrupção religiosa do "anjo", que subverte a ordem não só familiar como social. Ao procurar garotos na estação ferroviária, o pai industrial se submete a uma nova ordem moral subproletária. A mãe beata acaba fazendo sexo atrás de uma igreja de beira de estrada. O filho pinta de olhos fechados — um cego a retratar sua experiência teofânica. A filha mergulha definitivamente na busca irracional do "grande pai", reduzida à máxima simplificação do ser em sua inconsolável alienação.

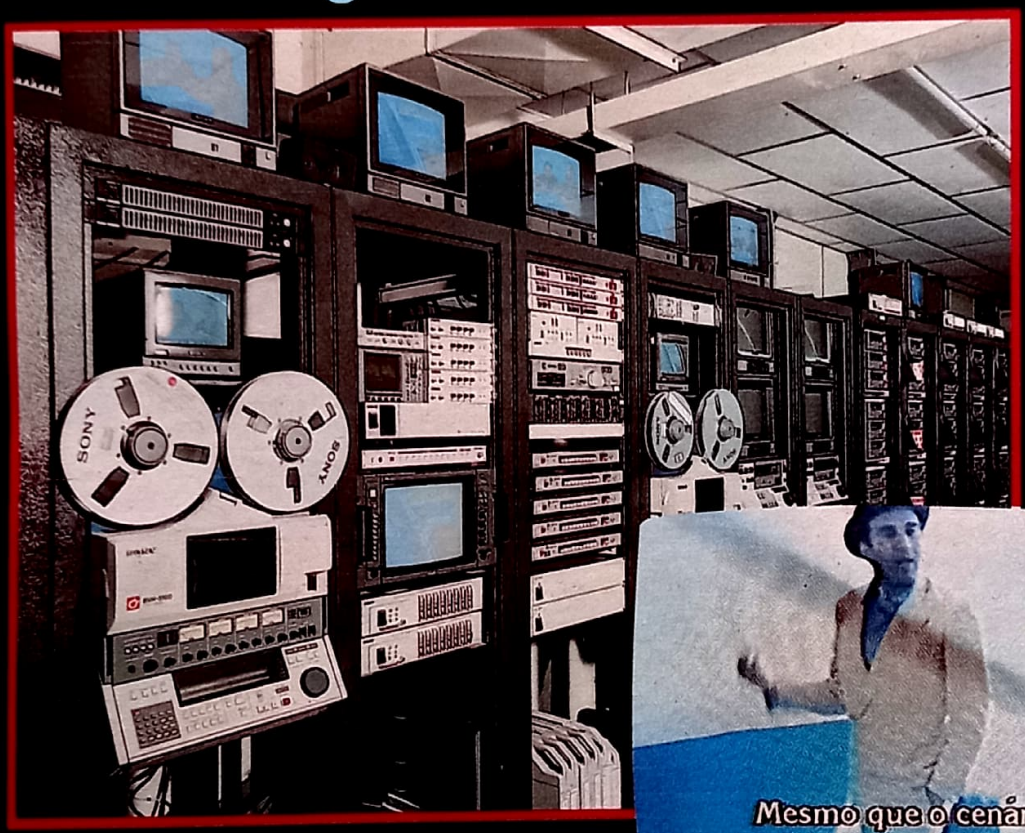
Teorema é o testamento político e religioso de uma era. Coincidentemente, foi feito em 1968, o ano em que todos viveram em perigo, acreditando que era possível mudar o mundo com dois *slogans* e um manual (marxista) de sobrevivência na selva das cidades. Infelizmente, chegamos aos 90 com os mesmos problemas. E sem a anunciação do anjo pasoliniano.

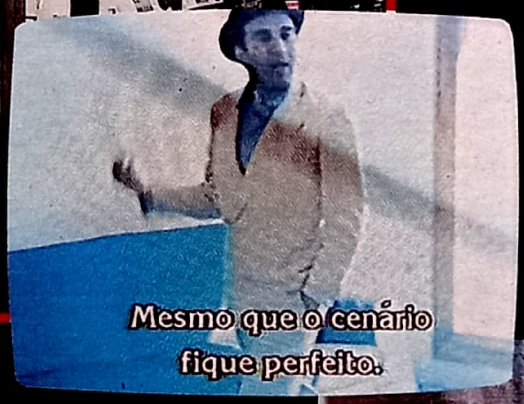
Antonio Gonçalves Filho, 37, é jornalista e repórter do jornal *Folha de S. Paulo*

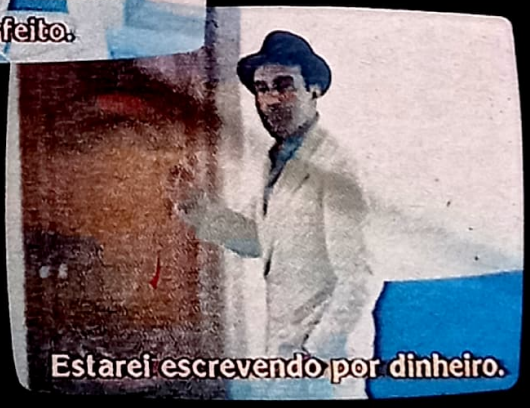
Como um anjo, Terence Stamp seduz Anne Wiazemsky, a filha do industrial

vídeo& EQUIPAMENTOS

Essas Máquinas Maravilhosas e suas Legendas Aterradoras







O arsenal eletrônico para a legendagem é bom, mas não tem dispositivos contra erros de tradução (que, aliás, não foram inventados). Por isso as gafes acontecem. Em O Desprezo, *por exemplo, Piccoli se refere ao "roteiro" — que virou "cenario" na legenda. Ora, cenarios se desenham. Não se pode escrevê-los, nem que seja por dinheiro.*

Saiba como, nos Laboratórios de Legendagem, as Fitas de Vídeo são Contaminadas pelos Imperdoáveis Erros de Tradução

Pág. 46

Nas Locadoras Os Sete Principais Filmes de Paulo Cesar Saraceni e mais 44 Lançamentos

Pág. 50

OLHA OS PRÊMIOS QUE VOCÊ VAI CRUZAR

PROMOÇÃO

CRUZADAS BIZZ

VOCÊ ENTENDE DE ROCK E TEM CRIATIVIDADE. ENTÃO, VOCÊ VAI CRUZAR MUITOS PRÊMIOS PELA FRENTE. CHEGARAM AS CRUZADAS BIZZ, UMA SUPERPROMOÇÃO DA REVISTA BIZZ, QUE VAI APAIXONAR VOCÊ COM TODAS AS LETRAS.

É SÓ RESOLVER AS PALAVRAS CRUZADAS, ACHAR A PALAVRA-CHAVE E SOLTAR A IMAGINAÇÃO. PASSE NA BANCA MAIS PRÓXIMA, LEVE BIZZ E ENTRE NESSA HOJE MESMO. VOCÊ VAI GANHAR PRÊMIOS INCRÍVEIS.

EDITORA AZUL

Contra Crise I

"Em chinês, a palavra crise tem dois significados: o primeiro é crise mesmo e o segundo é oportunidade." A lição de sabedoria oriental é do jovem empresário Otelo Bettim Coltro, de 27 anos, vice-presidente executivo da Vídeo Arte. À frente da poderosa distribuidora familiar — que comprou o catálogo da National Geographic por 6 milhões de dólares e no ano passado arrematou a formidável coleção da Metro por outros 19 milhões —, Coltro é um otimista. Foi ele quem planejou e desencadeou a campanha (desenvolvida pela União Brasileira de Vídeo e orçada em 250 mil dólares) iniciada em abril, para estimular o consumidor a preferir o vídeo como seu lazer em tempos de contenção de despesas. "Nesta crise está a oportunidade do nosso mercado", acredita ele, que idealizou o *slogan* "Pratique videocassete".

Roberto Cattani/Azul

Otelo Bettim Coltro: sabedoria oriental

Sony

A handycam TR-55, a insuperável da Sony

A Pequena Notável

Os concorrentes da Handycam TR-55, a minúscula camcorder da Sony, estão tentando apresentar algo semelhante com as míni-camcorders da Matsushita-Panasonic e da Hitachi. Mas até agora, nada. Anunciadas há meses, elas ainda nem foram mostradas. Não é fácil correr atrás da Sony.

Sony

Vídeo 8, com maior tempo de gravação, à espera de estratégias de marketing

Contra Crise II

A Warner Vídeo, através de 3.200 locadoras, está distribuindo camisetas (para quem alugar 30 fitas em 45 dias) e moletons (para o aficionado que locar 50). Investiu 180 mil dólares e estampou seu logotipo nas camisetas e moletons.

Vídeo 8 Contra-Ataca

O formato vídeo 8 ou 8 mm é a mais nova alternativa ao velho VHS e ao novo VHS-compact, em fitas de *home-vídeo*. Extremamente compacto e com uma duração maior que o seu concorrente, só não dominou completamente o mercado porque ainda não venceu obstáculos estratégicos.

As maiores firmas da indústria eletrônica japonesa, Matsushita-Panasonic, JVC e Hitachi, não aderiram ao formato reduzido lançado pela Sony. Por isso há pouca disponibilidade de fitas nas locadoras. Mas as barreiras estão caindo graças a grandes distribuidoras (Warner, Paramount, Metro e Columbia Pictures, recentemente adquirida pela Sony) que estão lançando seus filmes em 8 mm.

Contra Crise III

Tudo indica que 1990 será o ano das grandes jogadas de marketing. Nessa corrida contra a crise, a F.J. Lucas e a Zircon (ambas da empresa cinematográfica Sul) saem na frente com o inovador projeto "Programa Duplo". Quer dizer: dois filmes numa fita só. Os primeiros lançamentos (em abril) foram o filme de ação *Sádicos de Satã*, de Al Adamson, o suspense *O Mistério do Quarto 2A*, de William Rose (pela F.J. Lucas) e os pornôs *Livre das 8 às 4* e *As Aprendizes*, pela Zircon. O negócio de pegar um e levar dois chegou ao vídeo.

F.J. Lucas

Ao lado, cena de O Mistério do Quarto 2A. Abaixo, Sádicos de Satã

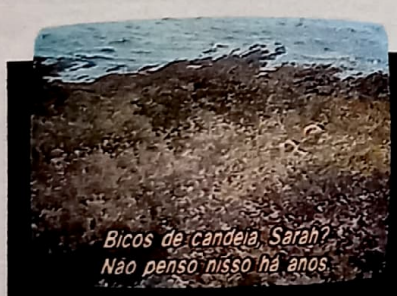
Desastres Legendários

Uma comédia de erros ganha a cena nas fitas de vídeo: as legendas. Tradutores, laboratórios e distribuidoras repartem a culpa. O espectador só pode rir (ou chorar)

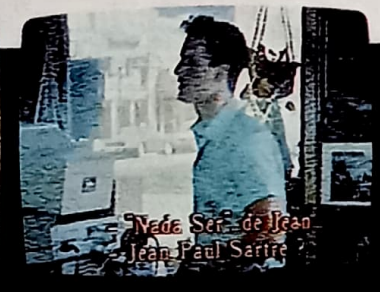
Existem mil e uma maneiras de estragar um filme ao transformá-lo em fita de vídeo: cortar cenas, alterar a velocidade, adulterar as cores, dublar numa língua que não a original, introduzir chiados na trilha sonora e finalmente — mas não menos importante — fazer uma tradução e uma legendagem ruins.

Não é fácil fazer boas legendas, todo mundo reconhece, e para uma boa tradução não basta que o tradutor conheça bem o idioma a ser traduzido — é preciso que tenha também noções básicas do contexto em que se passa a ação do filme, uma razoável cultura geral e uma atenção especial para não cair em armadilhas lingüísticas como os famigerados "falsos cognatos" (*actually*, em inglês, quer dizer *realmente* e não *atualmente*; *portant*, em francês, não significa *portanto*, mas *entretanto*; e assim por diante) e as enganosas semelhanças sonoras entre expressões com sentido distinto.

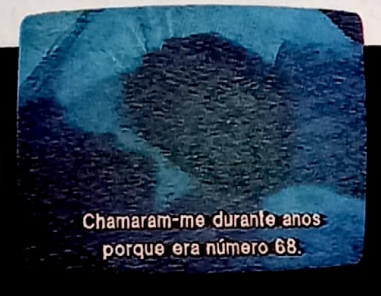
Erros de tradução, infelizmente, são muito comuns nos filmes para vídeo traduzidos e legendados no Brasil. Na verdade, o mercado de vídeo apenas adquiriu um erro típico do cinema: as traduções apressadas com resultados mais do que duvidosos. Quem assistiu ao último filme de Bette Davis, *Baleias de Agosto* (Mundial), é provável que tenha



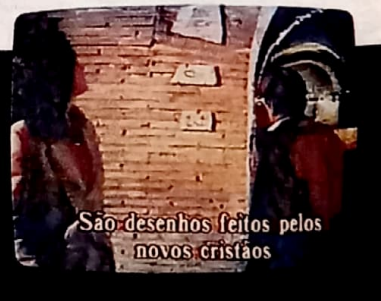
Baleias de Agosto *(Mundial)*
Erro: "bicos de candeia"
Fala original: "ambergris"
Tradução correta: "âmbar-gris"
(óleo de intestino de baleia)



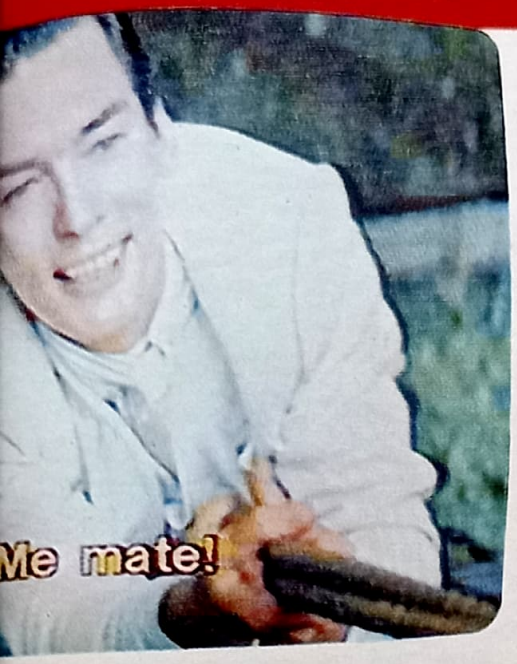
Roxanne *(LK-Tel/Columbia)*
Erro: "Nada Ser"
Fala original: "Being and Nothingness"
Tradução correta: "O Ser e o Nada"
(livro de Jean-Paul Sartre)



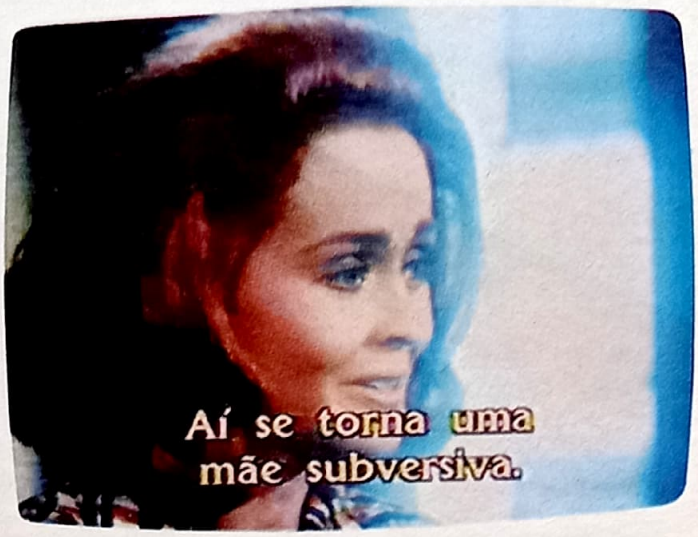
Olhos na Boca *(Poletel)*
Erro: legenda completa
Fala original: "Ho fatto il '68"
Tradução correta: "Participei dos movimentos de 68"



O Mistério da Palavra *(Vic)*
Erro: "novos cristãos"
Fala original: "early Christians"
Tradução correta: "primeiros cristãos"



Até dá vontade de matar mesmo. Mas o personagem de Os Intocáveis *(CIC), está dizendo "arrest me", que significa "prenda-me".*



Fotos Rui Mendes/Azul

A mãe não tem nada a ver com isso. A mulher de Bananas *(Warner) diz outra coisa: "a subversive matter" (assunto subversivo)*

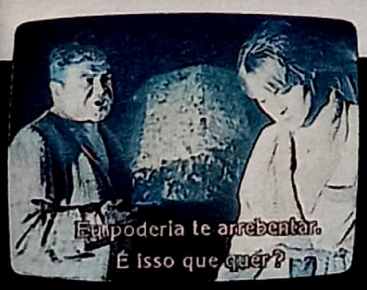
ficado sem saber o que seriam os "bicos de candeia" aos quais os personagens se referem constantemente. O tradutor entendeu errado a expressão *ambergris*, ou seja, âmbar-gris — óleo do intestino da baleia usado como fixador de perfumes. E só Deus sabe por que no filme *Wagner* (Video Time), o compositor alemão Richard Wagner, resolveu realizar o famoso festival de música wagneriana em Beirute, no Líbano — local bizarro para onde o tradutor deslocou o festival que existe até hoje em Bayreuth, Alemanha.

Deve ser por problemas desse tipo que determinados cineastas são considerados "incompreensíveis" Um que é de fato freqüentemente incompreensível, Jean-Luc Godard, recebeu uma involuntária contribuição a sua incerta glória na versão em vídeo de *O Desprezo* (Globo Vídeo). Acontece que a versão lançada aqui é a dublada em inglês para o mercado americano. Resulta daí que os diálogos entre um roteirista francês (Michel Piccoli) e um produtor americano (Jack Palance), mediados por uma intérprete, ficam parecendo conversa de doido ou de surdo na fita de vídeo: o sujeito fala algo em inglês, e a intérprete repete a mesma coisa, *também em inglês*, para o outro sujeito, que já ouviu tudo na primeira vez.

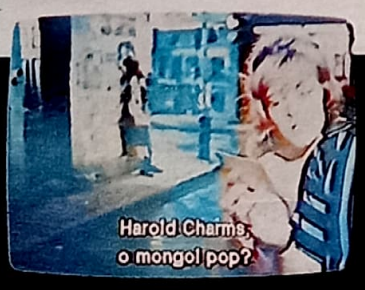
GAFES — Há ainda os atentados à lógica, que fazem parte de um determinado tipo de tradução. Em *Hiroshima, Mon Amour* (Sagres), de Alain Resnais, um japonês de Hiroshima diz a sua amante francesa que ele não estava na cidade no dia da bomba atômica. De acordo com a legenda, a francesa responde: "Uma oportunidade". Explica-se: o tradutor, preguiçosamente, traduziu a palavra francesa *chance* (sorte, no contexto) pela primeira que lhe veio à cabeça.

As causas dessas gafes estão ligadas a uma longa e viciosa cadeia da qual o tradutor é o último elo. As empresas de duplicação de filmes são obrigadas a oferecer o serviço de tradução e legendagem para as distribuidoras, que por sua vez ficam à mercê da burocracia alfandegária — que muitas vezes atrasa a entrega de um lote de filmes por até seis meses. Conseqüência: o serviço (como é comum no mercado de traduções no Brasil) é sempre feito às pressas, com os piores resultados possíveis.

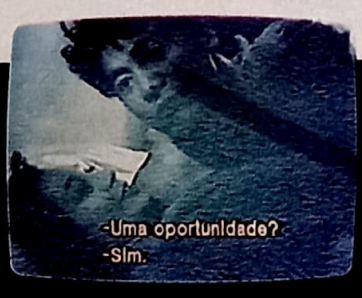
Os profissionais da tradução de vídeo geralmente são free-lancers e ganham em média de Cr$ 4 200 a Cr$ 6 300 (valores de abril) por filme. Embora trabalhem sem vínculo empregatício, a maioria dos tradutores presta serviços para um só laboratório, do qual dificilmente receberá mais de Cr$ 25 000 por mês. Além da tradução (feita a partir de uma cópia em VHS do filme), têm de resumir e sincronizar as falas dos atores e anotar as marcações para que as legendas entrem no tempo certo. Eles também acompanham o processo de legendagem, corrigindo eventuais proble-



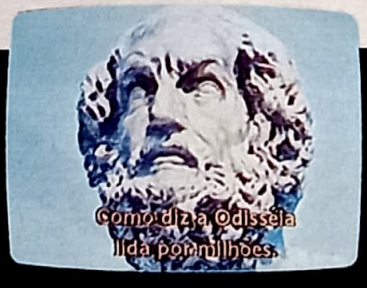
Armadilha do Destino *(Globo Video)*
Erro: "eu poderia te arrebentar"
Fala original: "I could punch that pretty pussy of yours into a pumpkin"
Tradução correta: "Eu poderia arrebentar a sua bela b..."



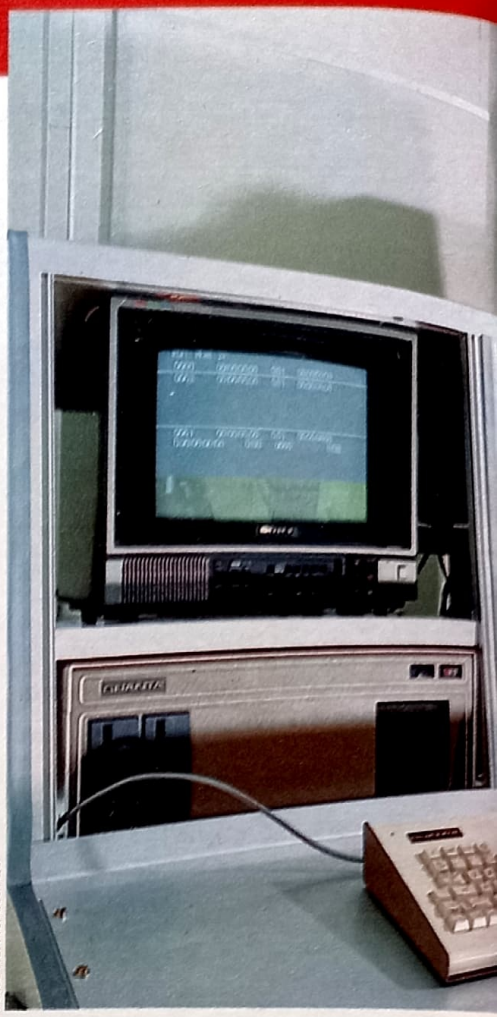
Absolute Beginners *(Look)*
Erro: "mongol pop"
Fala original: "pop mogul"
Tradução correta: "poderoso empresário da música pop"



Hiroshima, Mon Amour *(Sagres)*
Erro: "uma oportunidade"
Fala original: "chance"
Tradução correta: "sorte"



O Desprezo *(Globo Video)*
Erro: tudo. Fala original: "or was the tale of the Odyssey *weaved by many hands, like the Bible". Tradução correta: "ou foi a história da* Odisséia *urdida por muitas mãos, como a Bíblia"*



À esquerda, o equipamento de edição e legendagem do laboratório Vídeo Lab. Para Marina de Oliveira (abaixo), supervisora de traduções da empresa, "o tradutor precisa, além de conhecer o idioma, entrar no espírito do filme"

Fotos Rui Mendes/Azul

mas. As marcações são colocadas em um computador, e, através de um dispositivo denominado *time code*, as legendas vão sendo inseridas na cópia no tempo certo.

Para a gerente de produção do laboratório Vídeo Lar, Marta Matos, os erros advêm do pouco tempo disponível para fazer a tradução e a legendagem, que varia de 24 horas a três dias. Áurea C.T. Dal Bó, presidente da Associação dos Tradutores Técnicos de São Paulo, acha humanamente impossível fazer uma boa tradução dentro desses prazos. Ela traduz filmes técnicos — que têm um grau de dificuldade igual ou menor que um filme cheio de gírias e expressões idiomáticas. "Com o *script*, levaria uma semana para fazer a tradução de um filme de duas horas", afirma. "Sem o *script* em mãos, no mínimo dez dias." A cópia do *script* resolve uma parte do problema; mas até nesse ponto os tradutores enfrentam dificuldades, pois muitas vezes a distribuidora só manda o *script* de pré-produção, que não ajuda muito porque o filme depois de pronto e editado pode ficar completamente diferente.

Os laboratórios, por sua vez, afirmam ter muito cuidado com a escolha das pessoas que fazem as traduções, embora não exijam diploma universitário como pré-requisito. Marina de Oliveira, supervisora de traduções da Video Lab, traça o perfil do profissional indicado para trabalhar nessa área: "Para começar, não é um tradutor, e sim tradutora. Não sei por que, mas as mulheres tendem a fazer um trabalho melhor. Tem que ter um profundo conhecimento de ambas as línguas (a original do filme e o português), muita flexibilidade de horários e saber entrar no espírito do filme".

Os requisitos da Duplitech — laboratório que presta serviços à Warner e à Columbia — são um pouco mais rigorosos. "Para trabalhar como tradutor aqui não basta saber inglês. É preciso ter morado mais de três anos nos Estados Unidos e ter um diploma universitário de tradução", explica Ellie Waitzberg, um dos proprietários da empresa. Ele e seu sócio, Alain Minerbo, preferem trabalhar com tradutores que nunca tenham prestado serviços para outras empresas. "Eles adquirem vícios", explica Waitzberg, "e traduzem todos os filmes do mesmo jeito."

CALCANHAR-DE-AQUILES — Nos últimos anos, os laboratórios de duplicação têm demonstrado uma preocupação um pouco maior com a qualidade do seu produto. Praticamente todos passaram a usar a legenda amarela, considerada a melhor pelos padrões internacionais de qualidade.

Mas é na caixa registradora dos laboratórios que talvez se possa achar uma explicação para o pouco caso que cerca a situação das legendas. A tradução e legendagem de filmes não chegam a dar lucro aos laboratórios. Na melhor das hipóteses, o preço cobrado por esse serviço empata com o capital que nele foi gasto. A duplicação de filmes é uma atividade muito mais rentável, e é ela que traz lucros para os laboratórios.

A tradução é uma espécie de calcanhar-de-aquiles no processo de duplicação. A maioria dos responsáveis não admite, mas existem pressões para que o serviço seja entregue em prazos curtíssimos. "Já chegamos a perder um cliente porque dissemos que não poderíamos fazer a tradução no prazo que ele desejava", admite Marina de Oliveira. Também não adianta, nesses casos, os tradutores receberem uma cópia da tradução feita para um filme lançado no cinema — na tela grande, as legendas podem ter até 35 caracteres, enquanto no vídeo o máximo é de 26. A tradução deverá ser readaptada, na melhor das hipóteses, ou até mesmo refeita. E depois as legendas do cinema não podem ser modelo para muita coisa...

São justificáveis os erros nessas condições de trabalho. Mas, na verdade, são indesculpáveis, na maioria das situações citadas. Isso reflete omissão ou descuido, no sentido de fornecer ao consumidor um produto no mínimo correto. Afinal, ele não vai mesmo pedir o seu dinheiro de volta...

Ilha de legendagem da Vídeo Lar (à esquerda) e, acima, Marta Matos, gerente de produção da empresa. Áurea Dal Bó (à direita), presidente da Associação dos Tradutores Técnicos de São Paulo

As Distribuidoras se Defendem

As distribuidoras, em geral, lavam as mãos. Repassam para os laboratórios as responsabilidades (e depois as culpas) da legendagem. A declaração da diretora da Sagres, Ormy Giordanni Brandão, sobre os erros de Hiroshima, Mon Amour *é bastante sintomática: "Nós pagamos um ótimo laboratório, que é a Vídeo Lar. Gastamos uma fortuna na tradução, e isso só pelo interesse de fazer um lançamento de qualidade. Revisamos o filme aqui, mas não entendemos francês muito bem, assim como a maioria do público". Com legendas assim, é a minoria do público que está ameaçada: de desaprender o pouco que sabe de francês.*

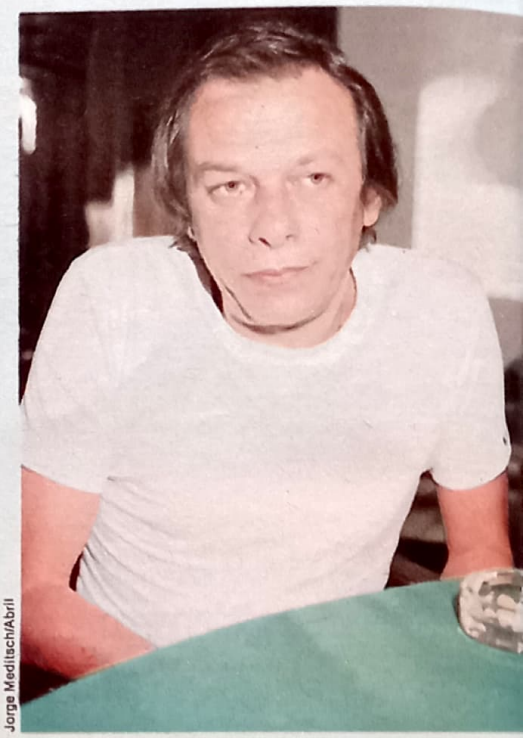
O diretor da Mundial, Luís Carlos Procópio, justifica tudo com a inevitável correria que caracteriza a função do tradutor no Brasil. "Quando pedimos uma legendagem, estamos correndo contra o tempo." Para ele, os tradutores deveriam ser mais profissionais. Segundo raciocina, eles não deveriam concordar em trabalhar com prazos tão exíguos. Há quem discorde. Marcos Rosset, diretor da CIC Vídeo, uma das majors *no Brasil, pretende contornar e resolver a escandalosa precariedade das legendas através da contratação de um crítico de cinema "com ótimos conhecimentos de inglês" (língua original da grande maioria dos títulos que lança) para supervisionar a legendagem. Na verdade, ele estará pegando uma carona na solução da Vídeo Arte, que distribui no Brasil os títulos da Metro e da National Geographic. Ela contratou o famoso crítico Rubens Ewald Filho — da Rede Globo, do* Jornal da Tarde *e da revista* Vídeo News, *que também aparece nas próprias fitas apresentando os filmes da Globo Vídeo e da Look Vídeo — para supervisionar a legendagem dos filmes da Metro. Segundo Ewald Filho, as legendas no cinema conseguem ser piores do que nas fitas de vídeo. "No cinema, o pessoal tem o vício de mudar a estrutura da frase, e isso, em comédia, por exemplo, tira a graça de muitas piadas." Ao espectador cabe agora torcer para que críticos responsáveis como ele contribuam para dar um jeito nas legendas de vídeo. As vezes, elas costumam transformar em piadas sem graça algumas das mais belas falas do cinema.*

Procópio, da Mundial: contra o tempo

Rosset, da CIC: "Contrataremos um crítico"

O Outro Pila

Fundador do Cinema Novo, ao lado de Glauber Rocha, Paulo Cesar Saraceni foi um pilar complementar do movimento. Aos 56 anos, tem sua obra básica lançada em vídeo



Jorge Meditsch/Abril

E no princípio havia uma idéia na cabeça e a câmera na mão. No manifesto escrito por Glauber Rocha no *Jornal do Brasil*, em 1960, em que foram lançadas as primeiras idéias do que viria a ser o Cinema Novo, ele citava o filme *Arraial do Cabo* (1959), de Paulo Cesar Saraceni, como o "primeiro sucesso brasileiro no exterior, o primeiro contato com a crítica internacional". Se Glauber já é bem conhecido de todos, Saraceni merece a devida apresentação como um dos parceiros mais aguerridos do movimento cinema-novista.

Passados 29 anos do lançamento da "pedra fundamental" por Glauber, a Warner Vídeo lança um pacote de sete filmes de Paulo Cesar Saraceni com o que há de mais representativo em sua filmografia.

Com *Arraial do Cabo*, ele conseguiu uma bolsa de estudos no Centro Experimental de Cinema de Roma. Seus companheiros de classe foram Marco Bellochio e Bernardo Bertolucci, e com eles escreveu vários roteiros.

Em 1962 Saraceni realiza seu primeiro longa. *Porto das Caixas* foi inspirado no conhecido "crime da machadinha", em que uma mulher pobre assassinou com requintes de selvageria o marido que a oprimia. Às vidas secas dos personagens o diretor adiciona uma forte carga de sensualidade. Isso se deve à exótica beleza da atriz Irma Alvarez, ao excelente desempenho de Paulo Padilha, como o marido, e a Reginaldo Farias no papel do amante. Para o poder da narração, contribuíram também a bela fotografia em preto-e-branco de Mario Carneiro e a envolvente música de Antonio Carlos Jobim.

Seu segundo longa preocupa-se com a classe média aflita e não mais com o sofrimento dos socialmente desvalidos. *O Desafio* foi feito em 1965, um ano após o golpe de 64. Atônita, a militância política buscava seu caminho. O personagem central (Oduvaldo Vianna Filho) é um jovem jornalista paralisado pela falta de perspectiva de vida no Brasil. Ele, que tem um caso com a mulher de um poderoso empresário (Isabella), começa a questionar tal relacionamento. Ela, por não entender o tormento do rapaz, acha simplesmente que o amor dele acabou. De um questionamento político agudo, *O Desafio* é um dos filmes mais vigorosos de Saraceni. Algumas das melhores canções de protesto da época pontuam a inquietação do protagonista.

ANJO — *Capitu* (1968) é uma das preocupações do Cinema Novo: a história do Brasil na sua literatura. Porém, baseado na obra de Machado de Assis, Saraceni realizou o seu filme mais frio. Apesar da colaboração de Paulo Emílio Salles Gomes e Lígia Fagundes Telles no roteiro, o relato de *Dom Casmurro* desprende-se da fina ironia de Machado para se ater a um desmembrar enfadonho de fatos. A bela história de amor e ciúme de Capitu (Isabella), de "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", e Bentinho (Othon Bastos) transforma-se, nas palavras de Saraceni, num emblema da desagregação da moral burguesa.

A Casa Assassinada (1971), de difícil compreensão, é o mais polêmico de sua carreira. Baseado no livro *Crônica da Casa Assassinada*, do escritor mineiro Lucio Cardoso, o diretor retoma, com a ajuda no roteiro do próprio Cardoso, o tema da dissolução da moral burguesa. Os Menezes, uma tradicional família mineira, recebem em sua casa Nina (Norma Bengell), moça carioca cheia de idéias modernas. Como em *Teorema*, de Pier Paolo Pasolini, Nina representa um anjo exterminador que deflagra circunstâncias demolidoras. Supostamente ela tem um caso com o próprio filho, que por sua vez é assediado pela tia. Timóteo (o excelente Carlos Kroeber) é um dos membros da família, que vive como travesti, trancado em seu quarto. Os personagens têm uma forte característica de degradação, que imprime ao filme um clima insano. O peso da narração, dos diálogos e monólogos lon-

Embrafilme

À direita, a atriz Irma Alvarez seduz um soldado na relva, induzindo-o a cometer um crime em Porto das Caixas. *À esquerda, o diretor Paulo Cesar Saraceni*

Embrafilme

Acima, a Capitu *(Isabella) "obliqua e dissimulada"; à direita, em* Ao Sul do Meu Corpo, *o professor (Pereio) e seu aluno (Nuno Leal Maia)*

gos sugere uma ópera trágica. Glauber considerou-o genial como um Murnau, um Buñuel ou um Rossellini.

Depois disso Saraceni cai no samba e na folia em *Amor, Carnaval e Sonhos* (1972). A narrativa leve e onírica é puro exercício de linguagem. A estrutura é descontínua. Leila Diniz destrói uma imagem de Nossa Senhora e ganha um folião de presente, Hugo Carvana. Numa seqüência longuíssima, uma passista se apaixona por um fotógrafo na avenida. Eles transam e vão ao baile: ele é Tristão, ela, Isolda. No salão, o próprio Saraceni rouba a Isolda do rapaz. Tristão se veste de baiana e Saraceni sai sambando.

Passado o paganismo cinematográfico, veio *Anchieta, José do Brasil* (1977), um exercício espiritual do diretor, e novamente a busca da raiz brasileira. Saraceni estudou Anchieta por três anos, para considerá-lo um homem que ia ao encontro do desconhecido e que não catequizou, mas foi catequizado pelo Brasil. Ney Latorraca interpreta um Anchieta diferente do pacato jesuíta a escrever poemas na areia. Ele é vigoroso, ensandecido e diplomata, como se fosse um Aguirre (do filme homônimo de Werner Herzog) santificado. Saraceni mostra a rapinagem dos portugueses e franceses, a miscigenação e profusão cultural como um "carnaval sagrado", em suas próprias palavras.

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 247-1022
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-35

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____ Estado _____ Telefone _____
Cidade _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

VÍDEO LANÇAMENTOS

Fotos Embrafilme

Em Anchieta, José do Brasil (acima), Latorraca é um padre vigoroso e até um pouco ensandecido, diferente do Anchieta ensinado nas escolas. Ao lado, Carlos Kroeber é um travesti em permanente lassidão no inquietante A Casa Assassinada.

O penúltimo trabalho é uma homenagem a Paulo Emílio Salles Gomes, um dos mais importantes estudiosos do cinema brasileiro. *Ao Sul do Meu Corpo* (1981) é baseado num conto, *Duas Vezes com Helena*, de seu único livro de ficção, *Três Mulheres de Três PPPês*. Alberto (Pereio) é um professor muito amigo do aluno Polydoro (Nuno Leal Maia). O professor é estéril, mas quer um filho de sua mulher, Helena (Ana Maria Nascimento e Silva). Para isso, arma um plano sórdido, em que o aluno deve engravidá-la. Trinta anos depois os três se encontram sob o impacto de fortes revelações. É um dos filmes mais dinâmicos de Saraceni. Sua última produção é *Natal da Portela* (1989), não disponível em vídeo. É a mais alegre e poética de Saraceni — um legítimo musical. O cineasta trabalha agora no projeto de um novo filme, baseado em livro da escritora Nélida Piñon, *Doce Canção de Caetana*.

Walter de Silva

Porto das Caixas, Brasil, 1962 ■ Com Irma Alvarez, Paulo Padilha, Reginaldo Farias, Sergio Sanz, Josef Guerreiro ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni e Lucio Cardoso ■ FOTOGRAFIA: Mário Carneiro ■ MÚSICA: Antonio Carlos Jobim ■ DURAÇÃO: 76 minutos

O Desafio, Brasil, 1965 ■ Com Isabella, Oduvaldo Vianna Filho, Sérgio Brito, Luiz Linhares ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni ■ FOTOGRAFIA: Dib Lufti ■ MÚSICA: Mozart, Villa-Lobos, Edu Lobo, Vinicius, Caetano Veloso e outros ■ DURAÇÃO: 81 minutos

Capitu, Brasil, 1968 ■ Com Isabella, Othon Bastos, Raul Cortez, Marília Carneiro ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni, Paulo Emílio Salles Gomes, Lígia Fagundes Telles, baseado no livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis ■ FOTOGRAFIA: Mário Carneiro ■ MÚSICA: Pe. José Maurício, Verdi, Villa-Lobos, Carlos Gomes, Ernesto Nazareth, Joaquim Manoel ■ DURAÇÃO: 103 minutos

A Casa Assassinada, Brasil, 1971 ■ Com Norma Bengell, Tetê Medina, Carlos Kroeber, Nelson Dantas, Augusto Lourenço ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni e Lucio Cardoso, baseado no livro *A Crônica da Casa Assassinada*, de Lucio Cardoso ■ FOTOGRAFIA: Mário Carneiro ■ MÚSICA: Antonio Carlos Jobim ■ DURAÇÃO: 103 minutos

Amor, Carnaval e Sonhos, Brasil, 1972 ■ Com Leila Diniz, Arduíno Colasanti, Ana Maria Miranda, Hugo Carvana, Paulo Cesar Saraceni ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni ■ FOTOGRAFIA: Marco Bottino ■ DURAÇÃO: 77 minutos

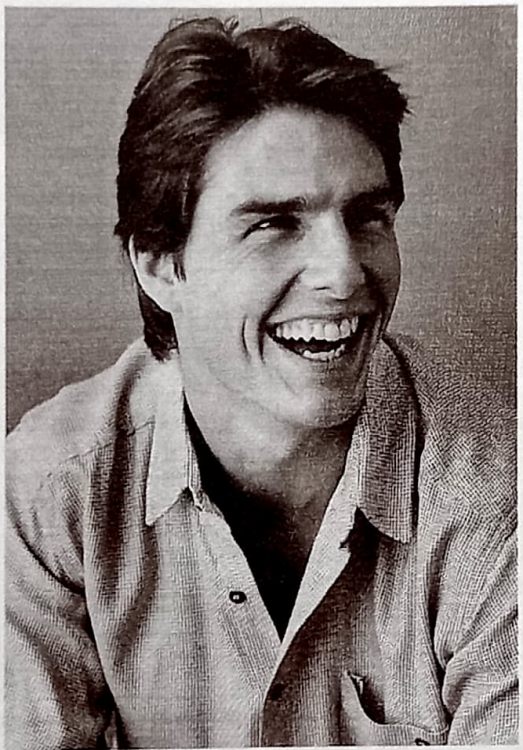
Anchieta, José do Brasil, Brasil, 1977 ■ Com Ney Latorraca, Luiz Linhares, Maurício do Valle, Joel Barcelos, Hugo Carvana, Ana Maria Magalhães ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni ■ FOTOGRAFIA: Marco Bottino ■ DURAÇÃO: 140 minutos

Ao Sul do Meu Corpo, Brasil, 1981 ■ Com Ana Maria Nascimento e Silva, Paulo César Pereio, Nuno Leal Maia ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni, baseado no conto *Duas Vezes com Helena*, do livro *Três Mulheres de Três PPPês*, de Paulo Emílio Salles Gomes ■ FOTOGRAFIA: Marco Bottino ■ MÚSICA: Sérgio Saraceni ■ DURAÇÃO: 100 minutos

DISTRIBUIÇÃO DOS VÍDEOS: WARNER

TOM CRUISE

OS SEGREDOS DO MAIOR GATO DO CINEMA NA MELHOR ENTREVISTA DE SUA VIDA.



"As amigas das minhas irmãs estavam começando a sair com os rapazes e treinavam comigo. Elas se sentavam numa pia e me ensinavam a beijar. Passávamos horas naquilo, depois da escola."

LEIA EM

PLAYBOY

DE MAIO

VÍDEO LANÇAMENTOS

FANTASIA

NAVIGATOR — UMA ODISSÉIA NO TEMPO ●●●●
(The Navigator: a Medieval Odyssey, Nova Zelândia, 1988)
Direção: Vincent Ward. Com Bruce Lyons, Hamish McFarlane, Chris Haywood, Paul Livingston. Look.
No ano de 1348, na Cúmbria, um vilarejo de mineradores vive a ameaça da peste negra que se alastra pela Europa. Griffin (McFarlane), um garoto de nove anos, tem sonhos e visões que lhe sugerem a necessidade de uma expedição subterrânea ao outro lado do mundo para salvar sua aldeia do flagelo. Com seu irmão Connor (Lyons) e mais quatro mineradores, Griffin parte como guia da viagem, que acaba por levá-los a uma grande cidade da Nova Zelândia na década de 1980. O que acontece então é segredo. Essa surpreendente realização do pouco conhecido cinema neo-zelandês mistura em doses exatas fantasia, aventura e ficção científica, alternando imagens em belíssimo preto-e-branco (as cenas em Cúmbria) e cores dramáticas e deslumbrantes (os sonhos de Griffin e as cenas no século 20). Entre referências talvez deslocadas à Aids e ao perigo nuclear, o cineasta faz o elogio da fé e da capacidade humana de transformar a vida. Um filme forte, estranho e indispensável. *J.G.C.*

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS VIII ●
(Amazing Stories, EUA, 1986)
A Competição — *Direção: Norman Reynolds. Com Polly Holliday, June Lockhart.* Sem Diana — *Direção: Lesli Linka Glatter. Com Billy Green Bush, Dianne Hull, Gennie James.* Sintonia Fina — *Direção: Bob Balaban. Com Matthew Laborteaux, Gary Riley.* CIC.
A irregular série *Amazing Stories* tem seus piores momentos concentrados nesta oitava fita. *A Competição* trata de um concurso de abóboras que uma senhora avarenta resolve vencer usando uma fórmula nova de crescimento. Além de um final absolutamente previsível, o episódio tem lição de moral logo no começo. *Sem Diana* concorre com facilidade do título de mais chata produção da série. Uma garotinha se perde no início, que se passa nos anos 40, e retorna, nos anos 80, no momento em que sua mãe está à beira da morte. É praticamente só o que acontece. As cenas são arrastadíssimas e com altas doses de pieguice. Já *Sintonia Fina* peca por frustrar expectativas. O argumento, de autoria de Steven Spielberg, trata de um garoto que entra em contato com um planeta de admiradores de seriados dos anos 50/60. O rapaz e seus amigos acabam virando cicerones dos três astronautas enviados à Terra pelo planetinha. O que poderia render boas risadas acaba causando irritação, graças à direção fraca de Bob Balaban e ao roteiro muito pouco desenvolvido. *M.S.*

INFANTIL

OS DUENDES DAS MONTANHAS ●
(Rip Van Winkle, EUA, 1985)
Direção: Nick Nicholson. Apresentando os Bonecos da Famous Fantasies e a Rufus Rose Company. América.
Fita sem atrativos que conta a história de Rip Van Winkle, protetor do rio Hudson e da floresta dos duendes. O roteiro é inconvincente e se perde junto com os personagens: marionetes mal controladas na péssima produção de efeitos especiais, trilha sonora e dublagem. A história já foi filmada por Francis Ford Coppola em 1985 para a série de TV americana *Faerie Tale Theatre*, certamente melhor que este filme. *M.C.*

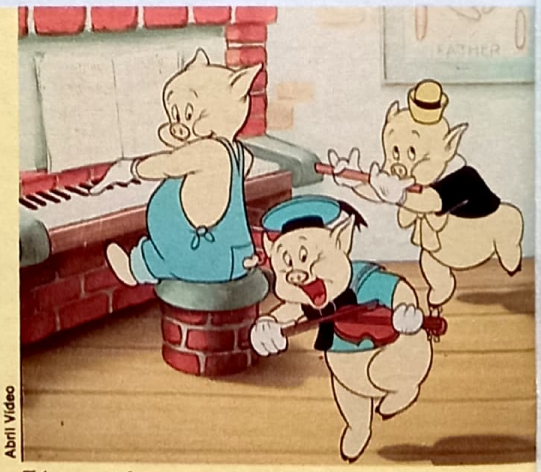
EM BUSCA DO VALE ENCANTADO ●●●
(The Land Before Time, EUA/Irlanda, 1988)
Direção: Don Bluth. CIC.

A fábrica dos sonhos trabalha a todo vapor com a união de Don Bluth, George Lucas e Steven Spielberg. Eles, mais uma vez (a última foi em *Fievel — Um Conto Americano*), criam com perfeição um desenho animado. *Em Busca do Vale Encantado* é a história de um grupo de dinossaurinhos na luta pela sobrevivência no pós-cataclismo pré-histórico, quando ocorreu a separação dos continentes. Rico em detalhes (movimento, sombras e reconstituição da época), traz ainda toda a magia e singeleza de Lucas e Spielberg. Qualidade garantida de fábrica. *M.C.*

COMÉDIA

TRAVESSURAS AMOROSAS DE UM DIABO ADOLESCENTE ●●
(My Demon Lover, EUA, 1987)
Direção: Charlie Loventhal. Com Scott Valentine, Michelle Little, Robert Trebor, Gina Gallego, Alan Fudge. LK-Tel/Columbia.
Denny (Michelle Little), uma garota nova-iorquina, desiludida com o amor após diversas experiências mal-sucedidas com cafajestes, encontra Kaz (Scott Valentine), um vagabundo estranho. Enquanto isso, Nova York vive sob o signo de um mutilador de mulheres. Mas a atração é irresis-

FESTIVAL DE OSCARS DA DISNEY ●●●●
Abril Vídeo
Reunião de oito desenhos produzidos entre 1932 e 1941 pelos estúdios Disney, todos eles premiados com o Oscar de melhor curta-metragem de animação pela Academia de Arte e Ciências de Hollywood.
Em *Flowers and Trees* (1932), o mundo vegetal se agita com o romance entre um arbusto e uma jovem árvore, brutalmente interrompido por um velho e carcomido carvalho, que ateia fogo à floresta. Um maravilhoso hino à natureza, e o primeiro desenho animado colorido.
Three Little Pigs (1933) foi o primeiro grande sucesso mundial de Disney. Seu *leit-motiv* musical, "Who's Afraid of the Big Bad Wolf", tornou-se uma alusão a Hitler, que chegava ao poder na Alemanha, e isso a despeito da caricatura vagamente anti-semita do lobo disfarçado em mercador judeu.
Fantástica é a corrida de *The Tortoise and the Hare* (1934), cujo protagonista, o gabola Max Hare, serviu de inspiração para Tex Avery criar o personagem Pernalonga.
Em *Three Orphans Kittens* (1935), três gatinhos órfãos viram uma casa ao avesso, num desenho notável pelos enquadramentos e "movimentos de câmera" cinematográficos.
The Country Cousin (1936) é uma aventura à "Tom e Jerry", com os ratinhos esfomeados se regalando numa mesa farta enquanto o gato cochila.


Abril Vídeo

Três porquinhos em sucesso musical Disney

Belíssimo é *The Old Mill* (1937), com seus lances dramáticos e visões expressionistas da tempestade.
Em *Ferdinand, the Bull* (1938) e *The Ugly Duckling* (1939), Disney apresenta dois de seus heróis mais típicos: os "diferentes" que se sobressaem do grupo justamente por aquilo que os humilhava perante este mesmo grupo.
Finalmente, *Lend a Paw* (1941), em que Pluto não sabe como agir diante de um gatinho, encerra esta coletânea, que já pode ser incluída entre as melhores do ano. *Luiz Nazário*

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

tível, e, numa sátira à força da energia sexual, Kaz, quando excitado, torna-se demônio. Uma comédia leve e despretensiosa, que tem a coragem de colocar em plena Big Apple as ruínas de um castelo medieval, onde se dá o embate final entre o satã amigo e o verdadeiro mutilador. Na linha de filmes que brincam com os mitos do satanismo, uma comédia que traz um satanás sedutor e pouco assustador, mais preocupado com seus problemas psicológicos do que com as maldades típicas da espécie. *J.A.J.*

FANTASMA DO SOL DO MEIO-DIA ●
(Ghost in the Noonday Sun, Inglaterra, 1974)
Direção: Peter Medak. Com Peter Sellers, Anthony Franciosa, Peter Boyle. Reserva.

Dirigido pelo húngaro Peter Medak, que realizou os bons *A Classe Dominante* (1971) e *Clube dos Homens* (1986), o filme é uma ineficaz incursão humorística no universo dos piratas. Sellers, como o amalucado pirata Scratcher, tem um dos papéis menos expressivos de sua carreira. Com seu jeito "mórbido, miserável e impaciente" (como diz a canção), Scratcher parte com seus homens esquisitos pelos sete mares, passando pela Irlanda, Argélia e outros rincões, sempre atrás de um misterioso tesouro. Mas a graça se esgota nas primeiras seqüências. *A.Q.N*

UM GOLPE MUITO LOUCO ●●●
(The Brink's Job, EUA, 1978)
Direção: William Friedkin. Com Peter Falk, Peter Boyle, Warren Oates, Gena Rowlands. Tec Home.
Classificado oficialmente como comédia, este policial inspirado num caso real oferece, entretanto, mais entretenimento e suspense do que propriamente risadas. O fato em questão é o roubo de milhões de dólares do cofre central da Brink's em Boston, em 1950, e o filme recua até 1938 para mostrar a trajetória de seu principal articulador, o golpista e escroque Tony Pino (Falk). É ele que, apoiado pela esposa Mary (Gena Rowlands), junta meia dúzia de pequenos vigaristas e organiza-os para o "roubo do século". Exibido na TV brasileira como *O Assalto Fabuloso*, esse filme veio confirmar a competência narrativa que Friedkin já havia demonstrado em *Operação França* (1971) e *O Exorcista* (1973). Aqui ele conta com a ajuda de um elenco afiadíssimo e a cenografia excepcional de Dean Tavoularis (colaborador de Coppola em *O Fundo do Coração* e *Tucker*, entre outros). *J.G.C.*

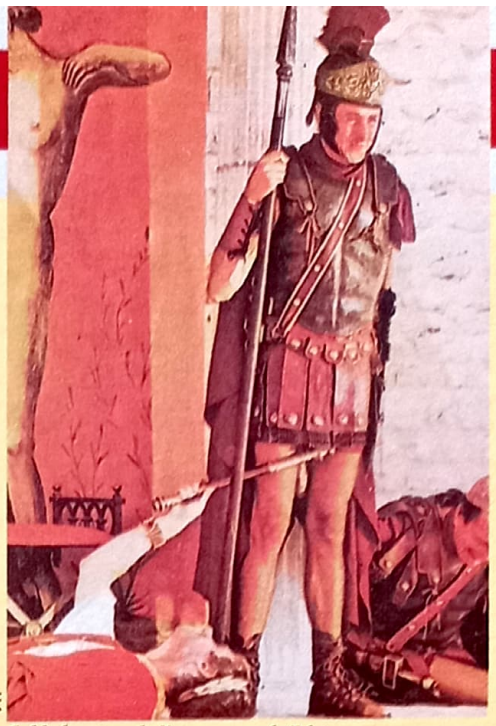
CHEECH & CHONG — OS IRMÃOS CORSOS ●●
(Cheech & Chong's — The Corsican Brothers, EUA, 1984).
Direção: Thomas Chong. Com Cheech Marin, Thomas Chong, Edie McClury, Rikki Morin, Roy Dotrice. Globo Vídeo.
A dupla "chicano-americana" Cheech & Chong há anos divide suas atividades entre a música e o cinema. Nesta produção, eles resolveram fazer graça com o romance juvenil de Alexandre Dumas (pai). É o que se pode chamar de adaptação infiel: eles não só são gêmeos de pais diferentes como passaram a ação do século 19 para cem anos antes, talvez porque assim o figurino ficasse muito mais engraçado. O problema é que farsa literária precisa de mais invenção do que Cheech e Chong mostram no filme. Há desperdício de oportunidades de *gags* visuais em favor de brincadeiras com vozes e diálogos picantes. Fica a impressão de que eles se controlaram em favor da produção. Para quem conhece Cheech e Chong de outras trapalhadas, controle é o que menos se espera. *M.S.*

AVENTURA

P.K. & COMPANHIA ●●
(P.K. and the Kid, EUA, 1982)
Direção: Lou Lombardo. Com Molly Ringwald, Paul Le Mat, Alex Rocco. Herbert Richers.
P.K. (Molly Ringwald, de *A Garota de Rosa Shocking*) foge de casa porque é molestada pelo padrasto tarado (Alex Rocco). Na estrada, ela conhece Kid Kane (Paul Le Mat), que vai em direção à cidade de Petaluma participar de um campeonato de queda-de-braço. Kid faz o gênero bom rapaz e ajuda a mocinha a escapar da perseguição do padrasto. Aventura simpática, que serve mais como curiosidade para ver Ringwald em início de carreira, longe do visual exótico e dos cabelos ruivos que lhe deram fama em outros filmes. *A.V.M.*

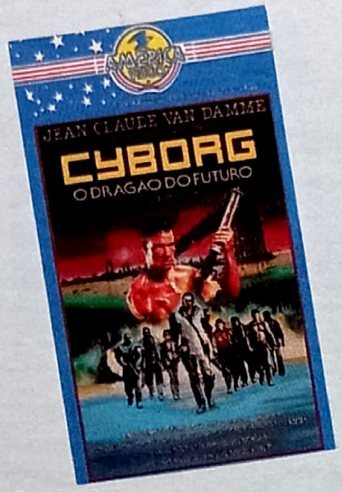
OPERAÇÃO PARATROOPER ●●
(Operation Paratrooper, EUA, 1988)
Direção: Frank De Palma. Com Martin Hewitt, Joe Dallesandro, Kimberly Beck. Mundial.
Na avalanche de filmes sobre a guerra do Vietnã, este é sobre um jovem ameaçado por um sargento neurótico, responsável pela morte do pai do rapaz quando ambos fugiam dos vietnamitas. Ao filme pouco interessa analisar os efeitos da guerra sobre a psicologia dos personagens. Como o sargento homicida age como os psicopatas de filmes de horror, e como as vítimas deixaram o patriotismo de lado para contrabandear armas, sobram cadáveres para todos os gostos. *P.C.*

A VIDA DE BRIAN ●●●●
(Life of Brian, Inglaterra, 1979)
Direção: Terry Jones. Com Graham Chapman, John Cleese, Eric Idle, Michael Palin, Terry Jones, Terry Gilliam. VTI.
Uma estrela cadente cruza os céus do Oriente Médio, dirigindo três reis magos no rumo de seu esperado Messias, ao som de um coro de inspiração religiosa. Sempre guiados pela estrela, eles chegam a um casebre onde acaba de nascer um menino, que eles presenteiam como se fosse o Senhor. Mas esse recém-nascido chama-se Brian e sua mãe é interpretada por ninguém menos que Terry Jones, o diretor do filme. Jesus é apenas o vizinho. Este prólogo, que dura menos de cinco minutos, condensa exemplarmente o humor do grupo britânico Monty Python: paródia (no caso, dos filmes bíblicos), iconoclastia e, sobretudo, *nonsense*.
Aos 33 anos, vivendo em Jerusalém, Brian (Chapman) continuará, é claro, a participar de confusões. Militando na Frente do Povo Judeu (um dos inúmeros grupelhos que combatem o imperialismo romano) ou tentando convencer multidões crédulas de que não é o Messias que elas esperam, ele está sempre no lugar errado na hora errada. Sua trajetória — ela mesma uma referência burlesca à vida de Cristo — é um prato cheio para os Python destilarem sua sátira não apenas à religião (judaica e cristã) mas também ao imperialismo e ao antiimperialismo, ao machismo e ao feminismo, sempre recorrendo às soluções mais inesperadas e absurdas. Entre os longas do Monty Python, este é talvez o que padece menos do problema crônico do grupo — a irregularidade. Há o eterno problema da tradução, que em geral ameniza a virulência verbal do original. Mas, mesmo assim, é uma comédia irresistível e uma rara oportunidade de ver como protagonista o ótimo Graham Chapman, morto em 1989. *José Geraldo Couto*


VTI
Soldados riem da língua presa de Pilatos

VÍDEO LANÇAMENTOS

CYBORG — O DRAGÃO DO FUTURO ●
(Cyborg, EUA, 1989). Direção: Albert Puyn. Com Jean-Claude Van Damme, Deborah Richter, Vincent Klyn, Dayle Haddon. América.

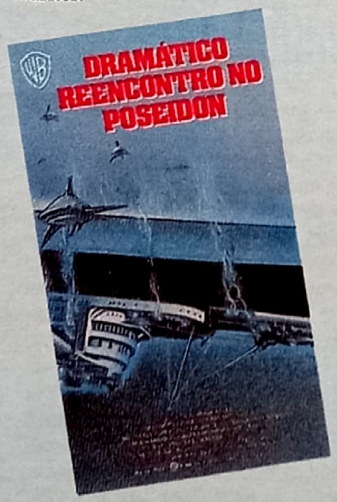


Com uma produção "B de luxo" que cruza *Fuga de Nova York* com *Mad Max*, este *Cyborg* existe apenas para confirmar o "Bruce Lee dos anos 90", o belga Jean-Claude Van Damme. Em um papel que lhe exigiu pouco mais que alguns grunhidos e o uso de uma peruca ridícula em algumas cenas, Van Damme distribui pancadas num grupo de piratas pós-apocalípticos que querem evitar o fim de uma praga. O diretor Puyn tentou pelo menos decorar a interminável pauleira com fotografia e iluminação de videoclipe. Por mais cuidado que tenha tomado, conseguiu dar uma solene escorregada ao montar fotogramas em que a pala de proteção da lente da câmera aparece como moldura na tela. O filme tem as exatas características de um vídeo de *heavy metal*, só que *sem* heavy metal. A partir dessa constatação, o roteirista desenvolveu a única idéia realmente interessante da fita: batizou os personagens com nomes de instrumentos musicais ligados ao rock. Daí, Van Damme se chamar "Gibson Rickenbaker", e o vilão, "Fender", tradicionais marcas de guitarras e baixos. Mas *Cyborg* exige muita paciência para tão pouca dose de ironia. *M.S.*

TRILHA DA VIOLÊNCIA ●●
(Tusks, EUA, 1989)
Direção: Tana Moore. Com Lucy Gutteridge, Andrew Stevens, John Ryhs Davies, Julian Glover. Transvídeo.

A pintora Micah Hill (Gutteridge), que luta contra a caça de animais, vai a Sekomo, África, a convite de Ian Taylor (Glover), outro defensor da vida selvagem. Micah não sabe que Roger (Davies), antigo empregado de Ian, acabou de sair da prisão. Ele foi condenado por homicídio e é um matador de animais sem nenhuma ética. Ao chegar no aeroporto, Micah faz declarações à TV que vão atrair a ira deste homem e transformar sua estadia numa terrível aventura na savana. Caberá ao guarda-caça Mark (Stevens) defender tanto a moça quanto a fauna contra Roger. O enredo ágil defende a ecologia, porém sofre de preconceitos colonialistas. Os matadores de elefantes e traficantes de marfim são ou negros ou mestiços mal-educados. Os ecologistas fanáticos cometem atos de loucura. Resta ao policial comum, eterno herói, lutar pelas vidas, tanto humanas como animais... *F.C.C*

DRAMÁTICO REENCONTRO NO POSEIDON ●●
(Beynond the Poseidon Adventure, EUA, 1979).
Direção: Irwin Allen. Com Michael Caine, Karl Malden, Sally Field. Warner.



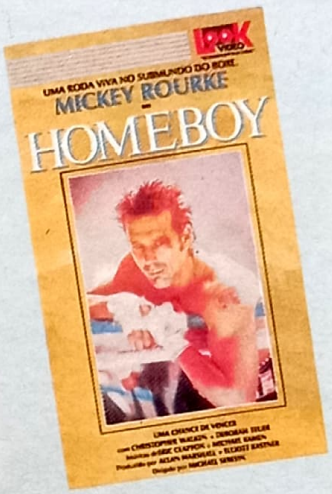
O rei absoluto dos filmes-catástrofe (às vezes nos dois sentidos da palavra), Irwin Allen, também é fã de um suspense "molhadinho" — produziu a série de TV *Viagem ao Fundo do Mar* e dirigiu *O Destino do Poseidon*. Esse "dramático reencontro" no transatlântico sinistro é, mais do que uma continuação, uma nota de rodapé ao filme anterior. Michael Caine (em um de seus papéis mais canastrões) é um oportunista como o próprio Allen, que pretende "salvar" os cofres do Poseidon antes que o navio afunde de vez. Ele entra com sua equipe no barco, encontra alguns sobreviventes e passa para o lado do bem, enquanto Telly Savalas assume toda a vilania. Se alguém remontasse as cenas da tentativa de fuga do grupo com seqüências tiradas de outra obra de Allen, *Inferno na Torre*, muitos espectadores não notariam a diferença. Embarcam também nessa barca furada Karl Malden e Peter Boyle, além das chorosas Sally Field e Shirley Jones, completando o modelo de "nomes famosos em perigo de morte coletiva". Tanta água, suor e ouriço valem talvez por uma preguiçosa sessão da tarde. *M.S.*

AVALANCHE ●●
(EUA, 1978)
Direção: Corey Allen. Com Rock Hudson, Mia Farrow, Robert Forster, Jeanette Nolan. Mundial.

O produtor Roger Corman e o diretor Corey Allen reuniram um elenco encabeçado por Rock Hudson e Mia Farrow e caíram de cabeça numa fria, literalmente falando. Depois de edifícios, terremotos e aviões aprontarem das suas nas telas, chegou a vez de a neve dar o ar de sua graça gélida. Numa estação de esquis, um ambicioso empresário constrói um sofisticado complexo turístico, mesmo contra o alerta de um ambientalista local. O resultado não poderia ser outro. Tudo acaba soterrado sob o gelo, inclusive a tentativa de prender a atenção do espectador. De permeio, as tramas paralelas de sempre, destacando-se a reconciliação do empresário Shelby (Hudson) com Caroline (Mia). Mia Farrow esforça-se por passar um pouco de calor humano em meio ao deserto gelado, no que é relativamente bem-sucedida. O resto do elenco limita-se a figurações inexpressivas e até mesmo amadoras em seus clichês. *J.A.J.*

DRAMA

HOMEBOY ●
(EUA, 1988)
Direção: Michael Seresin. Com Mickey Rourke, Christopher Walken, Debra Feur. Look.



Mickey Rourke sonhou com a realização desse filme semi-autobiográfico desde 1980, mas não percebeu que seu sonho era individual e que provavelmente decepcionaria até mesmo seus mais ardorosos fãs. O charme conquistado em *Nove e Meia Semanas de Amor* e a maturidade profissional obtida em *Coração Satânico* não lhe serviram como respaldo para sua atuação em *Homeboy*. Patético e sofrível, Mickey Rourke vive Johnny Walker, um lutador de boxe em busca de sucesso. Em sua incursão, um tanto tardia, ao mundo do boxe, Johnny encontra Ruby (Debra Feur), que se transforma em sua grande paixão, e Wesley (Christopher Walken), que leva o ingênuo Johnny ao submundo das contravenções. O filme, que foi lançado na Europa mas não conseguiu espaço nos cinemas dos Estados Unidos, é uma combinação de ingredientes insossos — história banal, atores caricaturais e narrativa monótona. *M.R.G.*

O FILÓSOFO ●●
(Der Philosoph, Alemanha, 1989)
Direção: Rudolf Thome. Com Johannes Herrschmann, Adriana Altaras, Friederike Tiefenbacher, Claudia Matschulla. Sagres.

O filósofo solitário e virgem Georg Hermes (Herrschmann) vive para os livros e o saber em seu pequeno apartamento, em Berlim. Sua vida muda completa-

mente quando encontra três jovens mulheres que o seduzem e o levam para a casa delas. Assustado e indefeso, Georg se rende aos poucos a todos os prazeres sensuais (da comida à cama) de que tinha fugido desde sempre. Estruturado em sua superfície como uma ligeira comédia de costumes, *O Filósofo* trai sua intenção alegórica ao fazer das três moças deusas do amor enviadas à Terra para uma missão. Todas as cenas do filme se encaixam como partes de um quebra-cabeça, ou melhor, de uma tese. Incensado afoitamente como obra-prima por boa parte da crítica brasileira, esse é antes um bom exemplo de uma certa vertente do cinema alemão, em que os conceitos filosófico-literários domesticam a intuição visual e a força das imagens, servindo-se parasitariamente da linguagem cinematográfica como poderiam servir-se de outra qualquer. *J.G.C.*

FLASH ●
(Nights in White Satin, EUA, 1986)
Direção: Michael Barnard. Com Kenneth Gilman, Priscilla Harris. VTI.

O filme mostra o envolvimento de Walker (Gilman), um bem-sucedido fotógrafo de Los Angeles, com Lisa — uma bela e silenciosa garota, que ele conhece (e leva para casa) depois de vê-la numa das fotos que tirou. Paralelamente, tem um caso com uma de suas sensuais modelos para fotos de *lingerie* e retrata os descamisados das ruas para um livro. Apesar do clima vibrante ao som dos Moody Blues, Pat Benatar e Thompson Twins, a trama é fraquíssima e se perde nas intermináveis seqüências do fotógrafo registrando as poses de suas modelos, entre cetins brancos numa Los Angeles artificial. Traz saudade do genial *Blow Up* de Antonioni. *A.Q.N*

A PELE ●●●●
(La Peau, Itália, 1981)
Direção: Liliana Cavani. Com Marcello Mastroianni, Burt Lancaster, Gina Lollobrigida. VTI.
O escritor italiano Curzio Malaparte (1898-1957) quase foi excomungado, além de ter sido espinafrado também à esquerda por conta de seu romance *A Pele*, de 1949. Trinta e dois anos depois, Liliana Cavani levou a Cannes uma adaptação do livro que acabou fazendo quase tanto barulho quanto o original. Isso porque a obra de Cavani preserva toda a crueza e a violência do romance de Malaparte, compondo um painel dantesco, em que saltam aos olhos imagens terríveis: vísceras brotando do corpo de um soldado ferido, cães vivissecados. Mas Malaparte e Cavani souberam extrair uma poesia vigorosa da brutalidade da guerra.
Quando as tropas americanas, lideradas pelo general Cork (Burt Lancaster), marcharam sobre Nápoles, em 1943, encontraram a cidade devastada. A população empenhava-se em sobreviver a qualquer custo, depois de ter expulsado nazistas e fascistas. Com a chegada dos novos conquistadores, Nápoles transforma-se num imenso bordel, onde as mulheres vendem a si e aos próprios filhos para sobreviver. O cicerone dos americanos, espécie de Virgílio moderno que os leva a conhecer o inferno de Nápoles, é o próprio Malaparte, oficial italiano do Exército de Libertação, vivido esplendidamente por um refinado Marcello Mastroianni. Percorrendo as vielas suspeitas da cidade, os conquistadores descobrem, em meio à confusão reinante, que os napolitanos fazem qualquer negócio para manter a própria pele, incluindo aí a venda, aos americanos, de prisioneiros alemães — por quilo. Mas talvez a imagem mais eloqüente de *A Pele* seja mesmo a do tanque das tropas vitoriosas, que, na entrada de Roma, atropela um homem que o saúda, transformando sua pele e ossos num amálgama de sangue. *Carlos Volpato*

Gaumont

Mastroianni, cicerone das ruínas da guerra

QUERO VIVER! ●●●●
(I Want to Live!, EUA, 1958)
Direção: Robert Wise. Com Susan Hayward, Simon Oakland, Virginia Vincent, Theodore Bikel. Warner.

O título melodramático não condiz com o tom seco com que o diretor Wise (de *Punhos de Campeão* e *West Side Story)* narra a história real da vigarista Barbara Graham, presa e acusada de um assassinato que não cometeu. Com uma minúcia por vezes exasperante, o filme mostra o acúmulo de erros, traições, acasos infelizes e circunstâncias sociais que tornaram a pequena contraventora Babs uma espécie de inimiga número um da América, a mulher que todos amavam odiar. Tendo como trilha sonora o jazz vibrante do combo de Gerry Mulligan, a trajetória de Babs, cercada por cafetões, traficantes, jogadores, jornalistas e advogados — todos corruptos —, assume a dimensão de uma descida aos infernos da podridão humana. Em contraste com esses tristes seres, a diabólica Babs ganha a aura de uma santa profana, como os marginais de Genet e Pasolini. Susan Hayward — altiva e furiosa — fez por merecer o Oscar que ganhou pelo papel. Grande interpretação em belo filme. *J.G.C.*

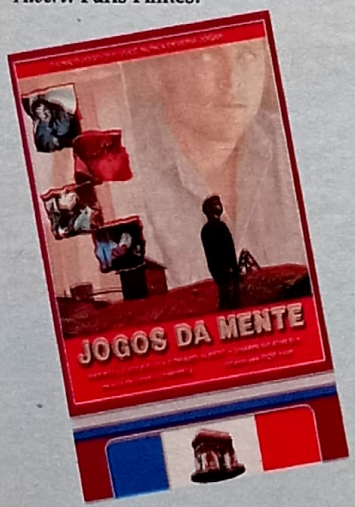
INTERIORES ●●●
(Interiors, EUA, 1978)
Direção: Woody Allen. Com Diane Keaton, Kristin Griffith, Geraldine Page. Warner.
Considerada uma das mais pedantes e rebuscadas obras de Allen, *Interiores* é um filme esteticamente belíssimo. Repleto de angulações e cortes sugestivos, e magníficos contrastes entre luz e sombra, gira em torno de uma família liderada por uma mãe doentiamente perfeccionista. A filha (Keaton) escreve poemas e é casada com um escritor. O pai abandona o lar e volta com sua nova e simplória mulher (a excelente Maureen Stapleton). Discutindo problemas como "a aterrorizante real implicação de morrer", *Interiores* marca a iniciação de Allen nos dramas psicológicos, após o êxito de *Annie Hall* (cujo Oscar ele desprezou). Esse seu lado sério e soturno (que recentemente, em obras como *Crimes e Pecados*, ele tem equilibrado melhor com a comicidade) não pode ser encarado simplesmente como o capricho de um pretensioso sub-Bergman. Seu domínio minucioso da narrativa, seus diálogos brilhantes e a segura direção de atores provam sua genialidade também no terreno sério. *A.Q.N.*

DIREITO DE DECIDIR ●●
(When the Time Comes, EUA, 1987)
Direção: John Herman. Com Bonnie Bedelia, Brad Davis. Herbert Richers.
Bonnie Bedelia interpreta uma mulher com câncer incurável, que quer se suicidar antes que a doença a faça sofrer demais. Para isso, ela pede ajuda ao melhor amigo (Brad Davis, de *O Expresso da Meia-Noite*), que deve ir ao México para comprar soníferos, já que nos EUA eles são vendidos somente com receita médica. A discussão sobre o direito de optar pela própria morte proporciona diálogos intermináveis, que acabam comprometendo até a convincente interpretação de Bedelia. *A.V.M.*

VÍDEO LANCAMENTOS

ROOMMATE — COLEGAS ATÉ CERTO PONTO ●●
(Roommate, EUA, 1987)
Direção: Nell Cox. Com Lance Guest e Barry Miller. Mundial.
Forçados a dividir o mesmo quarto no *campus* da universidade, Aaron (Lance Guest) e Henry (Barry Miller), um, *wasp* radical, e o outro, naturalista zen, terão suas convicções postas em xeque. Do conflito candente entre os dois nasce uma amizade algo insólita. Desnecessário dizer que isso conduzirá a uma série de situações cômico-dramáticas, que de certa forma atenuam o espírito crítico presente no livro *The Christian Roommates*, de John Updike, que serviu de base ao filme. De resto, um tratamento tímido ao velho tema da amizade, que em nenhum momento consegue alçar vôo. *M.M.*

JOGOS DA MENTE ●
(Mind Games, EUA, 1988).
Direção: Bob Yari. Com Maxwell Caulfield, Shawn Weatherly, Edward Albert. Paris Filmes.



O casal Dana (Edward Albert) e Rita (Shawn Weatherly) resolve viajar pela Califórnia para contornar sua crise amorosa. No caminho, embarca em seu furgão o caroneiro Eric (Maxwell Caulfield), que não demora muito para se tornar o "melhor tio" do filho do casal, Kevin (Matt Norero). Alguns quilômetros depois, Eric, que se diz estudante de Psicologia, já contesta a posição de Dana dentro da família. Nessa altura, o filme já vai derrapando pela estrada. Eric, que tinha a intenção de usar o trio para testar seus conhecimentos, não demora a ser caracterizado como o agente do mal, minando os "sagrados laços" de gente fraca, mas bem-intencionada. Até que as coisas se resolvam, o diretor preenche os muitos espaços vazios do roteiro com seqüências açucaradas em estilo videoclipe, ajudado pela música-tema de David Campbell — uma versão instrumental de Bruce Hornsby. A chatice se multiplica na direção de um desfecho pretensamente forte, mas completamente previsível desde o primeiro terço do filme. Sobra um punhado de paisagens da costa californiana, um chique "veículo q.s.p.". *M.S.*

QUANDO CHEGA O AMOR ●●●
(The Bay Boy, Canadá/França, 1984)
Direção: Daniel Petrie. Com Kiefer Sutherland, Liv Ullmann, Peter Donat, Mathieu Carrière. Globo Vídeo.
Não se assuste com o horrendo título nacional. Esse é um delicado drama sobre o processo de aprendizado da vida por um adolescente (Kiefer Sutherland) de uma cidadezinha da Nova Escócia, no Canadá, nos duros anos 30. Dividido entre a vontade da mãe (Liv Ullmann) — que quer torná-lo padre católico — e seu próprio desejo de experimentar o sexo com as garotas de sua idade, Donald Campbell passa por dois momentos traumáticos na sua passagem para a vida adulta: no primeiro deles, presencia um assassinato e passa pelo dilema de delatar ou não o assassino; no segundo, vê sua vocação religiosa naufragar quando um jovem padre (Carrière) tenta seduzi-lo amorosamente. O diretor Petrie (que em 1978 quase chegou a dirigir *Nascido em 4 de Julho*) entrelaça habilmente essas passagens de alta tensão dramática com momentos de crônica leve ou francamente cômica. O filme marca também a auspiciosa estréia de Kiefer Sutherland, um dos maiores talentos da nova geração de atores americanos. *J.G.C.*

WESTERN

SAM WHISKY — UM HOMEM DE OURO ●●
(A Man Off All Breeds, EUA, 1969)
Direção: Arnold Laven. Com Burt Reynolds, Angie Dickinson, Clint Walker, Ossie Davis. VMW.
Neste western temporão, Burt Reynolds é um aventureiro que se alia a outros dois homens e a uma jovem (Angie Dickinson) para, juntos, resgatarem do fundo de um rio um carregamento de ouro roubado, com a finalidade de devolvê-lo a seu lugar de origem — o Tesouro do governo norte-americano. Como sempre, Reynolds interpreta um personagem cínico e gozador, contribuindo para o tom de comédia assumido por este western, esvaziado da mitologia inerente ao gênero. *P.C.*

O PASSADO NÃO PERDOA ●●
(The Unforgiven, EUA, 1960)
Direção: John Huston. Com Burt Lancaster, Audrey Hepburn, Audie Murphy, Charles Bickford, Lillian Gish, John Saxon. Warner.

Elenco memorável em filme nem tanto. Os Zachary e os Rawling, sócios na criação de gado no Texas, entram em atrito quando os índios kiowa ameaçam atacar todos os brancos da região para resgatar a jovem Rachel Zachary (Audrey Hepburn), que segundo eles é índia e foi raptada quando bebê. Se o argumento é bom, seu desenvolvimento deixa muito a desejar. À parte o flagrante racismo deste filme, em que os índios são exterminados como moscas em nome da honra dos Zachary,

RIO VERMELHO ●●●●●
(Red River, EUA, 1948)
Direção: Howard Hawks. Com John Wayne, Montgomery Clift, Walter Brennan, Joanne Dru, Noah Beery Jr. Warner.
Em 1851, um vaqueiro obstinado desgarra-se de uma caravana que cruzava a América em direção à Califórnia e decide procurar no Texas um bom lugar para iniciar a criação de uma grande boiada. Traz consigo apenas um touro e um velho amigo. Mal começa sua viagem rumo ao Sul, encontra um garoto e uma vaca, únicos sobreviventes do massacre que os índios infligiram à mesma caravana. O vaqueiro chama-se Thomas Dunson (John Wayne), e *Rio Vermelho* conta a história do rebanho iniciado com essa vaca e esse touro primordiais, especialmente a mítica travessia de volta ao Norte, em busca de mercado, catorze anos depois.
Não foi por acaso que essa obra-prima do *western* foi considerada por muitos críticos o símbolo mais expressivo do expansionismo capitalista americano. Dunson esmaga mexicanos, índios, ladrões e fazendeiros concorrentes para cumprir seu desejo, que ele considera uma missão essencial ao país. Mas o principal problema que terá de enfrentar não são os inimigos — é a tortuosa relação de amor e ódio que mantém com o jovem Matthew

Warner

O expansionismo americano de Wayne e Clift

Garth (Clift, em seu primeiro papel), o menino da vaca, criado por Dunson como se fosse seu filho, mas que cresceu, esteve na Guerra Civil e agora é uma espécie de rival no comando dos homens encarregados de transportar a boiada. É em torno do conflito entre os dois que Hawks desenvolve admiravelmente seu épico. Na longa travessia rumo ao Norte, ataques indígenas, tiroteios, estouros de boiada são como reverberações da tensão essencial entre os homens e suas emoções, e é talvez isso que distingue um artista como Hawks de um vulgar cineasta de aventuras. *José Geraldo Couto*

há problemas terríveis de verossimilhança. Como acreditar que a europeíssima Audrey Hepburn possa passar por kiowa? Como acreditar que Ben Zachary (Lancaster), para afugentar os índios que estão do lado de fora, coloque fogo em sua própria casa e se esconda no porão? Na carreira desigual de John Huston, esta espécie de *Rastros de Ódio* às avessas ocupa um lugar mais próximo dos baixos do que dos altos. Vale apenas por algumas cenas isoladas, como a da divina Lillian Gish tocando Mozart num piano no meio do descampado texano. Um fugaz antídoto à trilha sonora grandiloqüente e excessiva de Dimitri Tiomkin. *J.G.C.*

SUSPENSE

DISQUE M PARA MATAR ●●●●
(Dial M for Murder, EUA, 1954)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Grace Kelly, Ray Milland, Robert Cummings, John Williams, Anthony Dawson. Warner.

O ex-jogador de tênis Tom Wendice (Milland) quer ficar com a fortuna da esposa, Margot (Grace Kelly), e então chantageia um aventureiro (Dawson) para que este a mate segundo um plano perfeito. O assassino deve ficar escondido atrás da cortina da sala dos Wendice. Tom telefonará tarde da noite do clube e, quando Margot atender, o assassino a atacará por trás e a estrangulará. Claro que as coisas não acontecerão bem assim, mas o importante é que, até a execução do atentado, o filme é a quintessência do suspense hitchcockiano, com sua perversa manipulação do tempo, do olhar e da expectativa do público. O desenvolvimento é de enigma policial cerebral à moda inglesa (a história, baseada numa peça de Frederick Knott, passa-se na Inglaterra). Hitchcock "limita-se" então a mostrar toda a sua habilidade em dirigir poucos personagens num único recinto sem jamais entediar o espectador. Considerado por muito tempo um Hitchcock "comercial" e menor, *Disque M* tem visto seu prestígio crescer a cada revisão. *J.G.C.*

A SÉTIMA PROFECIA ●●
(The Seventh Sign, EUA, 1988)
Direção: Carl Schultz. Com Demi Moore, Michael Biehn, Peter Friedman, Jorgen Prochnow. LK-Tel/Columbia.
Profecias apocalípticas tornam-se realidade pelas mãos de um emissário de Deus (Prochnow). O fim do mundo está próximo. Um casal (Moore e Biehn) espera ansioso a chegada de seu rebento, mas quem chega primeiro é o emissário, para fazer cumprir a sétima profecia, que pesa sobre a futura mamãe. Relutando contra sua sofrida gravidez, ela descobrirá que junto com o seu filho serão os responsáveis por salvar a humanidade da ira divina, neste eficiente *thriller* recheado de citações bíblicas, que tem a seu favor o seguro desempenho dos intérpretes. *W.A.S*

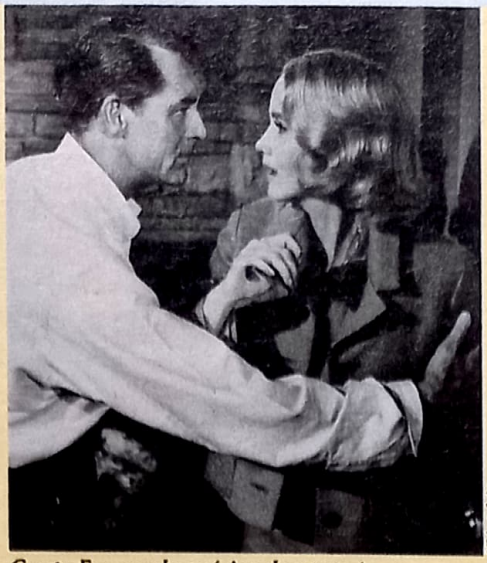
O TERCEIRO HOMEM ●●●●
(The Third Man, EUA, 1949)
Direção: Carol Reed. Com Orson Welles, Joseph Cotten, Alida Valli e Trevor Howard. VTI.
O Terceiro Homem é um verdadeiro *show* de direção. Carol Reed, que realizou pelo menos outros dois filmes com o mesmo gosto pelo que há de cinemático no cinema — *O Condenado (Odd Man Out*, 1947) e *O Ídolo Caído (The Fallen Idol*, 1948) —, esmera-se em narrar este conto moral de Graham Greene por meio de uma forma tão expressiva quanto inusitada.
O filme compõe-se de uma sucessão, perfeitamente encadeada, de planos inclinados — um recurso que o cinema atual praticamente esqueceu. Sua trilha sonora contrapõe-se à trama sombria e algo *noir* como comentário irônico por sua luminosidade: enquanto se fala de crianças mortas por doses adulteradas de penicilina no mercado negro, enquanto articulam-se traições, delações e perseguições mortais, ouvimos o maravilhoso dedilhar de Anton Karas numa cítara de onde escorrem melodias vagamente ciganas.
A ação de *O Terceiro Homem* se passa entre os cenários naturalisticamente barrocos de uma Viena cujos magníficos monumentos emergem intactos dentre as ruínas da Segunda Guerra — uma cidade de irreal fotografada por Robert Krasker, que mereceu o Oscar por esse seu trabalho.
Depois de uma exasperante perseguição a Orson Welles, encurralado nos esgotos da cidade, o filme termina com uma imagem belíssima, estática, carregada de sentido — daquelas que a memória retém por muitos anos.
Mais não se deve nem se pode contar: *O Terceiro Homem* é um filme essencialmente visual, e todo o seu mérito está no prazer que dá apenas vê-lo. *Luiz Nazário*

Liaison Gamma-Sigla
Orson Welles encurralado numa Viena barroca

OS PECADOS DE DORIAN GRAY ●●
(The Sins of Dorian Gray, EUA, 1983)
Direção: Tony Mailan. Com Anthony Perkins, Belinda Bauer, Olga Karlatos e Joseph Bottoms. Herbert Richers.

Baseado no clássico de Oscar Wilde *O Retrato de Dorian Gray*, o filme tenta passar para um cenário atual as inquietações levantadas pelo autor na era vitoriana sobre a vaidade, a imortalidade e a perpetuação da imagem através da arte. Dorian (Belinda Bauer) aqui é mulher, bela modelo fotográfico que se deixa seduzir pelo poder de sua beleza e pela filosofia da ambição de Henry (Perkins), dono da indústria de cosméticos onde trabalha. Com medo de envelhecer, acaba por fazer um pacto com as sombras, e a arte toma o lugar da vida real. Se no livro é um retrato a óleo de Dorian que ganha as rugas, no filme é um teste gravado para o cinema. Por outro lado, a vida ganha o lugar da arte, e a Dorian verdadeira adquire a eterna juventude. Porém, o preço é alto, e o peso do segredo passa a cercar Dorian de tragédias e solidão. A presença do hitchcockiano Perkins (*Psicose I e II*) é totalmente desperdiçada. Sua imagem é usada apenas para repetir frases do original que no filme se tornam um tanto inócuas. A estética humana colocada em enfoque por Wilde fica aqui totalmente perdida, e em momento algum consegue ir além de um retoque de cosméticos. *K.R.*

VÍDEO LANÇAMENTOS



Grant e Eva, em obra máxima de entretenimento

INTRIGA INTERNACIONAL ●●●●●
(North by Northwest, EUA, 1959)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Gary Grant, Eva Marie-Saint, James Mason, Jessie Royce Landis, Martin Landau, Leo G. Carroll. Vídeo Arte.

Os admiradores de Hitchcock dividem-se, *grosso modo*, em dois grupos. Há aqueles que preferem seus filmes compenetrados e graves, centrados no tema da culpa e da punição (*A Sombra de uma Dúvida, Pacto Sinistro, Um Corpo que Cai*), e há os que elegem o entretenimento puro de *A Dama Oculta, Ladrão de Casaca* etc. Para os deste segundo time, *Intriga Internacional* é a obra máxima do mestre. E não é para menos. São mais de duas horas da mais perfeita e mirabolante aventura. Retomando idéias desenvolvidas anteriormente em *Os 39 Degraus* (1935) e *Sabotador* (1942), Hitchcock faz Gary Grant (na pele do publicitário e *playboy* Roger Tornhill) cumprir uma via-crúcis pelo interior dos EUA, em ônibus, trens e automóveis, para provar a espiões estrangeiros que não é o agente da CIA Kaplan (que, aliás, não existe). De quebra, ele tem de fugir da polícia (que o toma por assassino) e descobrir se sua namorada, Eve (Eva Marie-Saint), é ou não uma espiã e amante do vilão Vandamm (James Mason).

A ação não pára, e a uma cena antológica segue-se outra melhor ainda. Na mais famosa delas, Tornhill, desarmado e a pé, é atacado no meio de um milharal por um avião pulverizador em vôos cada vez mais rasantes. Por sua beleza gráfica e suspense invulgar e absurdo, essa seqüência é uma síntese do filme e revela a faceta kafkiana de Hitchcock, ao situar o homem, sozinho e indefeso, diante de forças que ele não compreende e das quais não pode fugir. O mesmo sentido do absurdo reaparece, em clave cômica, no leilão de arte que Tornhill anarquiza para livrar-se dos espiões que o ameaçam. Homenageado por Donen em *Charada* e por Polanski em *Busca Frenética*, esse filme é a prova cabal de que cinema de diversão não é sinônimo de estupidez. *José Geraldo Couto*

FICÇÃO

A CHAVE DO FUTURO ●●
(In The Aftermath, EUA/Japão, 1988)
Direção: Carl Colpaert. Com Tony Markes, Rainbow Dolan. Paris.

Num planeta incerto, que poderia ser a Terra em época indefinida, os efeitos da poluição tornaram o ar irrespirável, e a salvação da humanidade parece estar nas mãos de uma garotinha (um anjo) que vaga sem rumo segurando um ovo gigante, símbolo do renascimento do universo. Praticamente não há roteiro, apenas um fio condutor ligando a ação real ao primoroso trabalho de animação de Mamoru Oshii (autor da história original), o qual remete aos delírios futuristas de revistas como *Metal Hurlant* e similares. *P.C.*

A TRIBO DA CAVERNA DO URSO ●●●
(EUA, 1986)
Direção: Michael Chapman. Com Daryl Hannah, Pamela Reed, James Remar. Globo Vídeo.

Difícil supor que num clã de homens pré-históricos, uma mulher fazia as primeiras reivindicações por direitos iguais. É o que acontece em *A Tribo da Caverna do Urso*, em que, ao que parece, fica demonstrado que o feminismo é mais antigo do que se imagina. Daryl Hannah é Ayla, a feminista das cavernas, pertencente ao grupo dos Neanderthals que, quando criança, se perde de sua tribo e é achada pelos Cro-Magnon. Ayla é muito diferente do grupo em que passa a viver, tanto física como psicologicamente, o que faz com que seja discriminada pelo grupo. Daryl, sensual sereia em *Splash* e andróide em *Blade Runner*, mostra que seu tipo longilíneo e exótico, além de servir bem a papéis esquisitos, é perfeito para sua interpretação de uma estranha mulher das cavernas. Aliás, todo o elenco tem um desempenho considerável, o que faz com que o ritmo do filme seja mantido. Com uma narrativa atraente e original, *A Tribo da Caverna do Urso* é, no mínimo, curioso. *M.R.G.*

NACIONAL

CURTA OS GAÚCHOS ●●●
(Brasil, 1990)
Obscenidades, de Roberto Henkin; Passageiros, de Carlos Gerbase e Glênio Povoas; Barbosa, O Dia em Que Dorival Encarou a Guarda e Ilha das Flores, de Jorge Furtado. Sagres.

Uma instigante seleção de produções em curtas-metragens do Rio Grande do Sul. "Obscenidades", baseado num conto de Ignácio de Loyola Brandão, mostra uma bela mulher casada sendo perturbada (e excitada) com as cartas indecorosas que recebe de um estranho. "Passageiros" mergulha na selva urbana, onde um taxista se associa com um assaltante. O destaque é a montagem criativa e apunhalante. Já o premiado em Cuba "O Dia em Que Dorival Encarou a Guarda" mostra um negro que viola as kafkianas regras de uma prisão, simplesmente por querer "tomar banho". O pacote se completa com "Barbosa", em que Antônio Fagundes chora as mágoas de uma histórica e traumatizante derrota futebolística, e "Ilha das Flores", premiado com o Urso de Prata no último Festival de Berlim. O filme (narrado por Paulo José) não poupa ironia, ao comentar a trajetória de um tomate, da horta ao depósito de lixo na Ilha das Flores (Porto Alegre), onde é consumido pelos pobres. *A.Q.N.*

GUERRA

DEBAIXO DA TERRA ●●●
(Debajo Del Mundo, Argentina/Checoslováquia, 1986)
Direção: Beda Docampo Feijoo e Juan Bautista Stagnaro. Com Sergio Renan, Barbara Mugica, Victor Laplace. Paris.

Esta co-produção narra a odisséia de uma família de judeus perseguida pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Obrigados a se refugiar debaixo da terra, os sobreviventes vivem em condições subumanas de existência, sendo levados, de tempos em tempos, a mudar de esconderijo para, dessa forma, assegurar sua sobrevivência tanto quanto possível. Rodado em locações na Checoslováquia, o filme ampara-se no relato de um dos membros da família, que conseguiu sobreviver à hecatombe e cujo emocionado depoimento encerra a narrativa. Tal-

vez se possa condenar o filme por se concentrar unicamente no drama dos refugiados em sua ânsia de sobreviver, deixando de lado os efeitos psicológicos que tal situação certamente provocaria. O filme procura apelar antes à emoção do espectador, mas evita cair na armadilha do sensacionalismo fácil, através de uma narrativa sóbria e contida. *P.C.*

TERROR

O ENTE DIABÓLICO ●●
(The Ghoul, Inglaterra, 1975)
Direção: Freddie Francis. Com Peter Cushing, John Hurt, Alexandra Bastedo, Gwen Watford. Reserva Especial.

Na Londres dos anos 20, após uma festa animadíssima regada a charleston e brincadeiras, dois jovens casais partem em seus carros numa disputa em direção ao oceano. Um dos carros desiste, o outro não passa de um pântano sombrio e enevoado. Próximo ao local, John Hurt é um assustador jardineiro de uma mansão desolada onde vive o *gentleman* Peter Cushing (num impecável desempenho) com uma cozinheira feiticeira. Com o carro encalhado, o rapaz sai em busca de ajuda e some. A linda donzela (Veronica Carlson) cai nas garras do jardineiro, que a entrega a Peter Cushing. Gentilezas à parte, a pobrezinha é entregue a um monstro de estimação da casa. Amigos preocupados não tardam a descobrir o paradeiro das vítimas. Com o habitual tratamento *B* de Freddie Francis, pródigo diretor do gênero, esta produção mantém um certo charme discreto. *W.S.*

A GUARDIÃ DA LÂMPADA MALDITA ●
(The Lamp, EUA, 1986)
Direção: Tom Daley. Com James Huston, Danny D. Daniels, Deborah Winters. F.J. Lucas.

As quinquilharias de uma anciã, assassinada por marginais, são levadas pela polícia a um museu de ciências naturais. Entre elas há uma velha lâmpada, onde mora um gênio malvado que tem como maior diversão promover carnificinas. As vítimas são oito adolescentes que resolvem passar uma noite escondidos no porão do museu à procura de sexo e aventuras. A história é previsível, e o filme nunca chega a assustar. *A.V.M.*

A MANSÃO DA MEIA-NOITE ●●
(The House of the Long Shadows, Inglaterra, 1983).
Direção: Pete Walker. Com Vincent Price, Christopher Lee, Peter Cushing, John Carradine, Desi Arnaz Jr. Globo Vídeo.
O engomado Desi Arnaz Jr. (o noivo de *Cerimônia de Casamento*, de Robert Altman) é um escritor norte-americano de best-sellers que aposta com seu editor inglês que consegue escrever uma novela "séria" em 24 horas. O problema é cumprir a tarefa em um casarão em Gales, onde os serviçais John Carradine e Sheila Kieth esperam para jantar nada menos que Peter Chushing, Christopher Lee e Vincent Price. O filme, apresentado anteriormente na TV brasileira, pretende ser uma homenagem ao terror "B" das antigas produções de Roger Corman ou da Hammer britânica. Mas acaba mesmo é servindo para uma deliciosa disputa de canastrice clássica a cargo de alguns de seus melhores representantes. *M.S.*

POLICIAL

SÍNDROME DO MAL ●●●
(Rampage, EUA, 1988)
Direção: William Friedkin. Com Michael Biehn, Alex McArthur, Deborah van Valkenbourgh. VTI.
Um Friedkin inédito nos cinemas, posterior a *Viver e Morrer em Los Angeles* e anterior a *The Guardian*, que o diretor finaliza. Drama policial com seqüência de tribunal, conta a história de um jovem assassino compulsivo (McArthur), autor de chacinas hediondas, com mortes seguidas de estupro e mutilação de senhoras — segundo ele, por ordem "do demônio". Michael Biehn é o assistente de promotor numa sinuca: em princípio contra a pena de morte, ele é (maldosamente) indicado por seu chefe para conduzir a acusação e pedir pena máxima. Não há investigação policial — o matador se deixa prender com certa facilidade —, mas um sutil debate sobre a culpabilidade dos desequilibrados mentais. Jogando com os repugnantes cenários de estripamento e o aparente autocontrole do rapaz, Friedkin, maliciosamente, atira o espectador na armadilha do "olho por olho, dente por dente" para surpreender com um final tragicamente irônico. Boas cenas de tribunal, em que defesa e ataque, para comover o júri, mostram toda sua canastrice e argumentação preconceituosa. *A.A.*

BARREIRA SANGRENTA ●●
(Blood Barrier, EUA, 1979)
Direção: Christopher Leitch. Com Telly Savalas, Eddie Albert, Danny De La Paz, Michael V. Gazzo e Cecília Camacho. Herbert Richers.
O título refere-se à fronteira entre o México e os Estados Unidos, onde o policial Frank Cooper (Telly "Kojak" Savalas) trava uma cruzada solitária contra o tráfico ilegal de emigrantes mexicanos. Envolvido com um desses emigrantes — o garoto Benito (Danny De La Paz) —, Frank, bancando o tipo durão e honesto, não hesita em infringir as normas para libertá-lo das mãos do todo-poderoso Don Suarez (o péssimo Michael V. Gazzo), que o mantém preso em regime de semi-escravidão. Apesar de uma promissora seqüência de abertura, o filme é irregular, desconhecendo a barreira que separa a denúncia da trama policial. *M.M.*

PARADA

Os mais alugados

1 **Batman**
(Warner)
2 **Indiana Jones e a Última Cruzada**
(CIC)
3 **Cyborg — o Dragão do Futuro**
(América)
4 **Corra que a Polícia Vem Aí**
(CIC)
5 **Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos**
(Globo Vídeo)
6 **A Dama e o Vagabundo**
(Abril Vídeo)
7 **Bagdad Café**
(Paris)
8 **De Caso com a Máfia**
(Globo Vídeo)
9 **Willow — Na Terra da Magia**
(LK-Tel/Columbia)
10 **Adorável Sedutora**
(Warner)

FONTES: OMNI, 2001, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios Vídeo, Sygma Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR).

O CHEFÃO DE NOVA YORK ●
(Black Caesar, EUA, 1973)
Direção: Larry Cohen. Com Fred Williamson, Art Lund, Julius W. Harris, Gloria Hendry. Globo Vídeo.
Como os clássicos do gênero — em especial *Scarface* (1932), de Hawks, e *Little Caesar* (1930), de LeRoy —, este filme mostra a ascensão, apogeu, solidão e queda de um gângster. Com uma diferença: seu protagonista é negro. Apesar desse ponto de partida original e da assinatura de Larry Cohen (especialista em terror e policial B), *Black Caesar* consegue em muito poucos momentos escapar do lugar-comum e da previsibilidade. A narrativa é ágil, mas os personagens são ridículos quando tentam passar por sérios, e os erros de continuidade e de produção chegam a ser irritantes. Só um exemplo: numa cena ouvimos um bebê esgoelar-se, desesperado, e o que se vê é um garoto tranqüilíssimo no colo da mãe. Pensando bem, esse tipo de comicidade involuntária talvez justifique uma espiada curiosa na fita. No mais, perfeitamente dispensável. *J.G.C.*

QUEM QUER ENTENDER AS LETRAS DAS MELHORES MÚSICAS,

QUER

BIZZ

LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Vocês estão dando uma cobertura muito grande para filmes inexpressivos e comerciais, enquanto que outros muito melhores, como *sexo, mentiras e videotape*, de Steven Soderbergh (n.º 10, ano 3), ficam reduzidos a um espaço ínfimo.
Jônathas Santana da Silva
(Coqueiro — BA)

Nós, cinéfilos e videomaníacos, pedimos aos colaboradores e críticos de SET que não contem mais os finais dos filmes resenhados pela revista, como aconteceu com *Juventude Transviada* (n.º 2, ano 4), que felizmente eu já havia assistido.
Osmar Andrade
(Recife — PE)

Onde Andam as Mulheres?

Por que só dá homem nas capas de SET? Será que as mulheres não possuem talento de nível internacional para brilhar em uma capa? Ou a revista é machista, delimitando apenas espaços secundários para o sexo feminino?
Paulo Koch
(Canela — RS)

Fichas de cine e vídeo

Quero parabenizá-los pela excelente revista. Só lamento que as fichas de cine e vídeo não acompanhem os lançamentos do cinema.
Jadir Marcos Correia Silva
(Recife — PE)

Cinema Paradiso e *Entrevista*

A seleção das fichas de cine e vídeo de SET n.º 2, ano 4, foi de primeira qualidade. Achei muito emocionante as resenhas sobre *Cinema Paradiso* e *Entrevista* na mesma edição. Também deixo meu protesto quanto ao descaso desta revista e de certos leitores pelo cinema nacional.
Márcio Ferreira de Souza
(Ubaporanga — MG)

Grandes Diretores

A edição n.º 12, ano 3, de SET agradou pelo artigo "Felicidade Individual" da seção Tempos Modernos, que nos mostra que Ernst Lubitsch é o grande cineasta expressionista. François Truffaut também é lembrado no esplêndido artigo de Antonio Querino Neto.
Ruth Jocelin Sebbagh
(Rio de Janeiro — RJ)

O Campo dos Sonhos e *Chuva Negra*

Acho que as "Matérias de Capa" devem ser de excelente qualidade (como foram as de *Batman* e *Indiana Jones e a Última Cruzada*). Nesse sentido, fiquei decepcionado com as de *O Campo dos Sonhos* e *Chuva Negra* (n.º 2, ano 4, e n.º 10, ano 3, respectivamente).
Ricardo Medeiros
(Sorocaba — SP)

Parabenizo a excelente matéria sobre o filme *O Campo dos Sonhos* e o perfil do ator Kevin Costner (n.º 2, ano 4).
Fúlvio Torres Flores
(São Paulo — SP)

Grace Kelly

Acho excelente o trabalho que SET tem realizado, informando-nos de tudo que acontece no mundo do cinema e vídeo. A reportagem sobre a inesquecível e saudosa Grace Kelly (n.º 1, ano 4) me tocou profundamente.
Marcelo Mutran C. de Souza
(Belém — PA)

Matéria de Capa

Para mim, a edição n.º 3, ano 4, foi a melhor SET já feita, trazendo uma excelente reportagem sobre Tom Cruise e sobre o belo *Nascido em 4 de Julho*, consagrando mais uma vez o trabalho de Oliver Stone. Em relação à matéria especial do Oscar, minha opinião é de que a Academia precisa começar a ler a SET.
João Alexandre Carvalho
(Rio de Janeiro — RJ)

A matéria sobre o filme *Nascido em 4 de Julho* (n.º 3, ano 4) está demais. Sem dúvida, é o melhor filme de Tom Cruise.
Isis Salete Lima
(Bauru — SP)

Congratulo a equipe de SET pela reportagem sobre Tom Cruise e o filme *Nascido em 4 de Julho*.
Daniela Januário
(Londrina — PR)

Extraordinária a matéria sobre o filme *Nascido em 4 de Julho* (n.º 3, ano 4). Lamentavelmente, Tom Cruise não levou a estatueta de melhor ator.
Rogério Alves Taveira
(Natal — RN)

Adorei a matéria "Tudo Sobre o Oscar" (n.º 3, ano 4). As premiações da Academia me lembraram certas eleições que aconteciam no começo deste século em um país — como é mesmo o nome dele?
Renata de Cássia Favoretto
(São Carlos — SP)

Parabenizo-os pelo show de profissionalismo demonstrado na edição n.º 3, ano 4, especialmente as reportagens sobre o Oscar e o filme *Nascido em 4 de Julho*.
Rogério Márcio Ribeiro
(Três Rios — RJ)

Achei excepcionalmente magnífica a reportagem sobre Tom Cruise (n.º 3, ano 4) e quero, através de todos os leitores, parabenizá-los pelo trabalho.
Taciana Tamanini
(Umuarama — PR)

Adorei a entrevista com Tom Cruise (n.º 3, ano 4). Afinal, estava demorando para SET fazer uma reportagem com ele.
Claudia Soares de Macêdo
(Recife — PE)

Correio entre os Leitores

Compro qualquer material sobre o filme *Platoon*. Endereço: rua Augusto Alves, 67, Grajaú. Juiz de Fora — MG (CEP 36050)
Leonardo Rosa dos Santos

CARTAS

Dias Melhores Virão

Ao crítico Eugênio Bucci: Não costumo fazer reparos a críticas a meus filmes quando não me sinto ferido por elas. Mas acabo de ler seu texto sobre *Dias Melhores Virão*, publicado na revista SET (n.º 3, ano 4), e não posso deixar de fazer o esclarecimento que se segue. É que eu gostaria de lembrar que escrevi o roteiro desse filme, com mais três colaboradores, no início de 1988, filmei-o entre outubro e novembro daquele mesmo ano, finalizando-o em 1989, não podendo portanto ter visto, em momento algum de qualquer de suas fases de produção, o filme *Mulheres...*, de Almodóvar. O que aconteceu com esses dois filmes foi uma coincidência interessante (quando um cineasta lida com o espírito de seu tempo, nem sempre ele é o único a captá-lo solitariamente em seus filmes), que pode ser interpretada de vários modos, mas nunca nada sequer parecido com influência. Na verdade, quando ouvi falar em *Mulheres...* já estava com o filme praticamente pronto; e, quando finalmente o vi, já estava na mixagem de *Dias Melhores Virão*. Embora não tenha certeza disso, pode ser até que eu tenha escrito e começado o *Dias Melhores Virão* muito antes que Almodóvar tenha escrito e começado o seu *Mulheres...* São os percalços de trabalhar numa indústria que não te permite levar menos de dois anos para concluir uma produção, enquanto em outros países isso pode se dar em até menos de um ano. Faço esse esclarecimento não só por amor à verdade e pelo interesse que tenho pelo pensamento cinematográfico (me sinto mais um cinéfilo do que um cineasta) como também por um capricho que reconheço pessoal e desinteressante — é que o Almodóvar não é, nem de longe, um dos meus preferidos, não acho que tenhamos rigorosamente nada em comum, até já andei criticando seus filmes pela imprensa. Basicamente acho que, na obra do Almodóvar, o cinema sai sempre perdendo. Por favor, tome esse esclarecimento apenas como uma colaboração. Embora não esteja de acordo com tudo que você escreveu sobre o *Dias...*, não tenho por que não respeitar seu texto. É com esse respeito que lhe deixo um abraço.
Carlos Diegues

Não gostei da crítica que SET fez de *Dias Melhores Virão* (n.º 3, ano 4), pois o filme é uma obra-prima e aproveito esse veículo para parabenizar seu diretor, Cacá Diegues, e todo o elenco pelo ótimo trabalho. Espero que essa minha bronca faça com que SET valorize mais o cinema brasileiro.
Jean Carlos Castro
(Brasília — DF)

Cinema Nacional

Não quero comprar brigas particulares, mas discordo profundamente da opinião da leitora Andreza T. de Barros (n.º 2, ano 4), que na minha opinião deve ser uma alienada cultural ao extremo. Segundo ela, o espaço para o cinema nacional deve ser suprimido e a revista deve dispensar a opinião da minoria. Não sou nenhum nacionalista exacerbado, mas sim uma pessoa que gosta do cinema de todo o mundo.
Ivan Massucatto Jones
(Erexim — RS)

Adoro a revista SET e acho que vocês não devem dar espaço ao cinema brasileiro, mas se possível editar uma revista somente com artistas brasileiros.
Ricardo Medeiros
(Sorocaba — SP)

Gostaria que SET abordasse com mais freqüência o cinema brasileiro, seus diretores e atores.
Clóvis Antunes Meneses
(Contagem — MG)

A Respeito da Qualidade

Acompanho, há muito tempo, a trajetória de SET e sempre admirei as reportagens de alto nível e as belas fotografias, a ausência de críticas pesadas (dessas que arrasam com as produções), comentários objetivos e excelentes entrevistas. Mas SET tem mudado a cada exemplar e as reportagens estão assustando o leitor, como o malho descido em *Caça-fantasmas II* (n.º 12, ano 3). Além disso, essa edição está horrível, a classificação feita de os melhores da década é ridícula, a revista está infestada de anúncios e ainda "encheram lingüiça" com uma reportagem fraca denominada "Retrospectiva". Graças a Deus escapam as reportagens sobre trilhas sonoras, Takes, Hollywood e Vídeo Lançamentos.
Rogério M.
(Natal — RN)

SET desde o começo surgiu como uma revista mais de cinema do que de vídeo e com reportagens inteligentes, esclarecedoras, investigativas, com novidades atualíssimas. Dessa forma, conseguiu ficar à frente das publicações similares. Contudo, a partir de meados de 1989, tenho percebido uma queda significativa na qualidade e no profissionalismo dos textos, agravados pela inserção do caderno de Vídeo & Equipamentos, que demonstra desinteresse pelos assuntos de cinema — principal motivo que nos leva a adquirila. Ressalto, ainda, que outras publicações especializadas em vídeo têm analisado o cinema com maior profundidade. Pessoalmente, acho que uma reportagem longa e com profundidade de avaliação é melhor que várias que procuram dar panoramas gerais de tudo, as quais se tornam superficiais e sem interesse para os que desejam aprender.
Ivan Santos Ruppel Júnior
(Curitiba — PR)

CP TV ELETRÔNICA

Não perca tempo nem dinheiro. Conheça agora mesmo os preços da 1.ª loja de acessórios para TV, Game, Vídeo da rua mais agitada do mundo.

LINHA ANTENA
- Antena Externa VHF e UHF.
- Antena Interna Latôa Cromado.
- Conversor de UHF.
- Acessórios para instalação.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÃO

LINHA VÍDEO CASSETE
- Capas para todos os modelos.
- Cabos para vídeo-TV.
- Conecções para vídeo-TV.
- Fitas Verbatim VHS

LINHA VÍDEO GAME
- Cartucho com 4 jogos.
- Joystick Anatômico.
- Peças para reposição de Joystick.
- Vídeo Game.

- Suportes para TV e Vídeo.
- Mesa para TV e Vídeo (Rack)

ATACADO E VAREJO
Rua Santa Ifigênia - N.º 44
CEP 01207 Consulte-nos
TEL (011) 229-5877

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson P. Gomes (executivo), Alex Antunes, Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Colaboradores
Críticos: Amir Labaki, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: Angela Villarrubia, César Garcia Lima, David Ratcov, Flávia C. Costa, Jorge A. Jesus, Konrado Reis, Márcia R. Godoy, Marcos Smirkoff, Mário Morettti, Roberto Cattani, Wagner Almeida Silva.
Arte: Marcelo Paton Viola
Fotografia: Rui Mendes
Revisão e Preparação de Textos: Marcos D. Agathão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Contatos: Iracema Marques Gil, Ricardo Mateoli, Maria do Carmo Barbosa.
Diretor - RJ: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Paulo Mesquita, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermidia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte: Flávia P. Bouchardet Fone: (031) 222-0121
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 20 de maio a 20 de junho.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Vendo fotos coloridas de várias atrizes. Endereço: rua Bolívar, 79, ap. 502, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22061)
Marcos Antônio de Souza

Pago Cr$ 40,00 e mando a fita virgem para quem gravar os programas do seriado *Anjos da Lei* veiculado pela Rede Globo aos domingos. Endereço: avenida do Forte, 954, ap. 230, Porto Alegre — RS (CEP 91360)
Márcio Alves

Compro e troco matèrial (principalmente pôsteres) de David Bowie, Michael Keaton e Johnny Depp e dos filmes *Labirinto, Férias do Barulho, Os Fantasmas se Divertem, ET — o Extraterrestre, A Hora do Espanto* e *A Hora do Pesadelo*. Endereço: rua Francisco Franco Sold., 208, Guarulhos — SP (CEP 07060)
Paulinie de Souza

Sou vidrado em trilhas sonoras, especialmente as compostas por John Williams e Basil Poledouris e troco correspondência com pessoas que também os curtem. Compro as trilhas dos filmes *Conan, o Bárbaro, Superman I, Os Caçadores da Arca Perdida, O Império Contra-Ataca* e *Conan, o Destruidor*. Endereço: rua 25, quadra 25, casa 17, conjunto Jardim de Versailles II — Alvorada II. Manaus — AM (CEP 69045)
Darlan Marcelo Pimentel

Quero me corresponder com fãs de Sylvester Stallone. Endereço: rua Mal. José Inácio da Silva, 284, Porto Alegre — RS (CEP 90440)
Sidnei Dias Castilho

Quero me corresponder com pessoas do Brasil e exterior para troca de materiais de diversos artistas. Endereço: rua Bela Vista, 1800. Jardim — MS (CEP 79240)
Walmir Leite Maldonado

Compro qualquer reportagem ou pôster dos atores Tom Cruise, Matt Dilon e Charlie Sheen. Endereço: rua Cardoso de Almeida, 1505, Botucatu — SP (CEP 18600)
Mônica Monteiro

Vendo o lote completo de SET dos números 1 ao 7, ano 3, ao preço do exemplar na banca. Endereço: rua São Sebastião, 139. Camutanga — PE (CEP 55925)
Elinaldo Pereira da Silva

Vendo cem encartes de cine e vídeo de SET. Endereço: rua Belém, 193. Osasco — SP (CEP 06220)
Isaac Pereira

Compro qualquer material referente ao ator Christopher Reeve. Endereço: rua General Artigas, 444, ap. 201, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22450)
Alessandra C. Azevedo

Compro fotos ou pôsteres dos filmes *Viagem Insólita, Morte nos Sonhos, Sob Suspeita, Silverado* e *Três Amigos*. Endereço: travessa José Ribeiro, 15, Macaé — RJ (CEP 28700)
Leandro Reid de Azereda

Compro poster do filme *Batman* e exemplar do gibi *Dez Noites da Besta*. Endereço: rua D. Cesária, 570, CEP 38440. Araguari — MG.
Rafael M. Rodrigues

Compro fichas de cine-vídeo e cartazes dos filmes de Mickey Rourke. Endereço: rua José Janhel, 33, Vila Rednek, CEP 13860. Aguaí — SP.
Neli Azevedo Rainere

Fãs-clubes

Troco informações sobre a cinessérie *Sexta-Feira 13*. Fã-clube do Jason. Endereço: rua Tenente Luiz Meirelles, 1557, CEP 25950. Teresópolis — RJ.
Augusto Leandro

Gostaria de corresponder-me com fãs de Michelle Pfeiffer. Vendo também material de revistas importadas. Endereço: Caixa Postal 714, CEP 09001. Santo André — SP.
Marisa Xavier Bonfim

Gostaria de corresponder-me com fãs-clubes do ator John Wayne. Compro também qualquer material sobre esse ídolo imortal. Endereço: rua Soares Cabral 15/101, Laranjeiras, CEP 22240. Rio de Janeiro — RJ.
André Luís Barata

Tenho interesse por fotos e reportagens de Meryl Streep. Possuo todos os seus filmes, com exceção de *Plenty* e *Manhattan*. Endereço: rua Santa Rita, 239, Brasília. Arapiraca — AL.
Dr. Sinfrônio Lins

Acaba de ser fundado em Curitiba o Brazilian Soundtrack Listener Association, uma entidade que visa buscar o intercâmbio com os entusiastas de música para cinema. Os interessados em obter qualquer tipo de informação sobre compositores, trilhas raras, revistas especializadas e lançamentos em todo o mundo escrevam para o endereço abaixo e mandem envelope e selo para respostas. Endereço: rua Visconde Rio Branco, 1830, CEP 80420. Curitiba — PR. Tel. (041) 226-1046
Clésius Marcos Real Aquino

Errata

O filme *Top Secret* (SET n.º 1, ano 4, pág. 68) foi dirigido por David Zucker.

Steve Miner é autor de duas *Sextas-Feiras 13* e não *Terças-Feiras 13*, como foi publicado na seção Em Cartaz do filme *Warlock* (SET n.º 2, ano 4, pág. 26).

Kevin Costner tem 34 anos e não 35, como foi publicado na Matéria de Capa do filme *O Campo dos Sonhos* (SET n.º 2, ano 4).

O crédito da foto na seção Avant-Première (SET n.º 2, ano 4, pág. 34) é Globe Photo.

Cartas para Diretor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

NV-L26BR VHS

Finalmente, scanner de código de barras e controle remoto num só equipamento.

Agora, finalmente, você pode ter tudo. O Panasonic NV-L26BR oferece uma combinação de controle remoto infravermelho com 10 posições e scanner digital LCD utilizando código de barras para seleção instantânea para mais de 8 programas, possibilitando até um mês de diversão. Sem que você precise sair de sua poltrona. Você pode assistir a programação local no sistema Pal-M, gravações no sistema americano NTSC e ainda no Pal-europeu. E, graças ao Super Sistema de 4 cabeças e à variação de velocidades com o Double Super Fine Slow, você não perde nada. Ajuste digital de tracking, repetição automática e timer localizador também estão incluídos. Diversão de primeira classe na ponta dos seus dedos. O rápido e simples estilo Panasonic.

Avançado VCR com stereo hi-fi e controles automáticos para facilitar localização e edição de cenas.

NV-F70BR Hi-Fi STEREO VHS

Panasonic

NEW TREND

À venda na Zona Franca de Manaus.

Videocassete de Alta Qualidade Sistema Dual PAL-M/NTSC

HV-BR77

o HQ VHS, o desempenho supremo

Super FX 4-HEAD e Programação horária na tela

GARANTIA DE 1 ANO

O AIWA HV-BR77 com o Super Sistema FX 4-head exibe imagens mais nítidas e bonitas em câmara lenta variável de 1/6—1/30, e também captura cada exato momento em imagens congeladas durante a reprodução de quadro a quadro. Além disso, possui um timer com programação na tela para maior conveniência. Estes e outros avanços contribuem ainda mais para o que há de mais moderno em matéria de rendimento de vídeo.

Mecanismo PAL-M de circuito real

- Configuração de 4 cabeças
- Display na tela
- Sistema HQ
- Funcionamento totalmente automático
- Gravação instantânea
- Avanço de quadro/câmara lenta/imagem congelada sem interferências (SP/LP/EP)
- Sintonizador-sintetizador de freqüência
- Programação para 6 eventos/14 dias
- Contador de fita digital

À venda na Zona Franca de Manaus

SERVIÇO DE GARANTIA

VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. - Av.Marechal Henrique Lott, nº 120, Loja 103,Barra Shopping, Barra da Tijuca, Tel.: (021)325-1481, CEP 22600, Rio de Janeiro - RJ.
ELETRÔNICA PAL-M LTDA.(TECNOVIDEO) - Rua do Sumidouro, nº 305, Tel.: (011) 815-9144 , CEP 04528, São Paulo - SP.
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETRÔNICA LTDA. - Rua General Polidoro, nº 177, Tel.: (021)295-3849, CEP 22280, Rio de Janeiro - RJ.
VIDEOTEC COMÉRCIO - C/REPRESENTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. - SCRN, 704/705, Bl. H, Loja 9, Tel.: (061)274-9805, CEP 70000, Brasília - DF.
VIDEOTRON - Getúlio Araújo de Miranda - Rua Mundurucus, nº 114, Centro, Tel.:(092)233-2633, CEP 69003, Manaus - AM.
VIDEO CHECK SISTEMA ELETRÔNICO - Travessa 14 de Abril, nº 1.674, São Brás, CEP 66030, Belém - PA.
ELETRÔNICA HIGHTEC S/C LTDA. - Rua Pandia Calogeras, nº 139, Jardim Shangri-La, Zona A, CEP 86070, Londrina - PR.

Digital Audio & Video

AIWA®